Captured

The Captive Series, Book 1



Erica Stevens



Aviso 1

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquirira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Aviso 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!





Envio: Kaka

Tradução e Adaptação: Anna K.; Louvaen Duenda; Lyvia S.

Revisão Inicial: Louvaen D. Crow

Revisão Final: Louvaen D. Crow e Anna K.

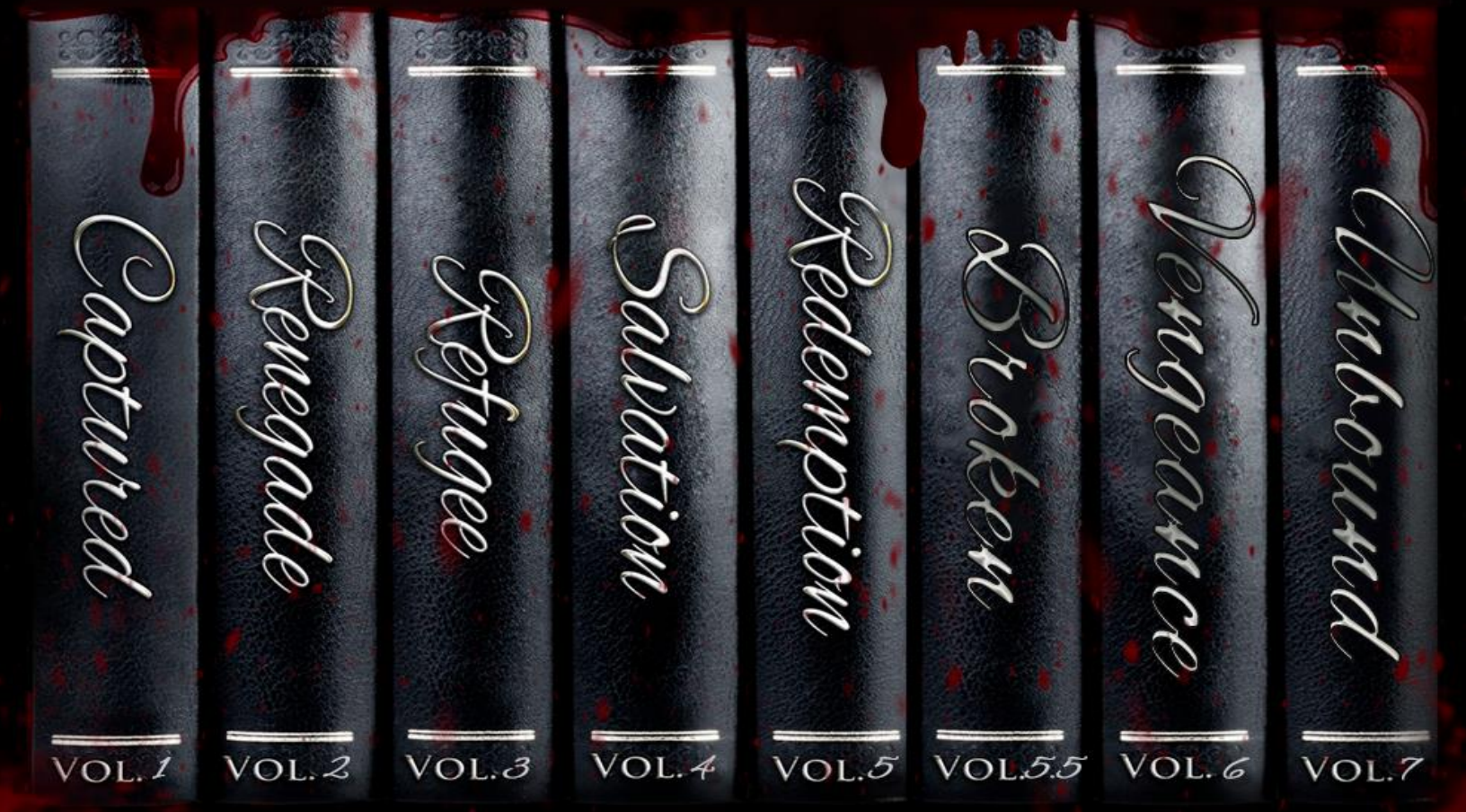
Leitura Final: Mika Hanazuki

Formatação: Bec D. Crow

Shifter's Apresenta

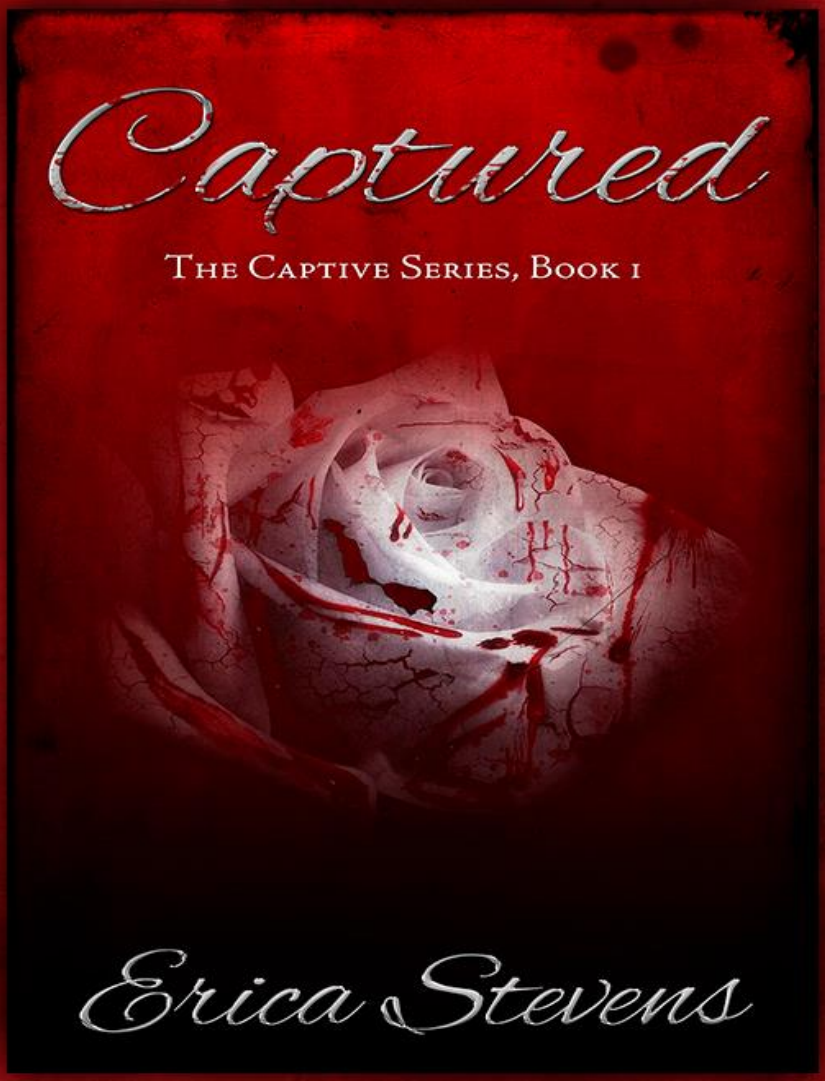
Série

A Cativa



Erica Stevens

Lançamento!



Livro 01

Sumário

Sumário 7

Sinopse 8

Capítulo Um 9

Capítulo Dois 36

Capítulo Três 53

Capítulo Quatro 74

Capítulo Cinco 96

Capítulo Seis 117

Capítulo Sete 137

Capítulo Oito 167

Capítulo Nove 185

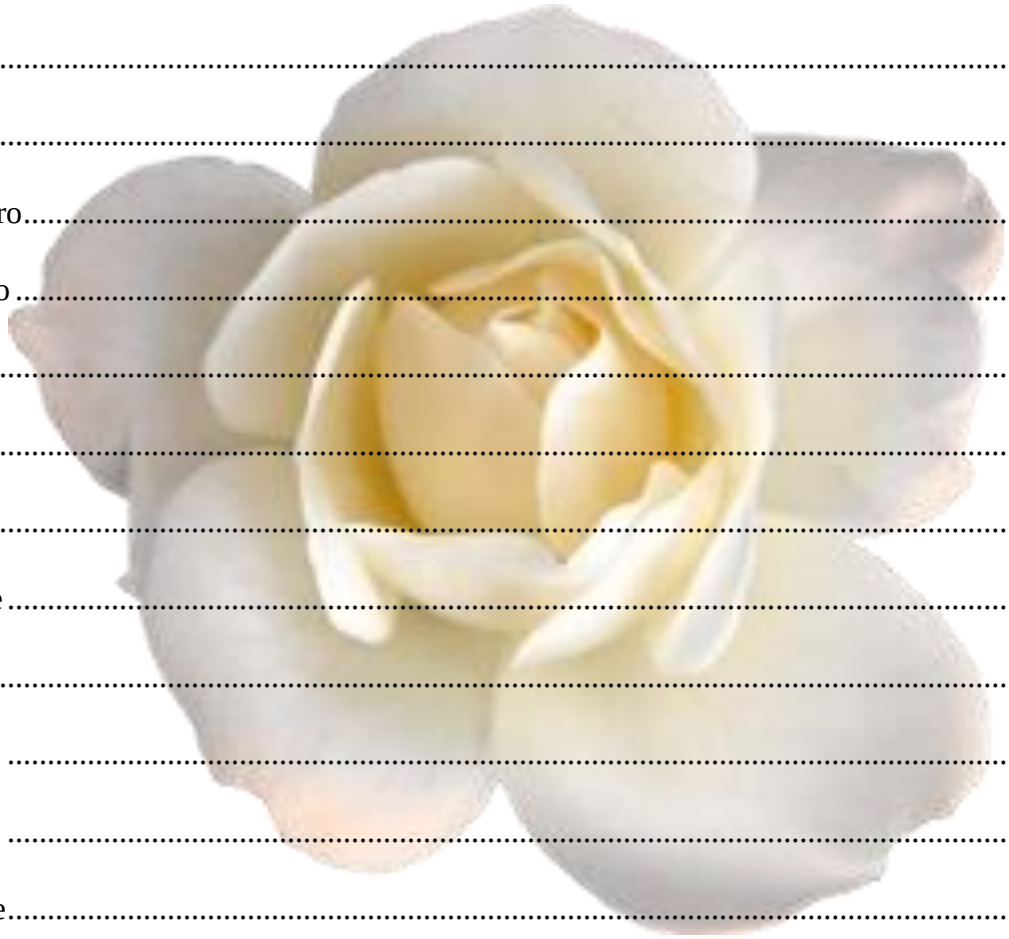
Capítulo Dez 204

Capítulo Onze 226

Capítulo Doze 242

Capítulo Treze 271

Fim...Por enquanto. 290



Sinopse



Escravo de Sangue.

Capturada e tirada da floresta e de sua amada família, o maior medo de Aria não é a morte iminente que enfrenta, mas ela ser escolhida como escrava de sangue para um membro da raça dominante de vampiros.
Não importando a que custo, Aria sabe que deve manter sua identidade escondida dos monstros aprisionando-a. Ela já foi rotulada como um membro da rebelião, mas os vampiros não conhecem a verdadeira profundidade de seu envolvimento com o movimento e nem nunca devem saber.

Apesar de esperar pela morte, o mundo de Aria vira de cabeça para baixo quando um vampiro chamado Braith se aproxima para reivindicá-la. Ele atrasa sua execução, mas Aria sabe que é apenas uma questão de tempo antes dele a drenar e a destruir. Especialmente depois de ela conhecer a sua verdadeira identidade: um príncipe da família real; a mesma família real que iniciou a guerra e derrubou a humanidade, reduzindo-os a nada mais que servos e escravos.

Aria está determinada a odiar o príncipe e luta ferozmente para não ceder a ele, mas sua estranha bondade e surpreendente gentileza a surpreendem.

Dividida entre sua lealdade à rebelião e seu amor crescente por seu maior inimigo, Aria se esforça para decidir entre tudo aquilo que já conheceu e um amor que nunca sonhou em encontrar.

Copyright © February 6th 2013 by Erica Stevens

Capítulo Um



Escravo de sangue.

A palavra era o suficiente para enviar um calafrio de terror pela espinha de Arianna. Ela estremeceu, engolindo em seco repetidamente, enquanto tentava molhar sua garganta repentinamente *muito* ressecada. Seus lábios doíam e agora já estavam secos e rachados. Ela não bebeu nada em horas e o fogo que consumiu partes da floresta ainda queimava em sua garganta. O cheiro de fumaça se agarrava em seu corpo, fazendo-a sentir o gosto da cinza em sua língua. Teria dado qualquer coisa por um pouco de água, mas estava certa de que sua miséria e desconforto logo chegariam ao fim.

Os mortos não precisavam de água afinal.

Surpreendentemente, a ideia de estar morta despertava ainda menos medo do que a alternativa: se tornar uma escrava de sangue. O

pensamento de ser mantida presa e usada para os meios mais repugnantes conhecidos pelo homem foi o suficiente para fazê-la querer arrancar seus cabelos e correr gritando de horror.

Mas Aria não fez isso, simplesmente porque não conseguia se mover o suficiente para realizar qualquer ação. Estava presa, cercada pelos corpos apertados contra ela. O ataque na floresta foi bem sucedido. As casas de muitas pessoas foram destruídas, saqueadas e incendiadas. Suas vidas foram irrevogavelmente destruídas e ninguém nunca mais veria seus entes queridos.

Os afortunados, aqueles que não foram escolhidos para serem escravos de sangue, sangrariam de imediato. O sangue seria drenado a contragosto e dolorosamente de seus corpos. Cem agulhas separadas perfurariam sua pele antes de serem finalmente mortos e o sangue seria engarrafado e guardado para uso posterior. Os infelizes, os escravos de sangue, eram usados repetidas vezes antes que seu dono se cansasse deles e os vendesse ou os secasse.

Arianna orou fervorosamente para que ela fosse seca imediatamente. Preferiria sentir a picada de *mil* agulhas do que ser usada repetidamente por meses ou anos. No entanto, tinha a sensação

de que se os vampiros descobrissem quem ela era realmente, nunca permitiriam uma morte tão compassiva. Eles nunca lhe concederiam a morte misericordiosa que esperava tão ardentemente.

Ela olhou para as pessoas ao seu redor. Sabia que todos morreriam de bom grado antes de revelar sua identidade assim como também sabia ter sido uma completa idiota por se permitir ser capturada em primeiro lugar. Se esses monstros descobrissem quem ela era, teriam uma forte influência sobre a causa e sobre a rebelião tentando usá-la contra os rebeldes que viviam dentro da mata, se escondendo, se movendo e lutando contra os vampiros que os perseguiam implacavelmente. Os vampiros que tomaram seu mundo e o torceram em uma cruel zombaria do que fora um dia.

Pelo menos isso era o que ela dizia, pois não se lembrava de um mundo sem medo, fome, fuga e esconderijos. Ela não se lembrava de um mundo onde a comida era comprada em lojas e as casas sendo aquecidas ou resfriadas.

Ela só conhecia um mundo onde existia a floresta, a ocultação, a caça e a luta por suas refeições. Um mundo que era brutalmente quente ou mortalmente frio e um onde nunca houve um teto consistente sobre

sua cabeça. Um mundo onde o seu pai era o líder do movimento rebelde, sua mãe estava morta e os dois irmãos sendo implacavelmente treinados para assumir um dia a posição do pai.

Aria nunca experimentou uma vida de segurança e proteção, onde ela não estivesse lutando e correndo diariamente. Mas ela ouviu as diversas histórias contadas do mundo antes dos vampiros e, entretanto estava certa que alguns dos contos eram fantasias e invenções, pois tudo soava simplesmente maravilhoso.

Quando criança, insensatamente desejou aquele mundo; quando adulta, deixara de lado sonhos infantis em favor de aprender a lutar e a caçar. Em favor de aprender a *sobreviver*.

Em seu mundo, o amor não era dado livremente, os abraços não eram trocados, e o único elogio que recebia era por suas habilidades superiores com arco e flecha. No entanto, embora o amor não fosse dado livremente, ela sabia que estava ali. Seus irmãos com certeza arriscariam tudo para recuperá-la e o pai dela gostaria de fazer o mesmo. Mas seu pai também saberia que isso não poderia ser feito. Ele não poderia arriscar a vida de tantas pessoas apenas por uma. Mesmo que essa uma fosse a dela.

O fato de perdê-la o mataria, mas ele faria o sacrifício, assim como sacrificou tantas outras coisas em sua vida.

Não, Arianna não tinha grandes planos de resgate e nenhum sonho que seu irmão William chegasse de forma imprudente, gritando como uma banshee, assim como ele atacava tão selvagemente em tudo. Ela não tinha esses sonhos porque seu pai, e o sempre sensato Daniel, nunca permitiriam que William chegasse a esse ponto. Na verdade, eles provavelmente teriam que amarrá-lo porque esta seria a única maneira de mantê-lo longe daqui. Seria a única maneira de mantê-lo vivo.

Uma pontada de arrependimento e dor a encheu ao pensar em seu irmão gêmeo. Sua outra metade. Eles sempre foram muito próximos, inseparáveis desde a criação. William não superaria isso, assim como ela também nunca teria superado sua perda, se seus papéis fossem invertidos.

Aria nunca deveria ter se permitido ser capturada mas infelizmente não teve escolha. A criança...

O olhar de Arianna deslizou lentamente para Mary Beckins. Mary permanecia orgulhosa, com os ombros empurrados para trás e o queixo

empinado enquanto olhava sem piscar para o mar de cabeças diante dela. Se não fossem pelas lágrimas escorrendo silenciosamente pelas bochechas manchadas de fuligem, Arianna pensaria que ela era muito destemida. Mas mesmo em seu choro silencioso, ela ainda parecia orgulhosa, desafiadora; inquebrável.

Parecendo sentir o olhar de Arianna, os olhos de Mary deslizaram lentamente em direção a ela. Era o filho de Mary, John, quem Arianna salvou. Foi o lugar de John que ela tomou neste inferno com a morte quase certa e terror à vista. Arianna perdera a vida pelo jovem John, e faria isso novamente se fosse preciso. Ela simplesmente só não teria sido tão imprudente e descuidada de novo. Sem falar que, se pudesse, teria pensado em uma maneira de garantir que ela e Mary não fossem enredadas na trama também.

Mas, como seu irmão gêmeo, Aria raramente pensava em suas ações e muitas vezes agia impensadamente, sem se importar com as consequências. Mas estas foram, de longe, as consequências mais terríveis que ela já enfrentou. E também seriam suas últimas. Ou então esperava assim.

Mary manteve o olhar por um longo momento, gratidão

transbordando em seus grandes olhos castanhos. Ela assentiu brevemente e deu um sorriso trêmulo que Arianna retornou.

O vampiro não sabia quem era Arianna e nem seu pai, e estava certa de que ninguém que a conhecesse lhes diria. As pessoas sempre respeitaram e admiraram o pai dela, mas hoje, com suas ações, elas também passaram a admirá-la e respeitá-la. Todos morreriam antes de entregá-la, mesmo que entregá-la significasse um perdão em suas próprias vidas. Mesmo que isso significasse uma chance de liberdade para eles.

— Não tenha medo, menina.

Ela queria se virar para ver quem tinha falado mas não podia se mover contra o esmagamento de corpos pressionando contra ela. Aria sentia o cheiro da sujeira, do suor, do terror e da fumaça que se agarrava a todos eles. A vida na floresta não permitia banhos regulares e ela estava acostumada com os cheiros das pessoas, mas esse era muito mais intenso e muito mais severo do que qualquer coisa que já tenha experimentado antes. Não tinha ideia se isso se dava ao fato de que estavam todos confinados, quando eram acostumados a vagar livremente, ou se era a certeza do fim de suas vidas que o tornava

excepcionalmente agudo. De qualquer maneira, o fedor era quase esmagador. Ela queria engasgar, cobrir o nariz e a boca e tentar bloqueá-lo. Queria chorar mas não podia e simplesmente ficou imóvel e paralisada no horror que se agarrava a ela.

O súbito movimento chamou sua atenção de volta ao palco montado diante deles. Um palco para um grande espetáculo. Como se já não fosse humilhante o suficiente ser transportada amarrada, eles também desfilariam em fila, e seriam separadamente examinados e escolhidos entre os espécimes apresentados. Arianna estremeceu de novo, esforçando-se para manter a compostura neste mundo que se desfazia rapidamente.

— Seja corajosa Aria, seja corajosa. — Ela engoliu em seco, fazendo um pequeno aceno de cabeça quando o homem atrás dela sussurrou em seu ouvido novamente. — Tome força daqueles ao seu redor.

Aria lutou contra o banho quente de lágrimas que de repente inundaram seus olhos. Ela endireitou os ombros, recusando-se a mostrar fraqueza e quebrar na frente dos monstros que agora se alinhavam diante deles. Enquanto fosse escolhida para a morte, poderia permanecer forte. Ela *seria* tão corajosa quanto seu pai e irmãos seriam

nessa situação e nunca lhes daria a satisfação de vê-la quebrar. Aria morreria com seu orgulho firmemente intacto.

Houve uma lenta ondulação de movimento. Arianna percebeu que o portão foi aberto e que os vampiros buscavam as pessoas na celas. Assistiu com horror quando eles removeram a primeira levando-a pelas escadas até o palco. Ela não reconheceu a jovem, que soluçava abertamente enquanto desfilava diante da fila de monstros avidamente examinando-a. Atrás do palco, outros monstros se reuniram na rua que levava ao coração da cidade. Todos se amontoavam entre os edifícios de dois e três andares que alinhavam a rua.

Os vampiros assistiam ao processo com um ar de indiferença que deixou Aria fumegando. Já era ruim o suficiente que eles tivessem sido pegos e fossem considerados não mais que comida, mas tinham que ser tratados como se valessem menos que um animal? Suas mãos se fecharam ao lado do corpo e sua mandíbula enrijeceu enquanto lutava para manter o controle de seu temperamento volátil.

Aria engoliu em seco quando a jovem foi levada para o lado. A mulher inclinou a cabeça e seus ombros tremiam com a força das lágrimas que lhe cobriam o rosto. Suas roupas eram pouco mais que

trapos embora Aria soubesse que as suas próprias não eram muito melhores, assim como seu cabelo e aparência. De fato, devido à festa de caça em que estava antes de ser capturada, já estava a mais tempo do que o normal sem tomar banho. O cheiro persistente de sangue, odor corporal e morte se agarrava no corpo, misturando-se com os outros odores terríveis que a envolviam. Ela esperava que sua péssima aparência e cheiro fossem suficientes para ganhar a tão desejada sentença de morte.

Um menino foi trazido e em seguida um jovem sem camisa que era bem musculoso por caçar e trabalhar dentro da floresta. O homem não foi levado ao mesmo local onde estavam o menino e a mulher, mas escoltado diretamente para uma vampira que era uma mulher jovem (ou pelo menos parecia jovem, não havia como saber a sua idade real), alta e magra, com um rosto de falcão que ao mesmo tempo era brutal e estranhamente bonito. A mulher vampira olhou ansiosamente para o jovem e esse olhar fez as pernas de Aria tremerem. Era mais do que aparente o que aquela mulher ia fazer com ele, e ela não parecia com paciência para esperar quando levou o homem rapidamente para fora do palco, atravessando a multidão reunida na rua. A multidão sorria

enquanto olhava a dupla desaparecer rapidamente da vista.

Arianna engoliu em seco, tentando manter a compostura, mas não tinha certeza se conseguiria passar por isso. Ela rapidamente entendeu que a mulher e o menino que ainda permaneciam no palco estavam ambos destinados à morte, um fato que o garoto também pareceu perceber quando começou a chorar abertamente. Seus soluços foram de partir o coração e levou quase toda a sua força não chorar em resposta.

O som suave de fungadas percorreu o resto da multidão. A maioria das pessoas permaneceu forte, mas seria apenas uma questão de tempo antes que elas também se quebrassem sob a pressão dos monstros que agora mantinham seus destinos. Arianna assistiu inerte mais pessoas trazidas a frente. O amontoado de corpos começou a diminuir e se não fosse pela pressão apertada em seu peito, ela poderia realmente ter sido capaz de inalar facilmente de novo. Em vez disso, mal respirava através do terror ameaçando esmagá-la.

Apesar da maioria das pessoas estarem dispostas a morrer, as que foram escolhidas para serem escravas de sangue eram as mais tristes, e abertamente choravam mais alto. Aria ofegava quando alguém deu um passo ao lado dela. Uma mão escorregou na sua, apertando-a com força.

Ela virou-se lentamente para a pessoa ao seu lado e o choque a atravessou quando viu quem era. — Max, — ela sussurrou.

Ele conseguiu um sorriso pálido e seus olhos azuis claros estavam tristes e resignados, mas ainda ressoavam com a força e confiança que estava tão acostumada. A tristeza a envolveu; a visão dele aqui era quase sua ruína. Um soluço subiu, ficou preso e estrangulou sua garganta. Max e seu irmão Daniel eram melhores amigos desde que ela se lembrava. Eles sempre estiveram juntos; quase tão inseparáveis quanto ela e William. Ele era como outro irmão mais velho para ela, provocando-a, insultando-a, ensinando-lhe coisas e protegendo-a.

Ele também foi a sua primeira paixão quando menina, antes de entender que nunca haveria um lugar para o amor em sua vida. Ela percebera há muito tempo que não viveria muito e que nunca teria uma vida pacífica. Não havia como trazer um filho para esse mundo de brutalidade, medo e humilhação. Mas por um breve momento, quando ela ainda era uma menina jovem e boba, pensou em ter um lar e uma família e Max foi o centro da maioria dessas fantasias como o homem que a ajudaria nesse sonho.

E agora ele estava aqui, com ela. — Max. — Ela sussurrou

novamente, seu coração se despedaçando em mil pedaços. Ela não pensou que as coisas pudessem piorar, mas pelo visto estava muito enganada. Ela poderia lidar com a sua própria morte, mas saber que Max também poderia morrer, ou ainda pior, *sobreviver* como um escravo, era mais do que ela podia tolerar. Max sempre foi muito bom, sempre paciente e gentil com ela. E embora tenha desistido das suas fantasias de um dia estar com ele, amava-o ternamente e profundamente. Ela não podia lidar também com isso, não de forma brava e estoica. Não mais.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente, seus olhos examinando-a. — Fique forte Aria, fique forte. Pense em seus irmãos, seu pai. Nós *vamos* passar por isso.

— Como eles te pegaram? — Ela murmurou miseravelmente.

Ele não teve que responder, ela já sabia como. Max estivera com ela na festa de caça, quando se aproximaram do acampamento humano. Os vampiros já estavam lá, invadindo o acampamento recém-montado com facilidade. Embora originalmente tivessem corrido para ajudar o povo, logo ficou claro que seria uma batalha perdida e que eles seriam inúteis. A melhor esperança era fugir, recuar na floresta e se esconder

até que os vampiros fossem embora com seus novos cativos.

E era exatamente isso o que eles estavam fazendo quando Aria viu o jovem John sendo capturado. Ela mergulhou descuidadamente para frente sem pensar em intervir e salvar o jovem rapaz magricela. Por causa disso, custou a seu pai e irmãos dois dos seus melhores soldados. — Oh, Max. — Ela sussurrou, com lágrimas ardendo em seus olhos.

— Eu não podia deixar você vir sozinha. Além disso, sempre fui curioso sobre o que acontece aqui. — Ele tentou soar alegre, mas ela ouviu a tensão na sua voz. — Não chore por mim, Aria. Eles vão pensar que você está chorando por causa deles, não lhes dê essa satisfação.

— Eles vão mantê-lo. — Ela gemeu, sabendo que era verdade. Ele estava imundo e desgrenhado, mas seus traços bonitos ainda eram claramente visíveis sob a camada de sujeira que cobria seu rosto e peito.

— Isso me dará a chance de descobrir um plano de fuga.

Arianna sacudiu a cabeça rapidamente. — Não, Max, eles não vão me manter. Não tenho nada para oferecer-lhes. — Era verdade; ela era magra e estava suja, desgrenhada, fedorenta e nem um pouco feminina

de todos os modos possíveis. Eles não ficariam com ela ou pelo menos essa era a esperança em que se apegava. Os vampiros não pareciam escolher escravos de sangue apenas pela aparência, mas por algum método estranho que não entendia e nem queria entender. Ela não queria ter nenhum tipo de compreensão dos monstros que mantinham seus destinos nas mãos. — Eu prefiro estar morta de qualquer maneira. — Ela assegurou.

Seus olhos se estreitaram e sua mandíbula se contraiu levemente. — Eles vão te querer Aria, e quando eles te levarem, deve se apegar ao conhecimento de que eu irei por você. Eu *vou* te salvar. Mantenha essa certeza e conseguirá passar pelos tempos terríveis que temos à nossa frente.

Ela engoliu em seco, atordoada pela seriedade e emoção que irradiavam dele. — Max...

— Eu irei por você, Aria. Prometo isso.

Ela engasgou, atordoada quando ele foi arrancado de repente dela. Foi só então que percebeu que havia apenas um punhado de pessoas dentro da área cercada. Ela quase correu atrás dele para

persegui-lo e a criatura que o puxou, mas deu apenas um passo antes de parar abruptamente. Não podia mostrar tanta emoção aqui, eles usariam isso contra ela ou contra Max. Não, precisava permanecer no controle e demonstrar nenhuma emoção quanto pudesse aqui.

Max foi exibido no palco e rapidamente reivindicado por uma mulher de cabelos escuros que exalava crueldade e sadismo. Aria engoliu em seco, sua mente girando quando percebeu o destino que Max acabara de receber. Ele acreditava que seria capaz de escapar. Ela sabia que ele era esperto, astuto, rápido e forte, mas *ninguém* nunca havia escapado dos vampiros antes. *Ninguém* jamais retornou à floresta livre após a captura. Uma vez que uma pessoa era tomada, ela permanecia prisioneira até morrer.

Max estava agora à mercê dessa mulher e como ela agora o possuía, poderia fazer o que quisesse com ele, sempre e pelo tempo que desejasse. E quando se cansasse, ela simplesmente o mataria, ou o venderia, e então procuraria outro brinquedo. Aria estava tremendo e suas pernas não obedeciam à vontade necessária para mantê-la em pé.

Ela não lutou contra as mãos ásperas que se apoderaram dela; estava muito chocada, com muito medo e atordoada demais para

começar a lutar agora mesmo. Max seria usado e torturado, e tudo por sua culpa. Por que ela não ouviu seu pai quando ele lhe disse para usar a cabeça e pensar antes de agir? Sua imprudência tola não só destruíra sua vida, mas a vida de um dos mais amados e queridos amigos.

O ódio de si mesma inundou rapidamente o seu corpo. Ela nem se importava mais com o que aconteceria, nem com o que fariam com ela. Levada rapidamente pela multidão, foi empurrada bruscamente para o palco e desfilou diante da multidão reunida, antes de ser conduzida pelos vampiros que lotavam as ruas. Parecia que os vampiros no palco poderiam escolher primeiro, e os que estavam na rua escolhiam em segundo lugar para pegar as mercadorias, se quisessem. Ela ainda estava atordoada pelas pessoas no palco enquanto era puxada, mas ninguém a reclamava. Ela não sabia se deveria sentir-se aliviada ou não e se viu querendo permanecer viva enquanto Max estivesse vivo. Se ele estava aqui por causa dela, então era justo que ela sofresse o mesmo destino atormentado que ele. Era justo que ela não recebesse a morte misericordiosa que desejava.

Aria encontrou o olhar de Max brevemente, odiando o terror e o desamparo em seus olhos quando foi puxada de volta para o lado da

rua. Esta seria a última chance de alguém reivindicá-la, e se não o fizesse, estava certa de que Max tentaria disparar em uma corrida louca em sua tentativa de chegar até ela. Para salvá-la.

O coração de Aria martelava dolorosamente em seu peito e ela mal podia ver através das ondas de adrenalina e medo atravessando-a. Piscou aturdida enquanto olhava para a rua, mal percebendo um homem que se adiantou. — Eu vou levar isso.

Isso! Isso! — Aria gritou internamente mas recuou horrorizada com a palavra. Ela mal podia respirar através do pânico apertando seu peito. A coisa que a tinha reivindicado estava se movendo através da multidão, cavando em seu bolso para recuperar o dinheiro que gastaria com ela. Ele não estaria gastando muito pois ela já havia sido exposta ali várias vezes antes da sua reivindicação.

Ele era uma coisa feia, mas todos eram feios, retorcidos e cruéis para ela. Este era excepcionalmente horroroso com os ombros curvados, nariz pontudo e olhos castanhos cruéis. Parecia deformado, malvado; errado. O cheiro de sangue se agarrava a ele quando se aproximou e agarrou o queixo dela. Aria estremeceu e tentou se afastar quando ele virou a cabeça para trás e para frente, mas não a soltou.

— Ela pode ser um pouco divertida, facilmente quebrada.

Aria estava quase ofegante e hiperventilando. Ela estava se esforçando para permanecer corajosa, mas podia sentir o pânico crescendo e a sua alma rompendo-se era muito mais dolorosa do que qualquer coisa que experimentou antes. E ela já havia experimentado algumas coisas muito dolorosas em sua vida. Mas *isso* era pior. Este homem faria muitas coisas e nenhuma delas seria boa. Todas projetadas para atacar seu corpo e sua mente.

Queria acreditar que ele não teria sucesso, mas pelo olhar malicioso e perverso em seus olhos, ela já não tinha certeza de quem sairia vitorioso.

O dinheiro foi trocado e os dois vampiros que a seguravam a entregaram para o homem. Ela queria fugir, correr gritando pela rua, mas sabia que não iria muito longe, e não lhes daria a satisfação de vê-la desabar, tampouco de recapturá-la e obter seu prazer em seu desespero. O vampiro começou a puxá-la para as escadas e ela cambaleou, tentando manter as pernas trêmulas enquanto ele a conduzia pelo palco.

— Espere! — A voz ecoou pela multidão reunida na rua com uma autoridade e uma nota de comando que até Aria parou em seu caminho. O vampiro que a segurava congelou instantaneamente, a mão dele afrouxou em seu braço, mas não a soltou. Houve uma ondulação entre a multidão, murmúrios encheram o ar, mas foram rapidamente silenciados quando as pessoas se afastaram para revelar um homem alto parado no meio da rua.

Bem, não um homem, na verdade, mas um dos inimigos mais odiados dela.

Ele ficou de pé casualmente, os ombros largos empurrados para trás. Seu cabelo preto estava despenteado caindo sobre seu rosto severo em ondas que destacaram sua boa aparência perigosa. Os óculos escuros estavam assentados em seu nariz bem definido e protegiam completamente seus olhos. A camisa azul escura que usava se agarrava a sua figura esbelta, mostrando uma sugestão dos músculos que sulcavam seu abdômen e peito. Suas mãos estavam dobradas diante dele, descansando na cabeça de uma bengala com um cabo de prata que ela não podia ver. Ao seu lado estava um lobo cinzento imóvel e os olhos do lobo estavam brilhantes, verdes e estranhamente focados nela.

Atrás do homem, mais dois outros vampiros flanqueavam seus lados, mas Aria dificilmente prestou atenção quando a criatura impressionante começou a avançar. A ponta da bengala estalou suavemente na calçada e o lobo o acompanhava silenciosamente ao seu lado. O animal se moveu diante dele quando chegaram à escada, roçando suas pernas antes de subir ao palco.

O homem, no entanto, não fez nenhum movimento para subir ao palco. O vampiro que a reivindicou finalmente quebrou o pesado e profundo silêncio. Sua voz estremeceu ligeiramente quando ele falou. — Sua Alteza?

Aria ficou surpresa e sua boca abriu em um pequeno suspiro quando ela viu o poderoso estranho com novos olhos. Embora não se soubesse muito sobre a fortaleza de vampiros, ela ouvira falar um pouco sobre o príncipe. Rumores sobre o futuro líder, aquele que um dia governaria todos os seus destinos, se seu pai fosse morto. Ela também ouviu dizer que ele era tão cruel e sádico como o velho homem.

Aria endireitou os ombros e uma onda de desafio a percorreu enquanto enrijecia a mandíbula e levantava o queixo. Ela não sabia o que se passou com ela, mas seu terror desapareceu rapidamente diante

do rosto daquele homem, e agora ela estava zangada. Furiosa de verdade e regiamente *irritada* com o tratamento desumano e injusto de seu companheiro. O lobo roçou contra sua perna, assustando-a ligeiramente, mas ela foi capaz de manter sua surpresa escondida enquanto o animal se acomodava a seus pés.

O vampiro que a segurava estremeceu ligeiramente e seu medo tornou-se quase palpável. Aparentemente, alguns dos rumores que ouviu sobre o herdeiro eram verdadeiros, pois todos pareciam ter medo da criatura diante dela. A boca do príncipe se curvou ligeiramente e a diversão se passou brevemente sobre suas feições severas. Os óculos grossos que usava cobriam os olhos, mas ela podia sentir a atenção dele fixada nela e seu forte interesse enquanto a observava.

— Ela virá comigo.

Um suspiro coletivo escapou da multidão, mas foi rapidamente encoberto, e silenciado, pelos olhares afiados dos dois homens atrás do príncipe. O leiloeiro cuspiu ligeiramente e seus olhos se lançaram rapidamente para Aria e depois para o resto do palco. — Sua Alteza, nós temos outras... — Ele parou, parecendo frenético enquanto procurava por ajuda que não estava disponível. — Temos as mais bonitas. —

Arianna se arrepiou e o nariz enrugou-se ao atirar no leiloeiro um olhar sombrio que ele não notou, pois estava muito focado no homem ao pé da escada. — Outros que tenho certeza que serão muito mais do seu agrado. Eu selecionarei um se você quiser.

— Não. — O príncipe respondeu vigorosamente. — Eu quero *essa*. Devolva o dinheiro ao homem e entregue-a para mim.

O homem que a segurava a soltou instantaneamente; ele não conseguia se afastar dela rápido o suficiente enquanto se retirava apressadamente. Aria engoliu em seco e o medo escorreu por ela. Todas essas pessoas estavam aterrorizadas com o príncipe e agora ele estava colocando uma reivindicação por *ela*. O que isso significava? O que ele queria com ela, e por que diabos ele a escolheria quando o leiloeiro estava mais do que certo? Havia mulheres muito mais bonitas aqui!

Aria virou-se lentamente em direção a Max. Seus olhos estavam arregalados e suas narinas se alargaram com a força de suas respirações rápidas. O terror estava escrito em todo o seu rosto; no entanto, não era terror por si mesmo, mas por *ela*. Aria estremeceu e suas mãos apertaram seus cotovelos enquanto se segurava com força. Embora estivesse estranhamente sem medo do príncipe diante dela, estava com

medo da reação que todo mundo estava tendo dele. Ele deveria ser um monstro cruel porque todos estavam paralisados de terror com medo de se mexerem ou falarem ao redor dele.

— Venha aqui. — Ela saltou ligeiramente ante a ordem cortante, mas encontrou seus pés congelados no lugar, sem conseguir se mover em direção a ele. O leiloeiro estava boquiaberto como se ela fosse uma idiota total, mas Aria estava paralisada. Finalmente, tendo decidido que ela devia ser uma completa imbecil, o leiloeiro se aproximou e estendeu a mão para segurá-la pelo braço. — *Não* toque nela!

O leiloeiro saltou, tropeçando um pouco para trás, quando a ordem ladrada pelo príncipe ressoou bruscamente. O leiloeiro ficou completamente pálido e o suor escorria pelo seu rosto enquanto ficava boquiaberto. Foi a reação dele que finalmente encaixou algum sentido nela. Ela não podia ficar aqui o dia todo, o príncipe só viria por ela (ele a possuía agora), e ela não sabia o que ele faria se tivesse que recuperá-la. Havia outros inocentes nesse palco e Aria de repente temeu que o príncipe os machucasse se continuasse a desobedecê-lo.

Max deu um passo rápido para frente e sua boca se abriu ligeiramente. Ela balançou a cabeça bruscamente para ele, aterrorizada

com o que aconteceria se ele tentasse defendê-la. Essa bagunça toda foi culpa dela, e ela tinha que aceitar as consequências, não importa o quão terríveis elas pudessem ser. O lobo afastou-se enquanto ela caminhava lentamente, descendo as escadas com dificuldade.

O príncipe seguiu seus movimentos, recuando quando ela parou diante dele. Conseguia se ver refletida na lente escura de seus óculos, e ficou aliviada ao descobrir que não parecia apavorada, mesmo que por dentro estivesse uma bagunça trêmula de confusão e medo. Ele era grande, poderoso, arrogante e, apesar de seu ódio intenso por ele e por todos da sua espécie, ela não pode deixar de reconhecer que ele também era magnificamente bonito.

O que diabos ele queria com *ela*?

O príncipe permaneceu imóvel, seu olhar focado nela por um longo tempo. Então, abruptamente se virou, deixando-a atordoada e imóvel. Ela não sabia o que fazer, o que estava acontecendo e o que se esperava dela. Seu olhar deslizou impotente de volta para Max. Sua mandíbula estava tensamente travada, sua descrença e choque evidente em seu rosto. Ele virou-se lentamente para ela, seus olhos azuis brilhantes feridos e assustados.

— Eu vou te encontrar. — Ele murmurou silenciosamente.

Arianna queria acreditar nele e queria confiar em suas promessas, mas não via como escaparia do poderoso monstro que a possuía agora. Ela estremeceu e seus dedos cavaram com mais força nos cotovelos. O lobo passou silenciosamente por ela, arrastando-se lentamente atrás de seu mestre. — Por aqui.

Aria saltou ligeiramente ante a ordem enérgica. Os dois homens que acompanharam o príncipe aproximaram-se dela, com as mãos estendidas. Aria deu um pequeno passo para trás, assustada com os tamanhos enormes e os olhares severos. O príncipe virou-se ligeiramente para trás, as sobrancelhas escuras se franzindo nitidamente por cima dos óculos, enquanto a boca ficava apertada.

Seus homens pareciam sentir sua súbita irritação quando suas mãos caíram frouxamente de volta para os lados. Arianna olhou para o príncipe surpresa ao perceber que ele parecia realmente irritado com o pensamento deles a tocando. —Mova-se! — Um dos homens ordenou baixinho.

O príncipe não olhou para trás enquanto caminhava rapidamente

pela rua.

O lobo e os três seguiram-no silenciosamente.

Capítulo Dois



Aria não parava de se impressionar e não conseguia fechar a boca por mais de alguns segundos. Tudo era tão incrível, tão maravilhoso e tão *estranho*. Ela nunca tinha visto nada assim, nem sequer imaginou que pudesse *existir*. E agora estava de pé bem no meio de uma fantasia, sendo abertamente encarada e avaliada enquanto era conduzida para a grande sala de entrada do enorme palácio.

Ela ouviu histórias de palácios e suas belezas requintadas e desenhos elaborados, mas sempre assumiu que eram apenas isso, *histórias*. Nunca sonhou que lugares tão maravilhosos e opulentos poderiam ainda existir, quanto mais que ela estaria andando por um deles. Tudo era brilhante e limpo, enorme e maravilhoso.

Ela olhou para o telhado muito acima e sua boca se abriu ainda mais quando viu a maravilhosa obra de arte pintada. Aria nunca tinha visto nada como a beleza das cores e detalhes acima dela. Tampouco

nunca viu uma pintura antes. Ela tinha visto desenhos, como os que Daniel amava esboçar quando não estava ocupado caçando comida, planejando estratégias de ataque ou lutando por sua vida. Ele criava coisas maravilhosas com o carvão que tiravam das cavernas, mas estes não tinham cor e nem eram tão grandes e espetaculares como este. Por algum motivo estranho, ela sentiu lágrimas queimando os olhos ao ver a magnífica arte no teto.

Piscou rapidamente afastando-as, baixando a cabeça enquanto se apressava pelo chão branco e brilhante. — Braith! — Aria pulou de surpresa quando a palavra foi dita duramente. A cabeça dela se levantou e seus olhos se arregalaram quando percebeu a mulher que caminhava propositadamente na direção deles. Ela estava vestida luxuosamente e seu cabelo dourado foi puxado para trás em uma trança apertada que destacava suas belas feições. Aria parou instantaneamente, incapaz de se mexer ou respirar enquanto olhava para a incrível mulher. Uma mulher que nunca conheceu a fome, o medo, os trapos ou a sujeira. Uma mulher que estava olhando para ela com nojo aberto e desprezo. — *O que* é isso? — Ela exigiu friamente.

— É uma escrava de sangue, Natasha. — Respondeu o príncipe

secamente.

A mulher piscou surpresa e seu olhar percorreu desdenhosamente a Aria. Embora ela quisesse se afastar do olhar mordaz, conseguiu jogar os ombros para trás, estreitar os olhos e segurar o seu olhar. O príncipe, Braith, não olhou para Aria, mas simplesmente continuou em silêncio encarando a mulher.

— Eu posso ver isso, Braith. O que *você* está fazendo com ela?

Ele virou-se ligeiramente para Aria, as sobrancelhas franzindo enquanto a assimilava. Aria olhou desafiadoramente para ele, recusando-se a recuar e a deixá-los ver o medo que estava se formando. — O que normalmente é feito com uma escrava de sangue, Natasha? — Ele perguntou, sua voz profunda retumbando suavemente. — Eu pensei que você ficaria feliz por eu decidir finalmente pegar uma.

As finas sobrancelhas da mulher subiram rapidamente e Aria sentiu seus lábios abrirem-se ligeiramente. Ela era a primeira que ele pegou? Mas não, isso não poderia ser possível; essas criaturas amavam seus escravos de sangue. Eles adoravam torturar, usar e abusar das

pessoas até que não restasse nada delas. Era o que ela sempre ouvira, então tinha que ser verdade. Não era?

— Você poderia tê-la limpado primeiro. A garota é uma bagunça, Braith. Eu não posso acreditar que você a trouxe para a nossa casa assim. Eu posso sentir o cheiro dela a um quilômetro de distância, e ela provavelmente tem piolhos. A raiva disparou através de Aria, suas mãos em punhos ao seu lado enquanto olhava para a mulher loira. Ela poderia não estar limpa, mas certamente *não* tinha piolho. — Eu vou cuidar disso imediatamente.

O olhar de Aria se voltou para o príncipe. Lá estava, aquela terrível palavra *isso* novamente. Ela certamente era mais do que *isso*, mas não aqui e não agora. Ela estava bastante certa de que seria apenas *isso* daqui em diante. — Espero que sim. — Retrucou a mulher.

A mulher passou rapidamente por eles, deixando Aria olhando para trás e exasperada sobre a conversa. Foi a suave cutucada do lobo que a alertou para o fato de que estavam se movendo mais uma vez. Ela correu para frente, ansiosa para alcançar o príncipe, de repente aterrorizada de que ele a deixasse sozinha neste lugar. Um lugar em que

não era bem-vinda, e que agora não parecia tão magnífico agora quanto a dois minutos atrás.

Aria não parou para pensar no fato de que a única coisa que a fazia se sentir segura naquele mundo estranho era a criatura que agora a possuía. Era muito perturbador pensar sobre isso.

A mão de Arianna arrastou-se pela madeira ornamentada e brilhante do corrimão enquanto subiam lentamente uma grande escada. Ela nunca tinha visto uma escada como esta antes, que se curvava e se torcia até o segundo andar. Existiam escadas nas cavernas, onde passava uma boa parte de sua vida, e já esteve em ataques a casas abandonadas, como também já visitou algumas casas antes, mas nenhuma daquelas escadas era remotamente parecida com isso. Estas eram gloriosas, opressivas e belas.

— Reúna alguns servos. — O príncipe ordenou por cima do ombro.

— Sim.

Um dos homens se afastou, indo para o outro lado do longo corredor antes de desaparecer por mais um lance de escadas. Aria olhava com admiração enquanto se moviam lentamente para frente. Ela

não sabia se queria olhar para as lindas pinturas e quadros que se alinhavam à parede à sua direita, ou ficar boquiaberta na incrível sala embaixo dela à esquerda. Embora tivesse acabado de atravessar o grand foyer, ele parecia ainda mais impressionante daqui de cima. O lustre era espetacular, o vidro irradiava com as cores brilhantes das milhares de luzes dentro dele e as sombras rodopiantes de obras de arte no alto.

A varanda aberta terminou abruptamente quando as paredes se fecharam ao redor deles mais uma vez. Aria engoliu em seco e uma sensação esmagadora de desgraça iminente se instalou sobre ela. Ela estava presa aqui dentro deste mundo de decadência, ganância, brutalidade e morte. Embora Max quisesse resgatá-la, ela não tinha muita esperança para isso, assim como não tinha muita esperança de encontrar sua própria fuga.

Inferno, ela não conseguia nem lembrar como sair desse vasto lugar, quem dirá tentar fugir dele e de todos que viviam aqui.

Pela primeira vez, o verdadeiro medo por sua vida começou a se consolidar. Ela estava muito atordoada, chocada e confusa para realmente entender a realidade de sua situação antes. Agora era assimilada e não era bom. Seu coração disparou em seu peito, batendo

pesadamente contra as costelas. Ela engoliu nervosamente, cruzando as mãos diante do seu corpo enquanto tentava permanecer tão dócil e discreta quanto possível. Eles não sabiam quem ela realmente era, lembrou a si mesma. Ela não seria punida por causa disso, pelo menos.

A única coisa que contava a seu favor era que sua magreza a fazia parecer fraca e desamparada, quando era qualquer coisa, menos isso. Se ela permanecesse dócil, então talvez deixassem a guarda baixa ao seu redor e ela seria presenteada com uma oportunidade de escapar. Era uma esperança pequena, mas a única que tinha que para se apegar. O que não queria pensar era no que seria feito com ela até que chegasse a hora da possível fuga.

O homem com o príncipe parou diante de uma porta, abriu-a e recuou para permitir a entrada deles. Aria congelou, hesitando no corredor, as mãos cruzadas diante dela enquanto olhava para a sala escura. O príncipe não acendeu a luz enquanto desaparecia nas sombras, o lobo se arrastando atrás dele.

O homem restante a encarou fixamente, seus olhos escuros cravaram nos seus enquanto ela engolia pesadamente e repetidamente. Ela não conseguia saliva suficiente para molhar a

garganta seca. — Vá.

Aria saltou ligeiramente ao comando do homem. Ela queria virar e correr, fugir rapidamente pelo corredor. Não importava se ela não soubesse como sair daqui, já não ligava mais. Simplesmente não podia entrar naquele quarto escuro e se lançar a um destino pior que a morte.

Aria recuou um passo quando o homem veio lentamente em sua direção. O pânico atravessou-a e ela sentiu-se como um animal encurralado enquanto recuava para a parede. Um grito de terror se construiu, e seu peito se contraiu rigidamente quando seu coração pulou descontroladamente. Uma grande mão veio para ela e Aria sabia instintivamente que, se a tocasse, perderia o controle total de qualquer compostura que mal estivera se apegando.

— Deixei claro que não quero que ninguém a toque. — As palavras perigosas, rosnadas da porta do quarto escuro, fizeram o cabelo no pescoço de Aria se levantar. Seu olhar viajou lentamente em direção ao príncipe. Ele havia voltado para a porta aberta e estava encostado no batente, mas a tensão em seu corpo desmentia sua postura casual. — Se eu tiver que te dizer de novo, eu vou te matar.

A boca de Aria caiu e o coração dela pulou descontroladamente. Ela podia sentir a batida forte da pulsação vibrando rapidamente em seu pescoço. Ela não sabia o que fazer com toda essa situação horrível e bizarra. Os olhos do homem se arregalaram levemente, mas foi o único sinal de emoção que ele mostrou ao se afastar rapidamente dela.

— Entre.

Aria olhou freneticamente pelo corredor. O príncipe dissera ao homem para não tocá-la novamente, mas isso não significava que ele não iria atrás dela, e ela tinha a sensação de que, se o príncipe tivesse que persegui-la pelo corredor, não terminaria bem. Ela engoliu rapidamente, tentando reunir sua coragem que rapidamente se esvaziou enquanto caminhava lentamente em direção ao quarto escuro.

O príncipe se afastou, misturando-se nas sombras novamente, desaparecendo na escuridão por apenas um breve momento antes que a luz transbordasse. Aria foi incapaz de suprimir o suspiro de admiração e espanto que a encheu. Sem pensar, avançou devagar, atraída pela beleza e pelo esplendor da sala. Entrou no aposento luxuoso, observando a obra de arte, os móveis entalhados à mão, a cor e a luz maravilhosas que pareciam estar refletidas em todos os lugares.

Lágrimas surgiram enquanto ela se movia lentamente para frente, olhando para todos os lugares ao mesmo tempo, e incapaz de absorver tudo. Grandes janelas da sacada ficavam em frente aos mais belos jardins que ela já vira, flores desabrochavam e derramavam por toda parte, fluindo em uma onda de cor que era impressionante.

As pinturas dentro da sala eram todas paisagens, belas montanhas e rios com animais e pores do sol que eram tão realistas que ela quase acreditava serem reais. Belas lâmpadas e vasos coloridos transparentes estavam espalhados por toda a sala. Os três sofás dentro do cômodo pareciam aconchegantes e convidativos.

Aria deu mais alguns passos para frente, incapaz de fechar a boca enquanto absorvia tudo, tentando sugar o máximo da beleza que podia. Ela estava desnorteada, oprimida e encantada com o esplendor que a rodeava. Por um momento não conheceu medo, fome ou sujeira. Por um momento conheceu apenas beleza e paz, e uma sensação tão profunda que ela mal podia respirar através da maravilha de tudo isso.

O clique suave da porta atraiu sua atenção de volta para o príncipe e para a dura realidade de sua vida agora. Ela poderia estar cercada de

coisas bonitas, mas também estava cercada pelas criaturas mais vis que vagavam pela terra. E um de seus líderes observava-a atentamente, as sobrancelhas franzidas e a boca comprimida numa linha dura e tensa.

Aria piscou para ele surpresa, só então percebendo que havia lágrimas rolando por suas bochechas. Limpou-as apressadamente. A última coisa que ela queria era que ele pensasse que chorava porque estava com medo. Endireitando os ombros, desafiadoramente encontrou seu olhar. Ele se afastou dela, olhando lentamente ao redor da sala. Sua testa estava franzida em consternação. Aria franziu a testa para ele também, incapaz de entender a expressão estranha em seu rosto, ou o que causou isso.

Uma batida suave na porta chamou a atenção deles. O príncipe abriu-a, recuando quando três mulheres entraram silenciosamente no quarto. Aria se arrepiou e suas narinas se alargaram enquanto observava as mulheres. Elas eram todas humanas, e ela as odiava ainda mais por isso.

Essas eram as pessoas que abandonaram sua própria espécie; que se entregaram aos vampiros em troca de não terem que lutar, se esconder ou temer. Essas pessoas se voltaram contra a sua própria

espécie, e isso ainda as delataria num piscar de olhos. A maioria estava entre a classe de servos dos vampiros, mas alguns subiram para posições mais altas e mais valiosas nas mortes que mancharam suas almas. Aria olhou para as mulheres, suas mãos em punho enquanto lutava contra o desejo de socá-las. Foi uma dessas pessoas que causou a morte de sua mãe. Eles se infiltraram no acampamento, conquistaram a confiança e entregaram todos. Sua mãe foi assassinada durante o ataque que isso resultou.

Aria apertou a mandíbula, tentando não se lançar em uma dessas mulheres enquanto fechavam a porta atrás delas. — Você nos chamou, milorde. — A loira alta disse suavemente para o príncipe, seus olhos tremulando um pouco demais para o gosto de Aria.

Ele acenou em direção a Aria. — Eu quero que ela seja limpa.

Aria se arrepiou e seus olhos se estreitaram quando ela virou sua animosidade no príncipe. Ela não era um cachorro, pelo amor de Cristo; ela era perfeitamente capaz de tomar banho e se limpar. E certamente não precisava da ajuda dessas "*mulheres*". Os olhos das mulheres deslizaram em sua direção, alargando-se ligeiramente quando notaram sua presença entre eles. A loira a olhou com nojo evidente, a

ruiva parecia completamente indiferente, mas foi a pena nos olhos da pequena morena que realmente irritou e enervou Aria. Não precisava e não queria a pena de ninguém.

Ela se afastou deles, incapaz de olhá-las por mais tempo. Elas a repeliam ainda mais do que ela repelia-as. —Claro. — A loira ronronou.

— Eu vou enviar roupas para ela. Você sabe onde fica o banheiro.

Aria pulou para trás e puxou o braço quando alguém tocou seu cotovelo. —Não me toque! — Ela rosnou, sentindo nenhum remorso quando a ruiva se afastou com medo.

As três mulheres a observaram exaustivamente, aparentemente tentando decidir se ela seria um perigo, algo que poderia realmente ser uma possibilidade. — Você vai permitir que elas limpem você. — Ordenou o príncipe.

— Eu posso me limpar! — Ela retrucou.

As mulheres ofegaram, encolhendo-se e se afastando ainda mais quando ela deliberadamente, e em voz alta, desafiou seu líder. Um fato que poderia resultar em sua morte instantânea. Ela não se importava,

estava com raiva, com medo e cansada de ser tratada como algo pior que um animal. Estava completamente presa e à mercê do homem à sua frente, olhando-a como se ela fosse algo que ele nunca tinha visto antes. Ela supunha que ele não estava acostumado a ser desafiado e que tal desafio frequentemente resultava em consequências severas, mas não se importava mais. Apenas uma hora atrás, desejava a morte, mas agora descobriu que poderia estar realmente à beira dela.

O príncipe deu um passo em sua direção, usando seu enorme tamanho para tentar intimidá-la. Aria apertou a mandíbula e ergueu o queixo desafiadoramente enquanto olhava para aqueles óculos grossos. Odiava o fato de que ele os usava pois desejaria olhá-lo nos olhos e ver como eles se pareciam quando ela dissesse para ele se danar.

Ele se aproximou dela, não lhe dando escolha a não ser recuar se não quisesse ser tocada. E ela certamente não queria que ele a tocasse.

Aria recuou novamente quando ele se aproximou, quase se inclinando sobre seu corpo enquanto se aproximava dela. — Pare com isso!— Aria se odiava por gritar em protesto e deixá-lo ver o quanto ele a abalava, mas ela não conseguiu parar as palavras quando ele a apoiou em uma parede.

Suas mãos bateram na parede de cada lado de sua cabeça, fazendo-a pular de surpresa. Seu coração pulou e balançou violentamente quando pela primeira vez realmente começou a temer essa criatura. Até agora não sabia o que fazer ou o que ele queria com ela. Mas uma coisa ela soube agora: ele não gostava de ser desafiado, e ela estava com um pouco de medo de que ele simplesmente arrancasse seu coração. Algo que sabia que ele poderia fazer sem hesitação, sem reservas, e antes que ela pudesse piscar.

— Você vai permitir que elas façam isso, ou *eu* farei.

Os olhos de Aria se arregalaram e ela engoliu pesadamente com o pensamento aterrorizante do que ele estava dizendo. Ela não tinha dúvida de que ele a arrastaria para o banheiro, tiraria a sua roupa e a jogaria em uma banheira de água. Infelizmente ela não respondeu tão rapidamente quanto o desejado, pois o príncipe agarrou o seu braço e praticamente arrastou-a do quarto. Aria se apressou em acompanhá-lo, tropeçando atrás dele enquanto ele a puxava rapidamente.

Ele a levou através de outra porta e ela pegou um breve vislumbre de livros, uma escrivaninha e cadeiras de couro antes de ser puxada para outro cômodo. Este a deixou aturdida e pasma. Havia uma coisa branca

estranha e grande no meio do cômodo que brilhava e suas luzes refletiam-se nele. Também continua alças de ouro e algum tipo de torneira.

Ele a soltou abruptamente antes de atravessar o local. Ele girou as alças, fazendo com que a água se libertasse. Aria ofegou e sua mão voou para sua boca enquanto olhava para a coisa maravilhada. Que tipo de engenhoca estranha e maravilhosa era essa?

O príncipe virou-se para ela, a confusão enrugando a sua testa enquanto ele a estudava . — Oh! — Aria suspirou quando o vapor começou a subir da água, alertando-a para o fato milagroso de que a água estava quente. Ela nunca tinha visto essa coisa antes, mas sentiu que ia gostar muito dela, já que a maioria de seus banhos era sempre frio. Era raro ter tempo para ferver a água e encher a banheira de madeira que escondiam dentro das cavernas. Na maioria das vezes, ela não se incomodava por causa do tempo e esforço que levava, mas de vez em quando ela se dava um banho quente.

O príncipe a estudava e a perplexidade em seu rosto era um pouco desconcertante. Ela não pôde encontrar o olhar dele quando uma inesperada onda de vergonha passou por ela. Ele a estava estudando

assim porque sabia que ela tinha muito pouco, e que tinha pouco conhecimento sobre o mundo fora das cavernas, bosques e córregos, além da caça e da morte que compunham sua vida. E agora que percebeu isso, sentiu pena dela.

No entanto, quando ela o olhou, não viu pena em seu rosto. Em vez disso, viu um entendimento que a deixou abalada e insegura. Ela não podia manusear esta invenção estranha sozinha mas parecia que ele também não conseguiria fazer pois disse rispidamente. — Permita que elas façam isso.

Aria engoliu em seco, incapaz de encontrar palavras então simplesmente assentiu em silêncio antes de ele sair do cômodo.

Capítulo Três



Aria se mexeu desconfortavelmente enquanto puxava a gola do suéter que usava. Era o material mais macio que já experimentou e parecia maravilhoso contra sua pele, mas ela não conseguia se acostumar com isso. Suas roupas eram sempre ásperas, esfarrapadas e nem de longe tão quentes quanto este pano suave. Ela puxou a gola novamente, nervosa e assustada com a quantidade de pele exposta. Mesmo no verão, ela usava mangas longas e golas altas para evitar picadas de insetos, arranhões e outros perigos entre os bosques e dentro das cavernas.

Mas o suéter não era tão ruim quanto a saia na qual eles a tinham colocado. Caía até acima dos joelhos em ondas negras suaves que balançavam e fluíam enquanto ela andava. Aria não conseguia se acostumar com a sensação desse movimento tampouco com o fato de ter suas pernas expostas assim. Ela até dormia completamente vestida,

apenas no caso de haver um ataque; pois sempre precisava ser rápida e se mover rapidamente. Vestindo isso, porém, ela não seria capaz de se mover rápido, e quase certamente seria pega pois o suéter era um farol vermelho brilhante para sua localização. Eles a limparam e até removeram o cabelo de suas pernas com uma navalha, mas não conseguiram tirar os hematomas e arranhões que marcavam sua pele. Parecia ridícula na saia, com os membros inferiores machucados e joelhos nodosos, mas estas foram as roupas que trouxeram para ela.

As mulheres se agitaram ao seu redor, escovando seus cabelos enquanto conversavam baixinho. Elas não disseram nenhuma palavra para ela, nem Aria havia falado com elas nas últimas horas. Trocaram fofocas, falaram de homens de que gostavam e em reverência sussurrada ao príncipe. De toda a sua conversa animada, Aria descobriu que a loira gostava de ser uma das favoritas do príncipe e passava tempo com ele aqui, em seu apartamento.

Aria tentou não pensar no desconforto e confusão que a revelação lhe causou. Ela deveria estar aliviada pelo príncipe ter outras mulheres para manter sua atenção; talvez ele simplesmente quisesse apenas o sangue dela e nada mais. O pensamento era repulsivo o suficiente, mas

até que ela pudesse escapar, sentiu que poderia ser capaz de suportá-lo. Aria estremeceu, afastando-se um pouco quando a loira, Lauren, escovou seu cabelo um pouco mais forte quase arrancando as raízes. Aria a olhou com raiva, mas a mulher mal notou enquanto continuava a atacar o cabelo de Aria.

— Quando foi a última vez que você escovou essa bagunça? — Lauren murmurou.

Aria apertou a mandíbula e as mãos, recusando-se a responder a mulher insípida. A morena, Maggie, deu a Aria um olhar simpático quando terminou de aplicar algum tipo de cor estranha nas suas unhas. Ela olhou confusa para elas, sem entender por que alguém iria querer fazer isso com suas unhas, mas aparentemente era popular já que todas as três meninas usavam. Julia, a ruiva, trouxe um par de sapatos que Aria tinha certeza de que foram projetados para matá-la. Quem andava em um sapato tão alto e pontudo cujos tornozelos poderiam quebrar com essas coisas?

Aria permaneceu imóvel enquanto aplicavam seus toques finais e recuavam para examiná-la mais de perto. O olhar de Aria se afastou delas, odiando a visão das marcas de mordida que marcavam os

pescoços e os pulsos internos. Era evidente que elas, de bom grado e aparentemente do jeito que estavam falando, *ansiosamente* davam seu sangue. Ela se perguntou se era apenas o príncipe que bebia, pois as mulheres pareciam muito à vontade em seus aposentos, sabendo onde tudo estava localizado; ou se elas davam a qualquer vampiro que pedisse.

— Por que você acha que ele a escolheu? — Perguntou Julia, inclinando a cabeça para estudar Aria com mais atenção.

— Eu não sei. Ela certamente não é nada para se olhar. O príncipe deve ter decidido que seria bom ter uma escravo de sangue disponível para ele sempre que estivesse com fome. — Lauren respondeu. — Embora estejamos sempre disponíveis.

Julia riu e os olhos brilharam quando cobriu a boca com a mão. — Sim, nós estamos.

Aria conseguiu manter o rosto impassível, ela queria bater nas mulheres insípidas, mas se forçou a não reagir a nenhuma das suas palavras rancorosas. Embora achasse que não era uma competição para as mulheres voluptuosas, era mais do que aparente que Lauren se sentia

ameaçada por ela por algum motivo. Aria não ia tranquilizá-la de que não precisava temer a sua concorrência; ela não queria nada com esse lugar.

— Coisinha ossuda. — Lauren murmurou.

Aria revirou os olhos, contendo sua resposta aguda. Julia se ajoelhou diante dela, empurrando os sapatos tortuosos nos seus pés. Ela estremeceu quando seu pé foi torcido e espremido nas coisas terríveis e dolorosas. Quando Julia terminou, ela agarrou seus braços e a colocou de pé. Aria se encolheu, odiando as coisas desconfortáveis amarradas à ela. Ficou de pé, cambaleante e incerta, e se esforçando para não fazer uma careta de dor.

— Você vai se acostumar com eles. — Maggie disse suavemente, acariciando seu braço tranquilizadoramente. Julia e Lauren reviraram os olhos, mas decidiram manter seus comentários sarcásticos para si mesmas dessa vez. — O príncipe está esperando.

Aria moveu-se para frente, tentando se acostumar com os novos sapatos, mas mal conseguiu se mexer enquanto avançava a um ritmo irritantemente lento. Não haveria fuga naquelas engenhocas terríveis, e

ela se viu amaldiçoando quem quer que fosse o idiota que os inventara. Maggie teve pena dela e agarrou seu braço, ajudando-a. Aria não se afastou da garota dessa vez, principalmente porque precisava da ajuda, mas também porque, por mais que não concordasse com as escolhas de Maggie, descobriu que quase a tolerava.

Ela foi levada de volta para a sala de entrada principal. O príncipe estava deitado no sofá, o braço jogado sobre os olhos e uma perna firmemente plantada no chão. O lobo estava deitado no chão diante dele; e o animal levantou a cabeça para observar quando elas entraram na sala. O príncipe deve tê-las sentido ou ouvido, pois deixou cair o braço e sentou-se. Ainda usava os óculos, mas Aria soube instantaneamente quando seus olhos pousaram sobre ela.

Seu coração se agitou em seu peito e uma sensação estranha escorreu por ela enquanto ele a olhava silenciosamente. — Nos deixe.

As três garotas balançaram a cabeça rapidamente antes de saírem silenciosamente da sala. Aria ficou de pé, incerta com as mãos cruzadas e assustada com o que aconteceria a seguir. Eles estavam sozinhos nesta sala, e ela estava ante sua total e absoluta misericórdia. — Muito melhor. — Ele disse suavemente. Aria engoliu em seco, mordendo o lábio

inferior quando encontrou o olhar dele novamente. —Venha aqui.— Ela congelou, arregalando os olhos e seu coração batendo descontroladamente em seu peito. Não queria se aproximar mais dele, estava aterrorizada com a maneira estranha como ele a fazia se sentir, tão nervosa e estranhamente excitada. — Eu não vou te machucar.

Ela não sabia se *deveria* acreditar ou não, mas sentia que *podia*. Ela ficou parada em pé por mais um momento antes de tentar cambalear para frente nas armadilhas da morte, agora amarradas a seus pés. Um pequeno grito escapou quando seu tornozelo se torceu e suas pernas se dobraram sob ela. Ele estava ao lado dela instantaneamente, pegando-a antes que ela pudesse atingir o chão.

Os olhos de Aria se arregalaram e ela o olhou chocada quando ele a ergueu devagar. Ela começou a tremer, incapaz de entender essa estranha criatura diante dela. Vampiros eram monstros, eles destruíam humanos, os usavam e abusavam deles antes de jogá-los fora, mas essa criatura era um enigma que não conseguia nem começar a entender. Em um momento ele era arrogante, intimidante e ameaçador. No seguinte ele era assim, quase terno e gentil enquanto a segurava com cautela em suas mãos.

Isso era parte do seu jogo? Ele queria tentar ganhar sua confiança antes de atormentá-la, torturá-la e destruí-la? Essa explicação parecia muito mais provável do que a que sugeria que essa criatura, um dos líderes dos monstros, poderia ser realmente afável.

— Eu não acho que esses sapatos sejam para você.

Aria piscou para ele e sua boca se abriu um pouco quando ele a colocou no sofá que havia abandonado. — Definitivamente não.— Ela concordou.

Aria assistiu em descrença atordoada quando ele se ajoelhou diante dela. Sua respiração congelou e seu coração pesou em seu peito enquanto o príncipe dos vampiros, muito devagar e gentilmente, tirava as coisas terríveis de seus pés. Suas mãos eram macias sobre ela e seu toque provocou uma excitação estranha na sua espinha. Ela se viu querendo confiar nele e até mesmo *gostar* dele.

E ela sabia que tudo isso era uma coisa muito perigosa de se fazer.



Braith olhou para a jovem diante dele. Seus olhos estavam arregalados, sem piscar, completamente desorientados enquanto ela o olhava em silêncio. Sua mão demorou em sua perna, roçando brevemente contra sua pele macia. Os hematomas escuros e arranhões nela eram vívidos contra sua pele pálida. Ele não sabia o que causara o abuso óbvio que ela havia suportado, mas descobriu que não gostava disso. Nem um pouco. Ele não sabia o que estava acontecendo sobre essa garota, mas ela o fascinava, intrigava e cativava de uma maneira que ninguém jamais conseguiu.

Ela era bonita o suficiente agora que as camadas de sujeira foram removidas. E cheirava melhor agora que a fumaça, sangue e cheiro de odor corporal tinham sido lavados dela. Ele detectou um leve indício de morangos se agarrando à sua pele, mesmo que a tivessem lavado em algum perfume florido; coisa que ele achou que não combinava com ela. Ela não era alguém para ser envolvida em flores suaves; parecia qualquer coisa menos delicada enquanto o observava com os olhos cansados e entreabertos. Braith sentiu que por baixo de seu comportamento dócil havia algo muito mais intenso e muito mais forte do que o modo como ela tentava parecer agora. Seu perfume poderoso

que lutava para superar o apego floral a ela, era um grande indicador desse fato.

Suas feições eram suaves e delicadas, e tão jovens quanto a inocência que irradiava. Sua boca entreaberta era carnuda, os dentes retos e uniformes, e surpreendentemente brancos em comparação com a falta de higiene que exibiu na chegada. Seus olhos azuis cristalinos estavam arregalados sobre ele, cheios de descrença, medo e incerteza. No entanto, eles também pareciam intrigados e curiosos quando ela inclinou um pouco a cabeça para estudá-lo. Seu cabelo, limpo da sujeira que o cobria, era de um ruivo escuro e brilhante. Ele brilhava à luz da sala e o vermelho em si era lustroso e brilhante. Ele não tinha certeza se ele já havia visto um tom como este.

Ele não entendia o quê sobre ela que o intrigava tanto. Ele viu mulheres muito mais bonitas que ela em sua longa vida. Esta era muito magra, as clavículas eram proeminentes e os ossos em suas mãos eram claramente visíveis. Ele preferia que suas mulheres tivessem mais carne nelas, mas pelo jeito dela ao chegar, era mais do que aparente que sua vida não era de abundância e prazer como as mulheres a quem ele estava acostumado.

Mas a partir do momento em que a viu, realmente a *viu*, ele foi cativado e atingido. Não havia nada de espetacular na configuração do palco ou nas pessoas que ali estavam. Na verdade, ele não tinha visto uma única pessoa, até que ela foi trazida. Ele nem sequer pretendia parar no leilão, quanto mais se comover pelos procedimentos. Braith não tinha nenhum uso para escravos de sangue, havia pessoas dispostas suficientes no mundo sem a necessidade das relutantes, mas quando ela foi conduzida ele parou subitamente.

Ela não era digna de um segundo olhar, estava imunda, nojenta e ousada. Desafio e orgulho irradiavam dela. Eles eram um farol o chamando, prendendo sua atenção como nada fez em anos. No princípio ele mal a tinha visto, mas quanto mais ele a olhava, mais clara ela se tornara para ele.

Ele recostou-se agora, inclinando a cabeça enquanto a observava. Ela o estudou com a mesma intensidade com a qual ele a estudava, mas por razões completamente diferentes. Ela com certeza se perguntava sobre seu destino, o que ele ia fazer com ela e o que ele queria dela. Ele a estudava porque realmente podia *vê*-la. Isso era incrível, fantástico e maravilhoso e um pouco desconcertante.

— Por que você está sendo tão legal comigo? — Ela perguntou suavemente, sua testa franzindo-se um pouco quando seu olhar passou por ele.

Braith suspirou suavemente, jogando os calcanhares de lado antes de se levantar lentamente. A boca dela se abriu e a cabeça inclinou-se para trás para olhá-lo.

— Qual é o seu nome?— Ele perguntou.

Ela lambeu os lábios nervosamente e suas pequenas mãos puxaram as mangas do suéter enquanto se mexia ansiosamente. Havia pequenos cortes e machucados em seus longos dedos e calos marcavam suas mãos bronzeadas. —Arianna. — Ela disse suavemente.

Ele ergueu uma sobrancelha, curvando a cabeça para estudá-la. — Esse é o seu nome verdadeiro?

Um pequeno sorriso cruzou as bordas de sua boca carnuda e pela primeira vez ele viu humor real em seus olhos. — Sim.

Ele descobriu que acreditava nela quando se acomodou no sofá ao seu lado. — Eu sou Braith.

Ela assentiu lentamente, com os olhos cansados novamente. — Sim, eu sei. O que você quer comigo Braith?

— Eu não sei ainda, Arianna.

Medo piscou através de seus olhos e ela recuou um pouco antes de endireitar os ombros, cerrando o queixo e estreitando os olhos sobre ele. — Tudo o que você fizer para mim será feito à força.

Seu desafio deveria incomodá-lo (ela já o havia desafiado mais hoje do que qualquer um na vida), mas ele se achou um pouco divertido com isso agora. Enquanto não havia ninguém por perto, ele descobriu que não se importava com sua demonstração de coragem. — Você acha que sim? — Ele perguntou suavemente.

Ela parecia ligeiramente surpresa, mas rapidamente encobriu. — Eu sei que sim! — Ela retrucou bruscamente.

Ele deu de ombros indiferentemente. Não sabia o que queria com ela nem o que pretendia fazer com ela. Poderia decidir amanhã que ele não a queria aqui afinal; não acreditava que isso ocorreria, mas era conhecido por seus caprichos de fantasia, especialmente quando se tratava de mulheres. Ele estava cativado por ela e sua capacidade de vê-

la, mas não sabia o que ia fazer com ela.

Uma coisa era certa, ele não iria se forçar nela. Fez muitas coisas em sua longa vida, muitas delas não boas, mas nunca se forçou a uma mulher relutante. Não havia necessidade para isso; havia muitas dispostas lá fora.

— Vamos ver. — Ele disse simplesmente.

Seus olhos se estreitaram em fúria e suas narinas delicadas se alargaram. Ele não sabia por que estava provocando-a, mas era divertido observá-la irritada com ele. Sua mandíbula ficou mais rígida e ela se virou lentamente para longe, suas mãos em punho em suas pernas delgadas.

— De onde você é de Arianna?

Seu queixo se elevou ligeiramente, mas, embora ainda estivesse com a aparência de desafio, ele podia sentir a dor que brilhava através dela. — Ao redor. — Ela disse simplesmente.

— Você mora na floresta?

— Sim.

— Você é um membro da resistência?

Ela hesitou e os nós dos dedos ficaram brancos com a força de seus punhos cerrados. — É por isso que estou aqui, não é? Os membros da resistência são punidos por sua desobediência, tornando-se escravos de sangue ou sendo sangrados. É uma maneira de desencorajar nossa luta, não é?

— Eu suponho que sim. — Ele concordou suavemente. — Você acha que isso está errado?

—E não está? — Ela retrucou.

Ele recostou-se e a analisou. O azul brilhante de seus olhos estava em chamas de indignação e justiça quando o olhou. — Se a sua espécie simplesmente concordasse em trabalhar conosco, então não haveria necessidade de punição.

— Concordar em ser seus escravos de outras maneiras, você quer dizer?

Ele deu de ombros novamente e sem pensar estendeu a mão para segurar a dela. Ele ouviu sua respiração congelar enquanto tentava

acalmar a pressão apertada dentro de seus punhos. Com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, aqueles olhos inocentes e largos eram surpreendentemente sinceros ao observá-lo. — A lei do mundo diz que prevalecerá o mais forte.

— E você é o mais forte?— Ela exigiu.

— Claro.

Seus olhos se estreitaram, seu olhar era intenso e questionador. Finalmente, ela balançou a cabeça lentamente, mordendo nervosamente o lábio inferior enquanto se afastava. Ela balançou a cabeça ligeiramente, a cabeça baixa enquanto mexia com as mangas do suéter novamente.

— Você não concorda? — Ele perguntou.

— Você conseguiu nos expulsar de nossas casas, obrigando-nos a fugir e nos esconder. Você se alimenta de nós, então sim, eu suponho que isso te faz mais forte. Em suas próprias mentes, pelo menos. Mesmo que isso não lhe dê o direito de fazer o que fez conosco.

—A maioria das pessoas voltou para suas casas quando a guerra

acabou. A maioria das pessoas retornou às vidas que deixaram para trás. Apenas a Resistência permaneceu escondida, lutando e morrendo nas florestas durante os últimos cem anos .

Ela virou-se lentamente de volta para ele e seu desafio se dissipou quando a fúria brilhou. — É nisso que você acredita? Que eles simplesmente recuperaram suas vidas? Que eles voltaram para algo bom? Que têm prosperado desde o fim da guerra? Mesmo dentro dos bosques, sem paredes e sem casas, temos mais do que os que retornaram às suas *vidas*. Eles estão morrendo de fome, com pouca roupa e sem dinheiro. Não há empregos para voltar que não envolva ser algum tipo de servo para sua espécie. Nada que não envolva estar abaixo de *vocês*! Não há nada para a maioria deles, pois o seu tipo assumiu os melhores empregos e nos forçou a assumir papéis que nos manteriam estúpidos e fracos enquanto desenvolvemos *seu* pessoal e *seu* mundo para níveis cada vez mais elevados.

— Ouvi dizer que houve um tempo em que havia escolas, quando nos ensinavam coisas e éramos educados. Estas coisas não existem mais; são lendas sussurradas com admiração, como tantas outras coisas são. Coisas que costumávamos ter e que gostávamos, mas que nunca mais

saberemos, desde que *sua* espécie tenha algo a ver com isso! Há sobrevivência do mais forte e depois há crueldade. Eu posso estar pagando o preço agora pelo meu papel na resistência, mas eu não mudaria nada. Defendi aquilo em que acredito, orgulho-me daquilo em que acredito e, não importa o que faça comigo, não pode eliminar esse fato!

Havia verdadeira raiva em sua voz no momento em que ela terminou de falar. Sua mão tremia dentro da dele, mas ela sem saber tinha segurado a mão dele com as duas. O fervor em sua voz, a verdadeira convicção com a qual falou, foi quase o suficiente para fazê-lo querer entender seu pedido, sua causa. Mas ele conhecia o caminho do mundo, e este era um onde só os fortes sobreviviam. Ele achou lamentável que seu povo tivesse sido relegado a tais papéis, mas isso era necessário para assegurar que os humanos não tentassem se rebelar contra sua espécie.

Vampiros passaram muito tempo se escondendo e se esgueirando nas sombras, temerosos da mentalidade de multidão dos humanos. Foi de onde o mito dos vampiros que não podiam andar no dia veio, o que era algo completamente errado, pois eles podiam se mover durante o

dia, mas simplesmente preferiam caçar à noite, quando havia menos pessoas ao redor . Sem falar que as pessoas à noite eram presas mais fáceis. Mas, à medida que o número deles crescia, o desejo de se livrar das sombras também aumentava. Ele ajudara seu pai a liderar o ataque, levando-os para a batalha e assegurando o mundo para seus próprios meios. A guerra foi longa e brutal, mas no final eles saíram vitoriosos e Braith tinha toda a intenção de garantir que continuasse assim. Ele não voltaria para as sombras e não deixaria que os seres humanos inferiores o regulassem para tal papel novamente. Não importa o quanto ela acreditasse em suas palavras.

Embora, tivesse pouca briga na maioria dos humanos. Eles estavam muito enfraquecidos, assustados e abatidos para oferecer mais resistência ao domínio dos vampiros. Exceto por um pequeno número de humanos que se escondiam na floresta, tramando contra eles e causando mais mortes e problemas para sua espécie do que Braith teria gostado. Um pequeno número do qual essa garota fazia parte.

Uma fagulha de raiva se acendeu enquanto ele a estudava. Ela representava tudo contra o que ele estava lutando, tudo o que odiava e ainda assim ele estava segurando as mãos agarradas a ele com muita

força. Ela pareceu perceber seu aperto nele quando um olhar de vergonha cruzou seu rosto momentos antes de soltar sua mão completamente.

— Eu vejo. — Ela não falou de novo, mas simplesmente se virou, a cabeça se curvando. — Eu vou mostrar o seu quarto.

Seus olhos percorreram rapidamente a sala e ele sentiu seu desejo de fugir, mas ambos sabiam que não havia nenhum lugar para ela ir. — Meu quarto? — Ela resmungou.

— A menos que você prefira passar a noite no *meu* quarto.

Sua boca caiu em horror e seu olhar voou descontroladamente de volta para o dele. Ele podia ouvir a batida frenética de seu coração batendo loucamente em seu peito enquanto ela fazia um pequeno som de terror. — Não!

Braith se viu ligeiramente insultado por seu grito veemente. Ele arqueou uma sobrancelha, perguntando-se por que essa frágil garotinha o provocou, intrigou e causou uma reação tão estranha dentro dele. Ela não era nada de especial; e certamente não era o tipo de mulher que ele preferia: o tipo curvilíneo, gracioso, bonito e ansioso. Não, essa garota

era dura, pontuda, magra, mediana e qualquer coisa menos que disposta enquanto encarava-o horrorizada.

— Acho que não. — Ele disse.

Ele se levantou rapidamente, ignorando-a enquanto se movia pela sala e voltou para a porta do apartamento lateral. Ela havia se levantado, mas permaneceu imóvel no sofá, com as mãos cruzadas diante dela. Braith ficou surpreso ao perceber que, com a luz se filtrando das janelas, o cabelo dela era da cor de uma chama escura que brilhava intensamente dentro da sala. A luz era suave em seus ângulos duros, fazendo-a parecer mais suave e mais bonita. Ele congelou quando olhou para ela, absorvendo a sua visão. Ela poderia não ser bonita, mas era a coisa mais maravilhosa que ele viu em anos.

Capítulo Quatro



— É um chuveiro.

Arianna saltou surpresa, girando ao som da voz suave. O príncipe estava inclinado casualmente na entrada do banheiro. Embora seus óculos costumeiros estivessem no lugar, ela podia sentir seu olhar examinando-a rapidamente. Deu um pequeno passo para trás, seu calcanhar nu entrando em contato com o fundo frio da engenhoca que ele acabara de rotular de chuveiro.

Ele caminhou lentamente em sua direção com seu grande corpo poderoso e gracioso. Aria inclinou a cabeça para trás e sua boca se abriu ligeiramente enquanto o olhava em silenciosa admiração. Ela não o via desde a noite anterior, mas não imaginara seu tamanho, sua aura de poder ou a dura beleza masculina. Na verdade, hoje ele parecia ainda mais forte e mais arrogante do que ontem.

Ele parou diante dela, colocando a mão contra a parede ao lado de sua cabeça ao chegar ao seu redor com a outra. Aria deu um pulo de surpresa, afastando-se um pouco da estranha engenhoca quando a água saiu de repente, molhando as costas das pernas nuas. Ela se virou, arregalando os olhos e a boca caindo enquanto olhava para a água jorrando do bocal acima dela. O príncipe virou as duas alças para baixo, ajustando lentamente o fluxo e o calor da água.

— Incrível. — Ela sussurrou.

— Eu suponho que seja.

Ela retesou um pouco quando sentiu os dedos dele dentro de seu cabelo, enrolando-o em seu dedo. Ela se virou, incapaz de falar enquanto ele o envolvia cada vez mais devagar. Aria não pode se afastar e tampouco puxar o cabelo de suas mãos, então permaneceu em silenciosa admiração quando ele enrolou outra mecha até o meio do dedo antes de levantar o olhar para ela novamente.

— Você vai gostar, Arianna.

Seus olhos se arregalaram e ela engoliu em seco enquanto tentava acalmar o batimento feroz de seu coração. Por um momento não tinha

ideia do que ele estava falando; se ela iria gostar dele ou do chuveiro. E no momento ela não tinha certeza, pois esqueceu-se completamente que ele era seu inimigo, e que ela o odiava.

Então, seu dedo se desenrolou de seu cabelo e ele deu um pequeno passo para trás. — Eu enviei Maggie para ajudá-la novamente.

Embora estivesse feliz que fosse Maggie e não Lauren ou Julia, não queria que alguém a visse nua, ou a ajudasse a se vestir de novo. Ela era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. — Isso não é necessário. — Ela disse suavemente.

— Você é minha convidada e, como tal, terá o luxo de uma convidada.

Ela arqueou uma sobrancelha, inclinando a cabeça ligeiramente enquanto o estudava. — Então eu sou uma *convidada* agora? — Ela perguntou.

— Você é o que eu decidir que quero que seja. — Ele rosnou de volta e apesar do fato de que o calor da água aquecia rapidamente o local, Aria sentiu um arrepio na espinha. — E por quanto tempo eu quiser que você seja.

Ela o olhou com espanto de olhos arregalados. O vestido fino que tinham colocado para ela dormir na noite passada se agarrava ao seu corpo pelo vapor que rapidamente enchia o cômodo. Seu calcanhar conectou com o box novamente quando ele se inclinou para mais perto dela. Ele estava perto o suficiente para que ela pudesse ver as cerdas escuras dos pelos revestindo a dura mandíbula. Perto o suficiente para que seu forte e masculino perfume a envolvesse, quase a subjugando com seu cheiro sedutor. — Ser uma convidada não é realmente uma coisa tão ruim, Arianna, não é? — Ele sussurrou.

Seu coração saltou, virando dentro de seu peito quando ele deu um pequeno passo para trás. Ele brincava com ela como um gato com um rato. Ela sabia disso, mas, para sua completa desgraça, sentia vergonha de perceber que não podia deixar de sentir uma estranha e horrível forma de atração pela criatura mortal e vil. Ela balançou a cabeça, tentando se livrar do emaranhado de emoções que a envolviam, mas descobriu que só conseguia olhá-lo fixamente enquanto ele continuava a se inclinar sobre ela, a mão descansando a poucos centímetros de sua cabeça.

O suave som de alguém limpando a garganta trouxe ambos os

olhares para Maggie. Ela estava de pé na porta com seus grandes olhos castanhos arregalados questionando enquanto olhava rapidamente entre os dois. Em seus braços, estavam duas toalhas, algumas garrafas de algo que Aria não reconheceu e o que pareciam ser roupas limpas.

O príncipe olhou Maggie silenciosamente por um momento antes de se afastar lentamente de Aria. Ele caminhou para frente, parando brevemente ao lado de Maggie para contemplar as coisas reunidas em seus braços. — Sem saltos. — Ele ordenou bruscamente. — E sem perfume.

Maggie saltou ligeiramente seu olhar disparou instantaneamente para as coisas dentro de seus braços. Sua testa franziu em perplexidade e as sobrancelhas escuras franziram firmemente. Aria assistiu surpresa, enquanto Maggie olhava interrogativamente para o príncipe, seu olhar rapidamente examinando seu rosto enquanto balançava a cabeça ligeiramente. Aria não entendeu a estranha reação da mulher às palavras do príncipe. Talvez ela fosse a única que não usasse as terríveis monstruosidades que se passavam como sapatos por aqui. Mas mesmo quando pensava nisso, sabia que estava errada, Maggie usava sapatos simples e confortáveis. Então, por que diabos a mulher parecia tão

confusa com suas palavras?

Maggie sacudiu a cabeça como se quisesse limpá-la. O príncipe sumiu quando Maggie pegou os saltos da pilha e os jogou no chão, voltando sua atenção para Aria, que estava muito cansada, aturdida e confusa para fazer qualquer protesto quando foi mais uma vez lavada, limpa e vestida com outra peça de roupa que nunca teria considerado antes usar. Desta vez era um suave vestido verde que flutuava sobre seus tornozelos quando se movia. Seus pés permaneciam abençoadamente nus.

Ela caminhou silenciosamente atrás de Maggie deslizando pelo luxuoso quarto que habitou na noite passada, e então pela pequena sala de estar diante dele. E finalmente de volta para a sala principal. O príncipe estava de pé diante de uma das janelas da sacada, olhando para os jardins. Ele não olhou para elas, apenas apontou para a porta. Maggie inclinou a cabeça, acenou para Aria e deslizou rapidamente para longe.

— Trouxeram um pouco de comida para você.

Aria já havia notado os montes de comida amontoados sobre a bandeja no meio da sala. Seu estômago roncou avidamente e alto. Ela

nunca tinha visto tantas coisas maravilhosas em sua vida mas permaneceu congelada por um momento, sem saber o que fazer enquanto olhava para o queijo, frutas, pães e carnes empilhadas sobre a bandeja. Ali tinha comida suficiente para alimentar todas as pessoas dentro das cavernas por um dia, pois todos haviam aprendido a comer pouco e sobreviver com muito menos. Na verdade, Aria não conseguia se lembrar de um dia em que não tivesse dormido pelo menos com um pouco de fome.

Esse poderia muito bem ser o primeiro dela.

— Arianna? — Ela se virou para o príncipe, piscando rapidamente enquanto seu estômago continuava roncando alto. Tão alto na verdade, que estava embaraçosamente certa de que ele podia ouvir. Ele a olhou por um longo momento com as sobrancelhas levantadas sobre as lentes escuras de seus óculos. — Você está com fome Arianna, deve comer.

Ela balançou a cabeça em silêncio, mas não conseguiu se aproximar daquela bandeja, não quando tantos outros passariam fome hoje. Não quando a família dela passaria fome. Pela primeira vez, ela permitiu que seus pensamentos se voltassem para sua família. Eles ficariam preocupados, meio enlouquecidos com a sua perda. O pobre William

provavelmente estava arrasado. Seu pai e Daniel se moveriam estoicamente para frente, enterrando sua dor, que os comeria vivos por dentro. Assim como sempre aconteceu. Eles se enterrariam em planos e ataques futuros, e sua raiva e ódio pelos vampiros cresceriam até consumi-los.

Aria estremeceu e colocou os braços ao redor de si mesma enquanto lutava contra as lágrimas de desespero e saudade que ameaçavam se espalhar. Ela estava olhando para o príncipe, mas não podia vê-lo através das ondas de saudade que a inundava. E então lá estava Max, pobre Maxwell, preso em algum lugar dentro desta cidade, com alguma criatura que Aria duvidava muito que estivesse sendo tão legal para ele quanto o príncipe estava sendo com ela.

Ela não queria pensar sobre o que aquele monstro estava fazendo com Max, forte e carinhoso. No entanto, agora que abriu aquela lata de minhocas, não conseguia fechá-la novamente. Ela não era a pessoa mais experiente do mundo, mas viveu na floresta e nos limites mais distantes da sociedade por tempo suficiente para conhecer a crueldade básica que cometida por vampiros e por pessoas corruptas e podres. Sua família sempre tentou mantê-la protegida, mas havia algumas coisas das quais

ninguém poderia ser protegido para sempre. E Max estaria experimentando muitas dessas coisas ao longo do tempo com aquela mulher.

O toque suave em seu braço a fez pular levemente. Ela piscou ao príncipe, tentando focar a sua imagem, tentando não deixá-lo ver o quão perdida ela se sentia agora.

— Eu não estava pensando na noite passada, Arianna. Não estou acostumado a ter humanos por mais de uma ou duas horas. Você tem que comer, deve estar com fome. —Seu estômago roncou em resposta ansiosa às suas palavras. Sua carranca se aprofundou e a preocupação por ela se tornou aparente. —Venha.

Ele levou-a a um dos sofás e colocou-a sobre ele antes de se virar para a bandeja. Aria assistiu com admiração enquanto ele empilhava um prato cheio de comida. Ela tinha certeza de que ele nunca fizera isso por ninguém mas também não conseguia entender por que fazia isso por ela, ou por que ele a resgatou do vampiro feio de ontem. Ele se virou, entregando-lhe o prato transbordante. Havia alimentos que ela nem reconheceu.

Ela o olhou por um longo momento antes de ele lhe entregar alguns guardanapos e um garfo. Ela torceu o garfo na mão enquanto inspecionava. Até os vira antes e os usara algumas vezes, mas não estava bem familiarizada com a prática. Preferia muito mais seus dedos, mas tinha a sensação de que esse uso não seria muito aceito aqui.

Ele colocou uma bandeja menor sobre o colo dela e, em seguida, colocou levemente o prato em cima dela. As mãos de Aria estavam tremendo quando moveu o garfo desajeitadamente em sua mão. Ela apunhalou algumas das frutas antes de soltá-las com sucesso com o estranho utensílio. Ansiava mergulhar no amontoado de guloseimas, mas se forçou a pelo menos tentar parecer civilizada neste grandioso lugar.

O príncipe colocou um copo de um líquido cor de laranja ao lado dela. — O que é isso? — Ela perguntou, calor colorindo seu rosto quando percebeu que tinha esquecido de engolir sua comida primeiro.

Ele não reconheceu sua falta de modos, embora se sentasse no sofá ao lado dela. —Suco de laranja, ouvi dizer que é bastante saboroso. As pessoas parecem gostar mesmo assim. — Aria examinou-o por mais um momento, ergueu o copo, cheirou e depois tomou um gole

cautelosamente. O líquido era frio, doce e refrescante. Ela bebeu o resto do copo em um longo gole. —Você aprova?

Ela sorriu tremulamente quando ele estendeu a mão para encher seu copo novamente. Ela o estudou interrogativamente e foi incapaz de entender o porquê de todos esses cuidados, por que estava sendo tão gentil com um humano rebelde. No entanto, ela não perguntou, pois não tinha certeza se ele lhe daria uma resposta verdadeira, e não achava que ele apreciaria que ela mencionasse isso em primeiro lugar. Em vez disso, decidiu simplesmente aproveitar a deliciosa refeição recebida.

Ela comeu com entusiasmo renovado, em algum lugar ao longo do caminho, e até esqueceu que ele a olhava enquanto ela repetidamente se servia de mais algumas das deliciosas misturas na bandeja grande. Seu estômago estava inchado, mas maravilhosamente cheio pela primeira vez quando ela finalmente empurrou o prato para o lado, limpou a boca no guardanapo e suspirou satisfeita.

— Você está cheia agora?— Ele perguntou baixinho.

Aria abaixou a cabeça e o calor inundou seu rosto quando ela percebeu exatamente como deve ter parecido na frente dele, comendo quase

metade da quantidade copiosa de comida na bandeja. Ela acabou de consumir mais do que normalmente teria em três dias. — Sim.

— Bom. Eu devo sair um pouco, mas se houver alguma coisa que precise, Maggie foi instruída a pegar para você. Você só precisa chamá-la. Há também um guarda parado do lado de fora da sua porta, então não considere escapar.

Os olhos de Aria se arregalaram quando pela primeira vez ela realmente se lembrou do fato de que era uma prisioneira neste lugar, que estava presa aqui e à sua mercê. Ele tinha sido gentil com ela até agora, mas por quanto tempo poderia realmente esperar que durasse? Aria engoliu em seco nervosamente, as mãos cruzadas firmemente no colo enquanto lutava para manter o rosto completamente impassível. Embora tentasse manter seu terror escondido dele, ela sabia que ele podia sentir isso.

— Eu não vou demorar muito.

Aria deu um pequeno aceno de cabeça. Foi tudo o que conseguiu fazer pois não confiava em si mesma para falar agora. O príncipe se levantou devagar, endireitando a camisa escura que usava. Ela notou

que ele estava bem vestido e ostentava o anel que o marcava como o príncipe da casa de Valdhai. Isso o marcava como um membro da casa que governava os vampiros e o mundo pelos últimos cem anos. Um anel que ele não usava ontem. O que quer que tivesse que fazer hoje, parecia que era relativamente importante e oficial.

O lobo se levantou ao lado dele e seus olhos verdes brilharam quando olharam para Aria por um minuto inteiro antes de voltar sua atenção para seu mestre. Aria notou que a cabeça da bengala do príncipe era um lobo de prata brilhante, segundos antes de sua grande mão fechar em torno dela. Ele assobiou baixinho para o lobo, que se aproximou ansiosamente antes que ambos saíssem porta afora.

Aria permaneceu sentada muito depois do som da fechadura sendo trancada.



Os próximos dias passaram da mesma maneira. Maggie vinha de manhã para ajudá-la a se vestir, mas Aria recusava sua ajuda com o chuveiro agora. Já tinha até descoberto como utilizar a navalha e se

depilava sozinha; o que não aconteceu com os zíperes ou botões dos vestidos, e por isso estava grata pela ajuda de Maggie.

O príncipe sentava-se com ela no café todas as manhãs e depois desaparecia por algumas horas durante o dia. Durante sua ausência, Aria passeava sem rumo, ficando cada vez mais ansiosa por seu aprisionamento. Por volta do meio-dia, outra bandeja de comida seria enviada, ela comeria sozinha e infeliz. O príncipe voltaria, falaria um pouco enquanto ela jantava e depois se retiraria para o quarto dele.

Aria estava mais solitária do já foi, mesmo já tendo passado muitas noites e dias sozinha na floresta ou dentro das cavernas. Mas nessas ocasiões, sempre soube que voltaria para seus amigos e familiares, e sua alegre e amorosa companhia. Agora, tinha muito pouca esperança de isso acontecer e temia que o resto de seus dias poderia muito bem consistir em ficar presa dentro dessas salas, comer incessantemente e vagar sem rumo ao redor.

Seria apenas uma questão de tempo antes que ela ficasse louca.

Aria entrou silenciosamente na biblioteca novamente. Ela estudou as paredes de livros, seu olhar percorrendo as grossas encadernações de

couro. Frequentemente se encontrava nesta sala, curiosa sobre o que os livros continham em suas profundezas, perguntando-se sobre as histórias dentro deles. Ela se moveu lentamente, arrastando os dedos sobre as capas. O couro era fresco, macio e agradável sob as pontas dos dedos. Ela desejou saber o que eles diziam.

Ah, ela sabia algumas palavras, não muitas, mas o suficiente para decifrar planos e quase todas as mensagens, mas nem isso era suficiente para ajudá-la nesses mistérios sem fim. Conseguia distinguir a maioria dos títulos, mas quando abria as páginas, quase tudo dentro parecia escrito em rabiscos.

Ela deslizou um dos livros da prateleira. Era o que mais a fascinava por algum motivo e pelo qual repetidamente retornava. Abriu-o, folheando devagar as páginas ligeiramente amareladas, enquanto reconhecia certas palavras. Não pela primeira vez, se encontrou desejando poder entendê-las.

Balançando a cabeça, Aria soltou um suspiro suave enquanto fechava o livro e o colocava de volta na prateleira. — Algo contra

Ivanhoe[1]?

Aria pulou, quase soltando um pequeno grito ao mesmo tempo em que levantava a cabeça. Ela não tinha ouvido o príncipe entrar no apartamento, mas lá estava ele de pé na porta e com a cabeça baixa enquanto a estudava por trás dos óculos. Aria engoliu em seco, sem saber como ele reagiria ao encontrá-la aqui, e certamente insegura quanto ao que Ivanhoe era.

— Ivanhoe? — Ela perguntou suavemente.

Ele permaneceu imóvel por um momento com as sobrancelhas franzidas nitidamente. — Sim, o conto de Sir Walter Scott sobre Ivanhoe. É muito divertido, e algo que eu achei que você gostaria já que ele é um pouco rebelde.

Arianna não pôde deixar de sorrir ao tom provocador em sua voz. Embora estivesse sozinha e perdida aqui, descobriu que a companhia dele era estranhamente reconfortante. Provavelmente porque ele era uma das duas únicas pessoas com quem ela tinha que conversar nesse mundo estranho e incerto. —Oh. — Aria olhou para o

[1] Romance do escritor escocês Walter Scott, publicado em 1820. Narra a luta entre saxões e normandos e as intrigas de João sem Terra para destronar Ricardo Coração de Leão. É considerado o primeiro romance histórico do romantismo.

romance, feliz por finalmente saber qual era o título. —Entendo.

Ele se afastou da porta, vindo lentamente em sua direção. Parando ao lado dela, roçou seu braço levemente contra o dela quando pegou o livro que acabara de guardar. Os batimentos cardíacos de Aria aumentaram um pouco pois apesar dele não ter sido nada além de bom nos últimos dias, ela ainda não confiava nele e ainda desprezava sua espécie. E quanto mais tempo ficava aqui, mais fascinada com ele se tornava. Odiava o sentimento e pensou que pudesse ter algo a ver com o fato de que estava presa aqui, mas não conseguia se livrar disso.

Ele tirou o livro lentamente da prateleira, segurando-o diante dele. — Foi um dos meus favoritos quando eu era mais jovem. Acho que você vai gostar dele.

Aria engoliu em seco enquanto olhava para o fascinante livro. Seus dedos tremiam um pouco quando estendeu a mão e segurou-a lentamente, sem vontade de admitir que não sabia ler. Ele já achava que ela não era elegante, e sim mal-humorada, suja e possivelmente um pouco lenta. Ela não queria que ele pensasse que também era idiota.

—Tenho certeza que vou. — Disse suavemente.

Seu dedo era gentil sob o queixo enquanto o cutucava para cima. — Arianna, você sabe ler? — Seu olhar disparou freneticamente e ela olhou para todos os lugares, menos para ele. Não conseguiu olhá-lo enquanto tentava descobrir como respondê-lo. — Arianna?

Ela reconheceu o tom que ele usava quando ficava ligeiramente exasperado com ela. Isso não acontecia com frequência, geralmente apenas quando ela não comia tanto quanto ele queria ou quando ela tentava impedir que Maggie a ajudasse. Na maioria das vezes, ele era paciente, gentil, e ela se viu gostando dele quase tanto quanto o odiava por isso. Aria não poderia deixar isso acontecer pois tinha certeza de que algo ruim aconteceria e que ele se voltaria contra ela eventualmente. Estava convencida de que essa estranha bondade era apenas um despertar para ganhar sua confiança antes de destruí-la completamente.

— Um pouco. — Ela finalmente admitiu em um sussurro.

Ele suspirou suavemente e seu dedo momentaneamente acariciou seu queixo antes que a soltasse. — Bem, vamos ter que remediar isso. Venha.

Aria ficou olhando para o vazio depois que ele recuou e desapareceu de vista. Remediar isso? O que ele quis dizer? Arianna o seguiu do quarto, movendo-se devagar de volta para a sala de estar, mas ele não estava acomodado no sofá. Em vez disso, foi até o assento da janela, junto à sacada, e se acomodou ali. Aria hesitou, sem saber o que fazer ou dizer. Ela cruzou as mãos, balançando-se ligeiramente para trás enquanto o observava atentamente.

Suas sobrancelhas subiram lentamente sobre os óculos escuros e ele deu um tapinha no assento ao lado dele. — Eu não vou te morder, Arianna.

Seus olhos se estreitaram quando ela o olhou, não apreciando suas palavras provocantes. Ela jogou os ombros para trás, esticou o queixo e caminhou rapidamente em direção à ele. Sua mão deixou o assento, deslizando para longe quando ela se acomodou rigidamente ao seu lado. Ele a estudou por um momento antes de abrir o livro e colocá-lo no colo. Aria olhou para as palavras, seu desconforto crescendo enquanto as estudava estupidamente. As palavras e letras nadavam na página à sua frente, borradas juntas antes de voltarem ao foco; ainda não faziam sentido.

— Está tudo bem. — Ele disse suavemente.

Ela virou-se lentamente, engolindo em seco. A força de seu olhar queimava, mesmo que ela não pudesse ver. Sua mão envolveu suavemente seu pulso e ela saltou ligeiramente, seu toque queimando em sua pele. Sua respiração parou em seu peito e seu coração saltou loucamente. Por um momento, ela só pôde olhar impotente para ele, confusa pelas estranhas sensações e emoções que corriam através dela. Por que ele estava brincando com ela assim? Por que estava sendo tão gentil quando ambos sabiam que no final ele só iria destruí-la?

Decidindo não lutar contra isso e seguir junto com seus jogos, ela se acomodou no banco. Talvez fosse melhor se ele pensasse que confiava nele, que não esperava que ele rasgasse sua garganta a qualquer momento. Seu braço escorregou brevemente ao redor de sua cintura, puxando-a suavemente contra o seu lado. Sua pele era fria ao toque, certamente não tão quente quanto a dela, mas também não era congelante. Ela descobriu que se encaixava perfeitamente contra seu corpo, e não se importou com o toque de sua carne fria contra ela; na verdade, quase a acolheu bem. Um fato que sentiu que deveria se odiar, mas simplesmente não podia, parecia muito certo. Estava disposta a

jogar o jogo, mas isso era muito íntimo e acolhedor. Era algo que nunca experimentou antes, e era enervante, assustador e emocionante de uma só vez.

Aria precisava lembrar a si mesma que ele era um monstro e que estava brincando com ela, tendo alegria em seu desconforto, mesmo que não parecesse estar. Ela inclinou a cabeça, os dedos se contraindo levemente enquanto estudava os óculos escuros. Não pela primeira vez, desejou que ele os tirasse para ver os seus olhos, mas durante toda a semana em que esteve aqui, nunca o viu sem aqueles óculos escuros.

Ele colocou o livro mais firmemente entre eles. Arianna se viu esquecendo todo o resto, até seus dedos demoraram-se em sua cintura, enquanto ela acomodava as pernas por baixo dela. Estava ansiosa para absorver o que ele parecia querer ensinar e pensava sobre o conteúdo deste livro há quase uma semana.

Inclinando-se contra o seu lado, ela seguiu em frente, enquanto ele lentamente começou a ler o romance, pronunciando cada palavra com cuidado, insistindo para que ela lesse e pronunciasse as palavras com ele. Ela ficou surpresa com o sorriso no rosto de Braith. Era muito raro ver tal coisa nele já que sempre se mostrava muito reservado,

profissional e superficial, mas agora parecia estar gostando do livro tanto quanto ela. Aria teve grande prazer em seu sorriso e interveio com as poucas palavras que conhecia. Ela encontrou-se sorrindo junto quando ele começou a ensiná-la a ler.

Capítulo Cinco



Braith estudou Arianna enquanto ela se sentava enrolada no assento da janela. Suas longas pernas estavam por baixo dela; os cabelos escuros brilhando na luz que entrava pelas janelas. Embora o livro estivesse em seu colo, ela não estava olhando para ele. Em vez disso, as mãos pressionavam contra o vidro, o nariz quase tocando-o enquanto olhava fixamente para fora.

Ele podia ver o desejo em seu rosto, a necessidade desesperada de ser livre irradiando. Foi só então que ele percebeu o que essas últimas duas semanas devem ter sido para ela. Arianna estava acostumada a ser livre, a correr solta e estar sob as estrelas. Provavelmente o tempo que passou em sua casa era o maior em que esteve com um teto sobre a cabeça e um fluxo constante de comida no prato.

Comida que estava lentamente começando a colocar peso nela e arredondando suas extremidades pronunciadas. Sua clavícula não se

destacava com tanta nitidez, suas costelas e espinha não eram mais claramente visíveis sob os vestidos que usava. Seu rosto estava preenchido e as maçãs do rosto não eram tão afiadas. Ela parecia ainda mais jovem agora, algo que ele não tinha certeza se era uma coisa boa. Havia uma inocência que se agarrava a ela, irradiando de dentro para fora que não aparecia quando ela estava mais magra. Antes Arianna aparentava ser mais mundana, mais sábia e mais dura, o que facilitava para ele ser indiferente à ela então; coisa que agora não era fácil.

Especialmente quando ela olhava pela janela com aquele olhar ansioso e saudoso em seu rosto. Ele se moveu lentamente atrás dela, tocando seu ombro levemente. Ela ficou tensa por um instante, mas não se afastou e nem recuou ou endureceu como fazia quando chegou aqui. Seus olhos estavam arregalados, brilhantemente azuis enquanto o olhava interrogativamente.

Achava difícil acreditar que não a tivesse achado bonita quando a trouxe. Sim, ela estava suja, enlameada, desafiadora, assustada, fedorenta e magra demais, mas seu espírito ainda estava lá. O brilho interno esplêndido sempre residiu dentro dela, sempre esteve presente, e era uma das coisas mais belas que ele já encontrou. E ficou chocado

demais ao vê-la para perceber isso. Ele não podia deixar de ver agora, assim como não podia deixar de ver sua dor e saudade.

— Você gostaria de dar um passeio nos jardins?

A esperança brotou em seus olhos e sua boca se abriu enquanto a alegria irradiava dela. Era uma coisa tão pequena que ele oferecia e ainda assim ela reagiu como se ele tivesse acabado de lhe entregar o mundo. — Eu posso? — Ela perguntou ansiosamente.

Ele assentiu, olhando para o mundo colorido sob a janela. Fazia muito tempo desde que desfrutou de uma caminhada nos jardins e descobriu que estava realmente ansioso por isso. — Sim, eu vou levar você.

Ela ficou de pé, com a boca cheia curvada em um sorriso brilhante que o surpreendeu. Ela raramente sorria, e nunca foi tão requintado como agora. — Isso seria maravilhoso.

Ele assentiu, tentando reunir seus pensamentos dispersos enquanto ela continuava a sorrir radiantemente. — Venha então.

Keegan levantou-se, bocejando suavemente enquanto despertava

da soneca. Braith pousou a mão na cabeça do lobo, esfregando levemente a pele. Arianna estava saltando bastante enquanto se apressava para frente. Ela não permaneceria tão feliz por muito tempo, disso ele estava certo; mas infelizmente não pôde ser evitado.

— Arianna, você deve usar isso.

Com a cabeça inclinada para o lado, as sobrancelhas se juntaram interrogativamente enquanto ele erguia um fino cordão dourado diante dela que pendia entre eles até o chão em um conjunto de mais de um metro de comprimento. Ela franziu a testa, incapaz de entender o que era aquilo que tinha diante dela. — Todos os escravos de sangue devem usá-los em público. — Explicou ele, odiando as palavras enquanto as pronunciava.

— Eu não entendo, o que é isso?

Ele realmente não queria fazer isso com ela, realmente não queria prender um espírito tão livre mas eram as regras e estas deveriam ser obedecidas, especialmente entre eles. Já havia rumores e fofocas sobre os dois vagando pelo palácio. Sussurros sobre o primeiro escravo de sangue que ele já manteve, sobre o que acontecia entre eles e por que ele

decidiu levá-la de todas as pessoas. Eram sussurros aos quais ele não pretendia responder, mas não poderia permitir que crescessem ainda mais deixando-a sair sem a corrente, andando livremente em público, o que fariam com que as especulações crescessem e se fortalecessem. Qualquer sentimento, qualquer indício de cuidado entre um mestre e seu escravo de sangue era estritamente proibido. Inferno, qualquer indício de cuidado entre um vampiro e um humano era estritamente proibido. Se eles suspeitassem ao menos um pouco que ele poderia estar desenvolvendo sentimentos por Arianna, eles a tirariam dele e a matariam.

Isso era algo que não podia permitir que acontecesse. Ele poderia não se importar com ela, ou mesmo ter sentimentos por ela, mas também não queria vê-la destruída da maneira brutal que fariam. Não era justo para ela, e ele não estava disposto a deixar a luz que ela trouxe para sua vida sair de forma tão violenta. Ainda não de qualquer maneira, não até que ele soubesse o que tudo aquilo significava.

— É uma coleira, para mantê-la presa à mim.

Suas sobrancelhas franziram nitidamente e ela deu um pequeno e confuso tremor de cabeça. — Eu não entendo, coleiras são para... — Seu

olhar correu para Keegan e a compreensão alargou os olhos antes de os estreitar bruscamente. Até mesmo Keegan não usava uma coleira. — Entendo. — Ela disse entredentes.

— Se for sair em público, deve usar isso, é um costume. — Sua mandíbula estava rígida e seu queixo inclinado desafiadoramente enquanto suas mãos se fechavam em seus lados. Embora ela irradiasse raiva, por baixo de tudo aquilo ele podia sentir sua mágoa e o sentimento de traição. Raiva jorrava em ondas fora dela, assim como a frustração. Lentamente, ela se virou para a janela com os ombros caídos. Ele odiava a esmagadora sensação de derrota que saía dela, mas não podia ajudá-la. Mesmo que não pudesse ver agora, isso era o que era melhor para ela. Para ambos.

— Ok. — Ela disse suavemente, sua voz falhando um pouco quando sua necessidade de estar do lado de fora superou seu orgulho. — Está bem. Eu vou usá-la.

Ele não ia lembrá-la de que ela não tinha escolha, parecia bastante abatida no momento. Arianna avançou devagar, olhando a corrente de ouro como se fosse uma cobra venenosa da qual ela não queria ter nenhum contato. Elas foram feitas para serem usadas ao redor do

pescoço, ou no pulso, dependendo do que o dono preferisse, mas olhando-a agora, ele sabia que não poderia aumentar sua degradação colocando-a em volta do pescoço. Ele segurou a mão dela, deslizando-a ao redor do pulso e apertando-a suavemente. Era o único que poderia removê-la agora que a colocou. Era ele quem a possuía e a controlava e todos saberiam que ela pertencia à ele. Braith na verdade não estava inteiramente certo de como se sentia sobre isso, não gostava de possuí-la. No entanto, gostava do fato de que todos sabiam que ela pertencia à ele e que não podiam tocá-la. Nunca.

Ela levantou a cabeça lentamente, engolindo em seco quando encontrou o seu olhar com o queixo inclinado para cima. Ela poderia estar humilhada e à sua mercê, mas não se permitiria ser abatida. Pela primeira vez ele admitiu para si mesmo que realmente admirava esse fiapo de humano diante dele. Ele nunca pensou muito em sua raça (estavam abaixo dele, afinal de contas), nem sequer pensou em um momento como outra coisa a não ser quando se tratava de comida e prazer. Mas essa garota o fez questionar suas opiniões sobre a raça humana e fez com que se perguntasse se talvez eles valessem um pouco mais do que pareciam. Ou, pelo menos, talvez ela valesse.

Ele segurou a sua mão por um momento longo, não gostando da sensação da corrente contra sua pele. Por um segundo ele quase tirou-a, mas as consequências de tal ação seriam terríveis para os dois. — Ok, então. — Ele disse suavemente.

Braith segurou a corrente levemente em sua mão enquanto segurava sua bengala e saiu pela porta. Arianna seguiu-o, arrastando-se lentamente trás enquanto olhava pelo corredor com a mesma reverência que mostrara ao entrar pela primeira vez no palácio. Ele a levou para o andar de baixo dessa vez, sem vontade de correr o risco de encontrar seus parentes. Dois de seus guarda-costas se arrastaram atrás deles e a surpresa evidente ao ver Arianna emergiu de novo, pois ela parecia muito diferente de quando entrou a primeira vez.

Ele a levou por outro corredor antes de chegar às portas que davam para os jardins. Keegan parou nas portas antes de Braith, roçando brevemente as pernas de seu mestre antes de se sentar. Braith esfregou a cabeça de novo, agradecendo ao amigo por continuar a ajudá-lo, mesmo que não precisasse no momento. Um fato que estava quase certo de que o lobo estava ciente, assim como ele estava ciente do desejo de seu mestre para mantê-lo escondido. — Deixe-nos. — Ele ordenou que

os dois homens se arrastassem atrás deles.

Os homens recuaram no corredor quando Braith estendeu a mão para abrir as portas. Keegan saltou para frente, ansioso para sair novamente. Arianna se moveu devagar pela porta, arregalando os olhos ao contemplar os jardins em que entraram. Seus olhos dispararam freneticamente ao redor e sua boca entreabriu-se ligeiramente quando um pequeno suspiro de prazer escapou dela. — É ainda mais bonito aqui. — Ela respirou.

Braith olhou por cima dos jardins. Uma vez os achara ligeiramente atraentes, mas se passou muito tempo desde aqueles dias, e ele descobriu que os apreciava muito mais através dos olhos dela. — Eu nunca vi nada assim. — Ela sussurrou, movendo-se lentamente pelas fileiras coloridas de flores, sebes e estátuas.

— Você não tem flores na floresta? — Perguntou ele, na esperança de atraí-la para uma conversa sobre a casa dela, já que raramente dizia algo sobre isso e parecia quase com medo sempre que isso era mencionado.

— Oh, claro que temos flores. — Ela respondeu levemente, seu

rosto brilhando com a maravilha que a inundava. — Mas nada como estas. — Suas mãos arrastaram sobre as rosas amarelas e ela se abaixou, inalando profundamente. —Lindo.

— Estas são rosas.

— Rosas. — Ela repetiu, passando os dedos levemente sobre as pétalas. —Adoro elas.

Ele cruzou os braços sobre o peito enquanto a observava se mover lentamente em direção aos lilases. Ela era fascinante, cativante e absolutamente única neste mundo colorido de flores, estátuas e beleza. Ela inalou os lilases profundamente, fazendo uma careta quando deu um passo para trás, sacudiu a cabeça e enxugou o nariz.

— Lilás. — Ele disse suavemente.

— Hmm. — Ela franziu o nariz enquanto se afastava, aparentemente não muito satisfeita com o odor delas. Ele nomeava cada flor cada vez que ela parava enquanto se moviam lentamente pelo jardim. Embora não tivesse gostado do lilás, isso não a impediu de parar para farejar todas as outras flores pelas quais passavam. A maioria delas passou por sua inspeção, outras não.

Ela congelou quando chegaram ao centro dos jardins, arregalando os olhos quando outro grito de prazer escapou. —Oh! — Ela gritou com as mãos voando para a boca em deleite. — Oh, é maravilhoso.

Braith estudou a fonte grande e ornamentada. Fazia muito tempo desde que a vira, mas nunca apreciara totalmente a beleza da delicada escultura. A água corria adiante, mudando de cor à luz do sol batendo no homem e na mulher olhando fixamente um para o outro, mas nunca se tocando.

Arianna se moveu lentamente para frente, seus passos hesitantes quando se aproximou da fonte. Era como se ela estivesse com medo de que desaparecesse, que não fosse real, mas seus dedos roçaram a bacia. Ele não ficou surpreso ao ver as lágrimas florescendo em seus olhos, percebia agora que isso acontecia sempre que ela ficava impressionada com algo. Aconteceu algumas vezes quando leram juntos e a história a comovia. Ele não achava que ela estivesse ciente das lágrimas a maior parte do tempo.

Seus olhos se arregalaram, um belo sorriso iluminou seu rosto enquanto ela olhava para a água da fonte, uma pequena risada escapando quando avistou o peixe dentro. Era a primeira vez que ele a

ouvia rir, e ele tinha que admitir que era um som bonito e refrescante. Um que ele descobriu que gostava muito.

Ela sentou-se na beira da fonte, segurando o cabelo para trás enquanto observava o peixe, seus dedos arrastando um pouco acima da água traçando seus movimentos. Ele se aproximou dela, colocando a ponta da coleira na fonte ao seu lado. Ele não achava que ela tentaria escapar agora, mas mesmo se tentasse isso, ela não seria capaz de ir longe com a corrente em seu pulso. A corrente foi projetada para ele e somente ele; justamente para saberem a quem ela pertencia e para mais facilmente ser capaz de encontrá-la. Não importando o quão longe ela chegasse.

— Eles são lindos.

Braith olhou para a água clara, momentaneamente admirando as cores brilhantes das dezenas de peixes antes de voltar sua atenção para ela. Ele a achava muito mais interessante para assistir. Ela se sentou de volta, sorrindo brilhantemente enquanto soltava seu cabelo que caiu sobre ela em ondas vermelho-escuras brilhando na luz fluindo através das árvores frutíferas em torno deles. Ela se levantou devagar, andando ao redor da fonte.

Keegan levantou a cabeça de suas patas, suas orelhas se inclinando um pouco enquanto a observava se mover. Ela parou de repente, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos enquanto absorvia os raios do sol. Para surpresa absoluta e prazer de Braith, ela jogou os braços para fora e começou a rir enquanto girava alegremente ao redor.



Aria permaneceu incerta dentro da porta, hesitante sobre se deveria entrar na sala de estar ou não. O príncipe estava lá dentro, conversando suavemente com outro homem, suas cabeças inclinadas juntas. Ela sabia que provavelmente deveria se retirar para seu quarto e ficar longe até que esse estranho saísse, mas estava curiosa sobre o homem, e verdade seja dita, queria alguma companhia. E o príncipe era a única companhia que ela tinha.

Além disso, gostava muito da presença dele, ou pelo menos tinha sido assim, bastante agradável até hoje.

No entanto, não sentia que agora era a hora certa. Ela deu um passo para trás, com a intenção de se retirar para as sombras quando Keegan

se levantou, chamando a atenção dos homens para ela. O príncipe ergueu-se instantaneamente e a mão dele agarrou a bengala quando se virou para ela. O outro homem permaneceu sentado por um momento, o choque evidente em suas feições. Então, ele se levantou devagar também.

— Sinto muito. — Disse Arianna suavemente, sabendo que deveria recuar. Não importa quão bem o príncipe a tratasse, ela era uma escrava de sangue e deveria saber o seu lugar. O que não envolvia interrompê-lo quando estava no meio do que parecia ser uma conversa muito importante. O príncipe pareceu perceber isso, pois sua boca estava comprimida e os nós dos dedos ficando brancos em sua bengala. — Eu não quis dizer também ... me desculpe.

Ela gaguejou o pedido de desculpas, dando alguns passos para trás; precisando recuar antes da sua presença aqui ser questionada. Instintivamente, sabia que tinha feito algo errado, que sua posição segura dentro dessa casa tinha acabado de ser abalada. — Espere.— Não era o príncipe que tinha falado, mas ela congelou de qualquer maneira e seu coração saltou loucamente enquanto o estranho vampiro a estudava atentamente. Ela queria olhar para o príncipe em busca de

ajuda, por algum sinal de segurança, mas não se atreveu a deixar que esse estranho pensasse que podia confiar, ou até mesmo gostar, do príncipe. Não, ela sabia que agora era a hora de ser dócil, cansada e abatida. — Venha aqui. — O estranho ordenou.

O príncipe eriçou-se ligeiramente; e deu um passo à frente, colocando sua bengala diante dele enquanto cruzava as mãos sobre o cabo. Arianna hesitou, assustada com a situação em que se colocara, mas sabendo que não podia recusar. Seu dono poderia ser um príncipe, mas sob as regras do escravo de sangue, ela não tinha permissão para desobedecer nenhum vampiro, a menos que pedissem coisas que só seu dono podia tomar. Tal como o seu sangue ou seu corpo, e nenhuma dessas coisas estavam sendo perguntadas agora.

Engolindo em seco, cruzou as mãos e se moveu lentamente para frente. Embora fosse frequentemente desafiadora, confiante e destemida com o príncipe, essas três coisas não tinham lugar aqui. Ela parou longe deles, mantendo os olhos baixos, sabendo que não olharia nos olhos deste estranho.

O estranho aproximou-se dela, circulando-a assim como os grupos de cães selvagens que viu na floresta circundarem suas presas antes de

atacar. Ela fechou os olhos por um breve momento, rezando por força e paciência para ajudá-la a superar essa experiência terrível e humilhante. Precisava segurar a língua e permanecer reservada se quisesse permanecer segura. Ela por acaso deu uma olhada para o príncipe, mas ele permanecia imóvel, recostando-se nos calcanhares enquanto observava os dois intensamente. Embora parecesse casual, ela podia ver a tensão em seus ombros e em seus músculos duros. Não sabia o que realmente estava acontecendo aqui, mas sentiu que era mais do que seus olhos viam.

— Não é mau irmão, não é mau. — Os olhos de Aria se arregalaram e não pôde impedir a sua cabeça de levantar-se quando o estranho parou diante dela. Seu cabelo era da mesma cor escura que o do príncipe, suas feições parecidas, embora seu nariz fosse um pouco maior e mais afiado, e seus lábios fossem mais finos. Seus olhos, livres de sombras escuras, eram de um verde profundo da floresta e surpreendentemente bonitos. Ele era mais baixo que o príncipe, mas seus ombros eram mais largos e ele se aproximava imponentemente dela. Aria não teve escolha a não ser dar um passo para trás enquanto ele usava sua altura e tamanho para intimidá-la. Seus olhos brilhavam com diversão quando se aproximou

dela, fazendo-a recuar outro passo.

Raiva jorrou mas ela rapidamente a enterrou. Não importava o quanto desejasse resistir a essa criatura imponente, prepotente e impiedosa, isso só causaria problemas. Especialmente desde que, se sua aparência e suas palavras fossem alguma indicação, ele parecia ser um príncipe por direito próprio. Aria ouviu rumores de que havia quatro irmãos e duas irmãs. Mas também ouviu que havia três irmãos e nenhuma irmã. Ou até cinco irmãos e três irmãs. Os rumores sobre a família real sempre giraram rapidamente, sem que nenhuma das aldeias soubesse de nada, e os veículos rebeldes sabiam menos ainda. Aria supôs que era assim que a família real gostava, onde ninguém sabia nada sobre eles com certeza, evitando assim serem todos completamente presos.

Ela se perguntou qual dos irmãos era mais velho, qual deles um dia governaria o reino. Mas supôs que em sua situação não fazia muita diferença. Estava à mercê dos dois.

O príncipe permaneceu em silêncio, sua indiferença causando uma pequena dor em seu peito.

Teria ela simplesmente imaginado o crescente vínculo entre eles? Será que simplesmente só quis acreditar que talvez ele realmente estivesse começando a gostar dela? Então por que ele a levou para passear hoje e a ensinou a ler?

É claro, ela percebeu junto com a raiva de si mesma surgindo enquanto forçava a cabeça para baixo. Claro que ele não se importava com ela, ela não era nada aqui, nunca tinha sido e nem nunca seria. Sabia o tempo todo que ele estava apenas brincando, enrolando-a, só para fazer mais dolorido no final, e embora ele provavelmente não tivesse terminado seu jogo, ela certamente já tinha acabado de jogar.

Seus dedos apertaram e ela fechou os olhos enquanto respirava fundo, tentando manter o controle de sua raiva. Ela não estava zangada com eles, não estava nem zangada com toda essa situação horrível, mas *furiosa* consigo mesma. Foi uma tola por baixar a guarda e uma idiota por pensar que era algo mais do que uma garota descartável do sertão para eles. Exceto, que ela *era* mais que isso.

Seu pai era um líder, um governante por direito próprio. Em seu mundo, ela era uma excelente caçadora e uma feroz guerreira. Podia não ter o talento de Daniel para fazer estratégias e criar planos, nem tinha a

habilidade carismática de despertar pessoas para a batalha, mas era rápida e forte, e adepta no uso de muitas armas. Ela também era boa com animais; cuidava dos que mantinham dentro das cavernas, curando-os quando necessário. Era talentosa em caçar e abater os animais de que precisavam para alimentá-los, como cavalos, touros, vacas, ovelhas e cabras. Sim, ela poderia ser um nada *neste* mundo, mas em seu mundo ela tinha muitos talentos e habilidades que eram muito apreciados. Em seu próprio mundo, ela era alguma coisa e era admirada, amada e respeitada.

E sentia falta de tudo ferozmente. Calor coloriu seu rosto e a saudade surgiu diante da leitura cruel deste estranho. Ela queria muito estar livre deste quarto, queria tanto estar em casa e recuperar os últimos cinco minutos. Desejou nunca ter vindo aqui e queria ter escapado antes que qualquer um deles a notasse. Mas isso era melhor, ela decidiu. Era muito melhor assim.

Ela passou as últimas duas semanas numa espécie de sonho suspenso. Estava tentando negar a realidade, mas agora esta encarava-a no rosto e era tão dura e tão cruel quanto sempre foi. Ela conheceu a comida, beleza e limpeza aqui, mas isso era pouco comparado ao

respeito, admiração e amor incondicional de sua família. E ela queria muito isso de volta agora.

— Talvez, quando você terminar com ela…

— Eu não compartilho Caleb, você está bem ciente desse fato. — Disse o príncipe com força.

— Sempre há uma primeira vez para tudo. Ela é apenas uma escrava de sangue, afinal.

Aria se forçou a manter a cabeça baixa, temia que, se olhasse para qualquer um deles, começaria a gritar e nunca pararia. Ela queria dizer-lhes quão horríveis eram, quão errado, horrendo e cruel era o mundo deles. Queria gritar que ela não merecia isso, que seu *povo* não merecia isso e dizer-lhes exatamente o que achava dos dois, mas isso só garantiria sua morte.

E ela queria sua liberdade. Desesperadamente. Precisava mostrar-lhes que era mais que nada; que ela era algo especial. E para fazer isso, teria que fugir e escapar daqui, sendo a primeira escrava de sangue a escapar dos laços de seu mestre. E ela poderia fazê-lo de alguma forma, sabia que podia.

— Deixe-nos. — Aria olhou para cima rapidamente, brevemente encontrando os olhos sombrios de seu príncipe. Caleb ainda estava inspecionando-a como se ela fosse um pedaço de carne e seus olhos se estreitaram intensamente. Ela odiava o brilho malicioso em seus olhos; isso a lembrava do pequeno vampiro assustador que a tinha reivindicado pela primeira vez. —Agora!

Ela pulou um pouco com a ordem gritada. O príncipe nunca havia levantado a voz para ela. Ele foi arrogante e agressivo quando ela chegou, mas nunca gritou com ela. Sentiu uma dor aguda e fresca, mas rapidamente a enterrou sob sua raiva crescente e senso de traição. Ela conseguiu um breve aceno de cabeça antes de se virar e teve que se forçar a não correr enquanto se apressava da sala. Não queria que eles suspeitassem o quanto realmente se machucou, ou quão furiosa realmente estava.

Capítulo Seis



Nos dias que seguiram, Aria permaneceu praticamente dentro de seu quarto, sem incomodar ao príncipe, e ele de fato também não a incomodou. No exato horário, todas as refeições eram servidas em uma bandeja colocada do lado de fora da sua porta. Ela sempre as pegava porque não fazer isso seria tolice. Ela queria escapar, *iria* escapar, e para isso precisaria estar forte. E para tanto, precisava de comida.

A única companhia que ela possuía era Maggie e mesmo que a garota fosse sempre gentil com ela, elas duas tinham pouco a dizer uma à outra e Aria não confiava nela. Em seu terceiro dia de solidão imposta, o príncipe chegou à sua porta, mas ela o ignorou, fingindo dormir quando ele abriu a porta do quarto dela.

No quarto dia, Lauren chegou.

Aria estava saindo do chuveiro quando viu a loira dentro do

banheiro, com as roupas na mão. Aria congelou ao vê-la e sua mão voou para sua garganta enquanto a olhava em choque. Seus olhares trancaram por um longo momento antes de Lauren se virar e sair do local. Aria agarrou as toalhas que Lauren deixou para trás, secando-se rapidamente antes de envolver o tecido em torno de si.

Ela se moveu com cansaço para o camarim entre o banheiro e seu quarto. A mão de Lauren estava descansando nas costas da cadeira enquanto esperava impacientemente por ela, um sorriso cruel curvando sua boca carnuda. Seu olhar viajou lentamente para cima e para baixo de Aria e seu lábio ligeiramente curvava-se em desgosto. Aria ficaria feliz se ela nunca mais visse essa garota novamente, e era mais do que aparente que Lauren se sentia da mesma maneira.

— Onde está Maggie?— Aria perguntou suavemente.

Lauren deu de ombros distraidamente e levantou o cabo da escova, torcendo-o na mão enquanto olhava para Aria com crueldade. — Eu não sei, o príncipe pediu meus serviços a partir de agora.

Aria inclinou o queixo desafiadoramente para cima, as mãos apertadas com força. Essa era apenas mais uma maneira de humilhá-la

e colocá-la em seu lugar. Ele estava punindo-a por se trancar dentro de seu quarto e se esconder dele, mas ela aceitaria aquela punição sem reclamar. Poderia pegar o que ele e Lauren jogassem nela.

Ela não olhou para a menina novamente quando se sentou na cadeira a frente. Lauren começou a escovar os cabelos, puxando-o bruscamente, quase arrancando-o da cabeça. Aria foi incapaz de se impedir de estremecer de vez em quando, mas não emitiu um som de queixa. Lauren alisou o cabelo e, em seguida, estendeu a mão para agarrar algumas das presilhas sobre a mesa. Aria não deixou de notar as marcas de mordida que marcavam o pulso e o braço interno de Lauren, e Lauren também não notou a reação de Aria, com os olhos arregalados e enojados.

A loira odiosa se aproximou do ouvido dela. — O príncipe estava excepcionalmente faminto esta manhã.

Aria congelou, incapaz de mover-se ou piscar enquanto o significado por trás dessas palavras eram assimiladas. Não importava o que Lauren fizesse com ela, e não importava o que acontecesse nesses aposentos, não faria bem a Aria contar ao príncipe sobre isso, porque Lauren era sua amante, e aquela de quem ele se alimentava. Ele não

acreditaria em nada que viesse da boca de Aria, especialmente quando se tratava da mulher que supria suas necessidades.

Aria estremeceu de desgosto, mas estava mais envergonhada de admitir que a percepção causou uma pontada estranha de dor. Ela deveria ficar aliviada por ele não ter lhe procurado; era a última coisa que ela queria depois de tudo. Teve sorte dele não ter ido atrás dela e estar usando e abusando dela. que ele *estava* indo para outras mulheres. Então por que ela não estava feliz?

Ela pode não entender sua estranha reação a essas circunstâncias, mas entendia muito mais a aversão de Lauren por ela, que se sentia ameaçada pela presença de Aria dentro destes aposentos.

O que Aria não entendia era o que diabos *ela* estava fazendo aqui. O príncipe tinha alguém para sustentar e prover ele então o que ele queria quando nem uma vez tentara se alimentar dela? Ela estava simplesmente aqui para sua diversão? Para ele atormentá-la mentalmente? Também não entendia, ou queria reconhecer a aguda dor que a esfaqueava. Ela se recusava a ser ferida pelo conhecimento de que o príncipe estava com outras mulheres e se recusava a permitir que algo tão terrível acontecesse.

Sabia que os vampiros eram cruéis, indiferentes, brutais e sedentos de sangue, mas essa foi a primeira vez que ouviu falar desse tipo de coisa. Mas então, novamente, sempre supôs que um escravo de sangue era drenado e torturado fisicamente, mas talvez eles também fossem mentalmente agredidos até quebrarem completamente e precisassem ser mortos.

Aria estremeceu com o pensamento, segundos antes de um pente ser espetado em seu couro cabeludo. Aria lançou a Lauren um olhar sombrio, mas seu protesto e raiva desapareceram quando ela viu o brilho malicioso nos olhos de Lauren. Uma sensação de desânimo a encheu quando percebeu que não eram apenas os vampiros que eram cruéis aqui, mas também os humanos, sua própria espécie.

E agora estava completamente à mercê de Lauren, um fato que foi lembrado pela pontada afiada do próximo pente.

Aria aguentou tudo nos dias que se passaram; pegando os punhados de cabelo que perdeu em silêncio. Ela permaneceu quieta através dos beliscões na pele, empurrões e puxões que Lauren frequentemente fazia em roupas que outrora serviram perfeitamente, mas parecia quase impossível para Lauren vesti-las às vezes. Contusões

marcavam a pele de seu peito para baixo, mas ela estava bem ciente do fato de que Lauren não tocava em seu rosto. Embora estivesse com dor, Aria não daria a Lauren, ou ao príncipe, a satisfação de vê-la quebrar, de vê-la chorar.

Em vez disso, manteve todas as emoções sob controle, deixando sua raiva inflamar. Ela deixou crescer, alimentando sua raiva e abanando seu desejo de escapar deste lugar na primeira chance que conseguisse.

Aguentou tudo até que um dia, quando estava saindo do chuveiro, Lauren a empurrou para o chão duro e um grito assustado de dor escapou dela. Seus joelhos bateram no chão duro, as palmas das mãos ardiam dolorosamente, o quadril estava machucado e ela ouviu o estalido agudo de uma de suas costelas. Aria se levantou devagar, cautelosamente, com a mão segurando as costelas feridas.

Ela havia sido atropelada por cavalos antes; doía mais que isso, mas não muito. Pelo menos, conseguira passar pela maior parte dos cascos dos cavalos. Agora estava em constante curso de colisão com a mulher que a torturava diariamente. Ela não sabia o quanto mais poderia aguentar antes de estourar e bater na menina em uma confusão

sangrenta. Pois, embora fosse espancada e agora também quebrada, tinha certeza de que ainda poderia pegar a loira e mais certa ainda de que enfrentaria a morte imediata depois disso.

Ela estava começando a pensar que a morte poderia valer a pena, se isso significasse conseguir uma pequena vingança sobre Lauren. A única coisa que a impedia era que ela queria se vingar de todos eles, não apenas da cadela diante dela. Queria mostrar a todos que ela era mais do que a simples escrava de sangue que achavam que era.

Aria embalou suas costelas quando desafiadoramente encontrou o sorriso presunçoso de Lauren. Ela se moveu devagar, cautelosamente, para o provador, tentando não chorar quando Lauren apertou as cordas do vestido. Pela primeira vez desde que chegou, ignorou a bandeja de comida do lado de fora da porta, preferindo se enroscar na cama, tentando lutar contra a agonia esmagando seu peito. Não ajudava não poder tirar o vestido ofensivo pois não conseguia trabalhar os horríveis laços apertados facilmente.

De alguma forma, ela não tinha certeza de como, conseguiu dormir um pouco. Estava escuro quando acordou novamente com a cutucada de Lauren. —Levante-se sua criatura suja e preguiçosa.

Aria mordeu com força o lábio inferior, tirando sangue enquanto segurava a dor. Lauren puxou com força as cordas, finalmente soltando as amarras apertadas mas apertando sua costela dolorosamente. Aria soprou de alívio, ofegando tanto ar quanto suas costelas feridas permitiam. Lauren a soltou e saiu do quarto, deixando Aria para tentar descobrir como ela iria colocar o vestido sobre a cabeça, e a camisola de volta.

Precisou de mais força e energia do que ela queria admitir para se libertar do vestido. Amanhã de manhã ela jogaria a maldita coisa, era a peça de roupa que ela mais odiava agora. Ainda mais do que os saltos. Ela sentou-se na beira da cama, tentando reunir forças para colocar a camisola sobre a cabeça. Poderia simplesmente deixá-la de lado, Lauren não se incomodaria em ajudá-la a tirar as roupas íntimas que tinha que usar aqui, mas ela não conseguia dormir em um estado tão vulnerável. Era ruim o suficiente ter que usar a camisola boba para dormir quando estava acostumada a muito mais, mas usar menos ainda seria muito pior. Estava em perigo constante e precisava estar tão vestida quanto possível para estar pelo menos um pouco preparada para essa ameaça.

Respirando fundo, emaranhou a camisola diante dela e lentamente

começou a deslizar os braços para dentro. Estremeceu quando a dor atravessou sua costela danificada. Ela lutou para não chorar, mordendo a língua quando a agonia rasgou seu lado. — Arian...

Aria congelou, as mãos presas nas mangas da camisola. Ela não o ouviu chegando. Na floresta, podia ouvir um rato do campo a uma milha de distância mas aqui, neste lugar estranho e mortal, quando ela mais precisava mais de seus sentidos, eles falhavam. Ela não se virou para encará-lo; não conseguia fazer isso. Em vez disso, permaneceu imóvel. Pela primeira vez ficou grata pelas roupas íntimas tolas e desconfortáveis que pelo menos protegiam parte de sua nudez de sua visão.

Ela manteve a cabeça virada para longe dele e sua respiração suspensa, enquanto esperava que ele tomasse conta do dano causado ao seu corpo antes de sair novamente. Ela não sabia o que o trouxera aqui esta noite, não quando ele a deixou sozinha por tanto tempo, nem se importava. Simplesmente queria que ele absorvesse tudo o que pudesse dela e partisse; ela não tinha nenhum espírito de luta nela esta noite.

— O que diabos aconteceu? — Ele perguntou suavemente.

Arianna apertou a mandíbula enquanto puxava a camisola ainda mais para cima, apertando os dentes contra a dor. Ela se recusou a responder e a deixá-lo ver que estava perturbada por sua presença. E de repente ele estava diante dela, com a mão dele agarrando a camisola enquanto tentava afastá-la. Aria a agarrou, tentando manter-se protegida de seu olhar. No entanto, ele era muito mais forte e em muito melhor forma. No final, ela perdeu.

Inclinando o queixo para cima, ela olhou desafiadoramente de volta para ele, recusando-se a ser intimidada por sua demonstração de força e controle.

— O que aconteceu? — Ele exigiu bruscamente.

— Como se você não soubesse. — Ela retrucou.

Suas sobrancelhas se franziram nitidamente sobre os óculos, a boca comprimida em uma linha dura. — Eu não estaria perguntando se soubesse. O que aconteceu?

Aria recusou-se a recuar e se esconder sob o peso de seu olhar pesado. —Sua cadela aconteceu. —Ela retrucou ferozmente.

Choque registrou em sua face e sua boca abriu ligeiramente enquanto ela sentia seus olhos vagarem lentamente pelo seu corpo. Embora houvesse muito mais exposição do seu corpo do que qualquer homem já tenha visto, ela não se afastou do seu olhar, nem dele ou ao menos tentou se proteger. Ele já a achava muito mais fraca que ele; ela não apoiaria sua teoria por ter medo de seu olhar pesado. E apenas endireitou os ombros. —Você está falando sobre aquela garota que estava aqui antes?

Aria não gostou de ser tocada. Especialmente não agora. Agora simplesmente queria voltar a dormir e dar ao seu corpo uma chance de se curar antes de ser agredida novamente amanhã. — Sim, *essa* menina. — Ela rosnou.

O olhar do príncipe percorreu seu corpo mais uma vez. Aria ficou surpresa ao perceber que ele parecia irritado com o que estava vendo. — Por que ela fez isso?—

Aria encolheu os ombros, estremecendo quando instantaneamente se arrependeu da ação. A dor rasgou-a, ela apertou com força o pequeno grito que queria escapar. — Porque ela pode. Eu sou apenas uma escrava de sangue afinal.

Sua mandíbula enrijeceu firmemente e suas mãos se fecharam momentaneamente. — Você pode ser uma escrava de sangue, mas é a *minha* escrava de sangue. — Aria não encontrou seu olhar, manteve as mãos cruzadas diante dela enquanto se concentrava na parede do fundo, recusando-se a olhá-lo ou respondê-lo.

— Levante-se. — Ele ordenou rispidamente. A mandíbula de Aria cerrou, mas ela não se moveu. — Levante-se!

As palavras foram praticamente rosnadas mas ela não se moveu. Havia sido derrotada o suficiente na última semana e aceitaria qualquer pequena vitória que conseguisse agora, e desobedecê-lo era uma dessas vitórias. Ela não pensou no fato de que estava desobedecendo ao príncipe, que ele poderia fazer o que quisesse com ela agora. Simplesmente não se importava mais.

Ele fez um som suave de assobio, e então suas mãos estavam em seus braços. Ela ficou surpresa com a gentileza de seu toque quando ele a ergueu de pé. Os olhos de Aria voltaram para ele e sua boca se abriu em surpresa enquanto o olhava. Ele a colocou de pé e suas mãos descansaram levemente em seus braços , dando um passo para trás. O calor inundou seu rosto e o embaraço a inundou. Suas mãos

instintivamente se moveram para tentar se cobrir, mas ele as puxou facilmente para o lado.

Aria mordeu o lábio, lutando contra as ondas de raiva e desespero enquanto estava diante dele, seu corpo quase completamente exposto para seu bel prazer. No entanto, ele não a olhava nem a encarava como se ela fosse inferior a ele e indigna. Seus dedos percorreram levemente as costelas, correndo ao longo das bordas do hematoma escuro que era claramente óbvio contra sua pele pálida. Embora mantivesse o rosto impassível, sentia seu corpo automaticamente recuar para longe de seu toque quando se aproximou de sua costela quebrada.

Sua mandíbula se apertou quando a mão dele pousou em sua pele, a palma da mão suavemente sobre ela. — Sua costela está quebrada.

— Eu sei.

Sua cabeça subiu lentamente, seus olhos sombreados estavam escondidos, mas ela podia sentir a questão por trás daquelas lentes escuras. Ela não respondeu e no que lhe dizia respeito, ele não precisava saber como isso aconteceu. Ele já sabia quem e por que e isso era o suficiente para ela. Em vez disso, permaneceu imóvel, congelada sob o

toque dele. Sua mão continuou contra ela, gentilmente embalando o osso quebrado abrigado sob sua pele. Seu toque era muito mais gentil do que esperava dele, ele foi o único que permitiu que isso acontecesse depois de tudo.

— E ela fez isso com você? — Aria permaneceu em silêncio, tentando manter contida as lágrimas em seus olhos. Ela não queria que ele as visse, nem que soubesse que sua gentileza a tocava tão profundamente. Especialmente quando ela decidiu que ele não era nada além do mal e que não queria nada com ele, certeza de que ele estava apenas atormentando-a. — Arianna?—

Ela virou a cabeça. — Sim.

Ela sentiu a tensão que o dominava e a raiva que bloqueava seus ossos, e ainda assim sua mão contra as costelas permanecia surpreendentemente gentil. Ele se inclinou para mais perto dela, sua boca pressionando momentaneamente contra sua orelha. Ela podia sentir o roçar de seus lábios contra sua pele enquanto ele falava. — Isso não vai acontecer novamente. — Uma única lágrima deslizou livre, um estremecimento a atravessou, nenhuma delas ela pôde esconder dele. Ele limpou a lágrima antes de pegá-la em seus braços. Aria engasgou,

esperando que a dor explodisse mas ainda assim o modo como ele a embalou não deixou nenhum espaço para a dor. Era tão gentil, tão doce que ela só conseguia olhar para ele maravilhada e aturdida. — Não.

Ele não respondeu à sua palavra simples nem a olhou novamente quando saiu do quarto. Aria tentou se contorcer contra ele e se libertar, tentou sentir alguma raiva de novo, mas estava tão abatida, tão quebrada, que não conseguiu encontrar muito protesto. O verdadeiro pânico atravessou-a quando ele a colocou no meio do seu quarto. Ela tentou se soltar, mas ele segurou levemente o pulso dela, puxando-a gentilmente de volta.

—Você precisa ser vigiada. Costelas quebradas podem ser perigosas. — Ele disse simplesmente, como se isso fosse uma explicação suficiente para tudo o que estava acontecendo agora. Como se isso fosse explicação suficiente para tudo o que ela achava tão confuso e estonteante. Não era, mas ela não discutiu. Simplesmente queria dormir de novo, se pudesse.

Eles se encararam por um longo momento antes que ele soltasse o seu pulso. Ele ergueu-a gentilmente novamente, colocando-a sobre a coisa mais suave e maravilhosa que já havia experimentado. Foi só

depois que ela afundou no colchão que percebeu que estava em sua cama, e foi só depois dessa percepção que ela soube que não queria mais ir embora. Suas mãos acariciaram o grosso cobertor e os lençóis macios. Era um pedaço do céu aqui na terra.

Então, o medo apareceu. Ela estava em *sua* cama! Tentou se sentar, mas a dor atravessou seu lado deixando que um suspiro involuntário escapasse dela. Ele estava ao seu lado instantaneamente com suas mãos sobre os ombros tentando empurrá-la de volta. Ela queria lutar mas não havia muita força no momento.

— Descanse Arianna, relaxe, não vou te machucar. — Ela o olhou cansada, incapaz de acreditar nele. Ele suspirou suavemente, balançando a cabeça. — Você não pode dormir sozinha esta noite, você pode perfurar um pulmão. Precisa ser vigiada e desde que eu prefiro muito mais a minha cama, você vai ficar aqui durante a noite. — Sua boca se abriu quando ela ficou boquiaberta. Ele ia ficar aqui com ela? Ela pensou que seu coração ia pular de seu peito enquanto martelava violentamente. — Eu posso enfaixar suas costelas para você...

— Tudo bem, eu vou ficar bem. — Ela assegurou-lhe rapidamente. Seria um pouco íntimo se fizesse isso e já era ruim o

suficiente ele esperar que dormissem um ao lado do outro naquela noite. Além disso, ela preferia não ter suas costelas enfaixadas, especialmente antes de ir dormir.

Ele segurou a camisola para ela, enrolando-a ao seu alcance. — Coloque seus braços para cima.

Ela franziu a testa antes de levantar os braços lentamente. Lutou para manter seu rosto em branco enquanto seu corpo gritava em protesto. Ele a estudou por um momento antes de gentilmente enrolar a camisola sobre ela. Aria baixou os braços e alívio encheu-a quando a dor diminuiu ligeiramente. Ele a ajustou, puxando o material facilmente pelas pernas dela. Calor inundou seu rosto e ela abaixou a cabeça ao sentir a mão dele roçando sua coxa.

Ele ergueu uma sobrancelha, mas absteve-se de comentar sobre a reação dela ao toque dele. — Por que você não me contou sobre isso?

Ela inclinou a cabeça, olhando-o interrogativamente. — Por que eu deveria?

Frustração endureceu seu rosto e sua mandíbula enrijeceu. — Você deve me dizer sempre que alguém te maltratar.

— Não gosta quando a propriedade fica machucada? — Ela respondeu com raiva.

Ela não sabia por que estava irritando-o ou por que estava sendo tão rude quando ele tinha sido nada além de bom hoje à noite, mas não conseguiu se conter. Havia algo sobre ele, e toda essa situação, que causava uma reação volátil e rápida dela. Aparentemente ele não sabia o que Lauren estava fazendo e não tolerava as ações violentas da garota. Ele tinha sido rude com ela quando seu irmão esteve aqui, mas não poderia esperar que ele fosse legal com ela em público, poderia? Aria sacudiu a cabeça; estava muito cansada e muito ferida para tentar decifrar o enigma que era ele.

— Não, não gosto. — Ele respondeu friamente.

Ela mordeu o lábio inferior enquanto o estudava debaixo dos cílios. Sua pergunta realmente o irritou. — Eu não quis dizer ... — Sua voz sumiu, ela não sabia o que queria dizer à ele.

— Ah, não? — Aria sacudiu a cabeça, mas não havia mais palavras dentro dela. Principalmente porque estava certa de que lhe devia um pedido de desculpas. Odiava estar errada mas detestava mais ainda

dizer que sentia muito. Especialmente para alguém que era seu inimigo. Afinal, ele não era isso? —Vamos lá, você precisa descansar.

Ela deitou-se rigidamente sobre a cama com as mãos enterradas no cobertor enquanto ele o colocava gentilmente sobre ela. Ele não se deitou ao lado dela, mas levantou-se, tirou o casaco e desapareceu no banheiro que ela usou quando chegou. Ela escutou a água enquanto se lavava antes de retornar.

— Você terá que comer amanhã.— Embora fosse uma ordem, sua voz não estava nem perto de tão rude como antes. Ela não se ofendeu com o comando; na verdade, sentiu uma pitada de preocupação em seu tom e comportamento o que aqueceu-a ainda mais. Talvez estivesse muito mais ferida e espancada do que pensou para que sentisse isso. Especialmente porque já se sentia poder confiar nele novamente, quando decidiu tão firmemente que era a última coisa que queria fazer.

— Eu vou.

Ela fechou os olhos, acomodando-se sob o grosso edredom. Ela nunca tinha estado na cama de outra pessoa antes, muito menos de um homem, mas por alguma razão isso não parecia errado. O colchão

afundou sob seu peso, mas Aria não abriu os olhos novamente e apesar da dor, já estava adormecendo.

Capítulo Sete



— Lauren? — A pequena loira levantou-se rapidamente com um sorriso brilhante iluminando suas feições bonitas.

— Sim, Sua Alteza? — Ela perguntou suavemente.

Ele se encostou na porta, estudando a garota enquanto lutava contra a raiva que surgia através dele. Além das poucas vezes que chegara para cuidar de Arianna, ele a havia visto apenas brevemente. Pode ter se alimentado dela no passado, apesar de não lembrar de fazê-lo, mas sua reação à presença de Arianna o levou a acreditar que ele tinha e que ela tinha pensado muito mais do que ele percebeu. — Eu gostaria de saber por que você acha que tem o direito de colocar as mãos na minha escrava de sangue, para qualquer outra coisa senão ajudá-la da maneira que eu lhe disse?

Ela parecia confusa e franzia a testa para ele, mas Braith não tinha

perdido o lampejo de medo que disparou rapidamente através de seus olhos. — Eu não sei o que você quer dizer.

—Não brinque comigo.— Ele rosnou, rapidamente perdendo a paciência com a garota. — Eu não hesitarei em arrancar sua garganta. — Seus olhos se arregalaram em verdadeiro medo e sua boca entreabriu ligeiramente. — Agora me diga, por que você achou que tinha o direito de machucá-la?

Sua boca se abriu e fechou por um momento, ela não sabia como responder a sua pergunta. — Sua Alteza, eu ... eu ...

—Já nos encontramos antes de você ser convocada aqui?

A cor foi drenada de seu rosto já pálido, e ele podia ver as lágrimas que floresciam em seus olhos assim que seu lábio inferior começou a tremer. Sua reação deu-lhe a resposta para sua pergunta. Ele não se sentiu mal com o fato de que o encontro obviamente tinha significado mais para ela do que para ele. O que ele se sentiu mal foi o fato de que Arianna havia sofrido abuso por causa de seu esquecimento e extrema falta de preocupação com a garota na sua frente.

Sua cabeça caiu para trás e seus olhos se arregalaram quando ele se moveu para ficar diante dela. O medo irradiava dela, mas por baixo disso tudo ele podia sentir sua dor. — E você sentiu que isso lhe dava o direito de tratar mal minha propriedade? — Ele disse asperamente.

Uma única lágrima deslizou por seu rosto e seu lábio começou a tremer ainda mais. Ele era indiferente a sua óbvia angústia, sua raça significava pouco para ele, e ela menos ainda. — Sinto muito.

— Sim, você deve. Você não deve voltar aqui. — Ele agarrou seu queixo, chamando sua atenção rapidamente enquanto seu olhar disparava para a porta atrás dele. Ele sabia que Arianna havia entrado no quarto e sua presença fez com que ela se iluminasse consideravelmente. — Não olhe para ela. —Ele rosnou. Os olhos de Lauren se arregalaram, pela primeira vez o terror começou a irradiar quando ela começou a tremer ao seu alcance. — Você deve sair daqui e nunca mais voltar. Se pisar neste palácio novamente sua vida estará perdida.

A garota ofegou e a cor sumiu do seu rosto. Ser barrada do palácio era uma punição social que a perseguiria pelo resto de sua vida. Não só isso, mas ela acabara de perder o salário e o prestígio que esse emprego

lhe concedera. — Você me entende? — Ela conseguiu um pequeno aceno de cabeça, reprimindo as lágrimas que enxameavam seus olhos. Ele a soltou, enojado com a sensação de sua pele sob sua mão. — Saia.

A garota correu para longe, lançando apenas um breve olhar para Arianna antes de fugir do quarto. Braith virou-se para Arianna, surpreso com a carranca feroz que marcava suas feições e a raiva sombria que fervia em seus olhos. — Você não tem que ser tão mau com ela.

Suas sobrancelhas subiram quando ele a olhou por cima de seus óculos. — Você está defendendo a garota? — Ele perguntou, tentando afastar a descrença de sua voz.

Arianna inclinou a cabeça ligeiramente. A luz entrava pelas janelas realçando o vermelho profundo e ele percebeu que ela ainda usava a camisola, mas à luz do dia, era possível vislumbrar algumas partes do seu corpo. Algo novo se moveu dentro dele, levantando-se do poço sem esperança que foi sua alma por muito tempo. Ele não sabia o que estava acontecendo com essa garota estranha nem por que ela o afetava desta forma, mas pela primeira vez admitiu para si mesmo que tudo o que

esta mortal fazia com ele era profundo, intenso e algo que nunca experimentou antes.

Ele sabia que Arianna era especial e que sempre seria assim, mas pela primeira vez admitiu que não queria se separar dela. Ele a manteve até agora sob a suposição delirante de que um dia a trocaria mas descobriu que nunca faria isso. Ainda que não estivesse usando-a da maneira que um escravo de sangue deveria ser usado, não permitiria que outra pessoa a usasse dessa forma também.

O que tudo isso significava, ainda não sabia mas por enquanto, ele simplesmente não a deixaria ir embora tampouco permitiria mais alguém perto dela, especialmente alguém que pudesse machucá-la.

— Eu não estou defendendo ela. — Ela disse suavemente. — Mas você não tem que ser tão mau assim. Você foi o único que esqueceu sobre ela e ainda a convocou para cuidar de alguém que ela supôs ser sua substituta. Machucá-la assim foi uma coisa horrível.

Seus olhos se estreitaram sobre o frágil corpo da garota. Ela estava realmente repreendendo a ele? Estava realmente questionando o seu modo de vida e as coisas que fazia? Ela era uma criança, pelo amor de

Deus. Uma criança *humana*! Com as mãos cerradas ao seu lado, Braith lutou contra a vontade de ir até onde ela estava para sacudir algum medo que pudesse ter ali porque estava começando a perceber que Arianna não tinha nenhuma dose suficientemente saudável de medo dele.

— Eu deveria me importar? — Ele rosnou.

Ela piscou surpresa e seus olhos azuis cristalinos se arregalaram em descrença. Então, ela balançou a cabeça e determinação estava ali naqueles olhos claros e o queixo ligeiramente elevado. Suas mãos se dobraram recatadamente diante dela, mas ele percebia agora que era apenas um ato. Não havia nada recatado ou fraco sobre essa garota, ela poderia enganar muito bem a qualquer outro, mas havia muitas camadas abaixo de seu exterior dócil. — Eu suponho que não. — Ela disse suavemente e até mesmo sua voz assumiu aquele tom decoroso.

— Ela também machucou você.

Arianna se mexeu um pouco e embora permanecesse externamente mansa, sentiu a raiva crua que a atravessava. — Isso não torna o que você fez certo. Você tirou o trabalho e o orgulho dela. Dois

erros não fazem um acerto, ou pelo menos é o que meu pai sempre disse a mim e ao meu irmão.

Apesar de sua frustração com ela e seu crescente desejo de sacudi-la, seu interesse foi despertado por suas palavras. Essa frase foi o máximo que ela falou sobre sua família desde que chegou. — Quantos irmãos?

Ela deu de ombros distraidamente, seus dedos brincaram nervosamente com as mangas de sua camisola. Seus olhos estavam tristes, distantes quando seus pensamentos se voltaram para sua família. Era a primeira vez que ela não parecia zangada ou frustrada com ele naquela manhã. Ele achou que ela preferia a raiva à tristeza que a envolvia. — Dois. De qualquer forma você não precisava assustá-la. Ela estava simplesmente com ciúmes porque achava que eu era uma ameaça para ela, quando se tratava de você.

— E por que ela pensaria isso? — Arianna deu de ombros novamente, suspirando suavemente quando cruzou os braços sobre o peito. Não lembrou da contusão até o ligeiro estremecimento de dor que a ação lhe causou.

— Eu não sei. Ela estava errada, claro. Quer dizer, eu certamente não sou uma ameaça para ela ou para qualquer outra pessoa. Especialmente quando você estava se alimentando dela...

— Eu estava o que? — Ele interrompeu sua onda de palavras bruscamente.

Os olhos azuis de Arianna se arregalaram um pouco enquanto mexia nas mangas da camisola novamente. — Alimentando-se dela.

— Eu não sei onde você conseguiu sua informação, mas está errada.

— Oh.— Ela disse suavemente, franzindo levemente a testa. — Ah, entendo. Pensei... — Sua voz sumiu e ela balançou a cabeça ligeiramente. — Eu devo ter entendido mal. Ela ou você. Simplesmente presumi que, embora você possa ter esquecido dela, as feridas fossem suas.

— E você achou que eu fosse esquecê-la tão rapidamente. — Ela deu de ombros, mas havia uma sugestão de remorso no conjunto de seus ombros. — Você realmente pensa tão pouco de mim?

Sua boca se abriu e ela mordeu o lábio inferior enquanto o observava com novo interesse. — Eu não sei o que fazer com você. — Ela admitiu honestamente. — Eu realmente não sei. Toda essa situação... — Ela estendeu as mãos diante dela e seu olhar percorreu a sala antes de voltar para ele. — Eu não sei o que fazer com nada disso. É assustador e desconcertante, e tudo é demais para mim, que não tenho ideia do que está acontecendo. Eu não sei se você está brincando comigo enquanto trama a minha morte, não sei o que diabos está acontecendo aqui. Ouvi as histórias e vi o dano que o seu tipo pode causar. Eu não sei jogar esses jogos e não entendo a raiva e o ressentimento que se espalham aqui! Como diabos eu deveria saber o que pensar ou o que fazer?

Sua voz estava áspera e cheia de emoção quando ela parou de falar. Seus ombros estavam arfando, os olhos arregalados e sérios. Pela primeira vez, sua fachada desmoronou completamente e ele pôde ver a menina aterrorizada e furiosa sob o tímido exterior. Ela respirou irregularmente e seus ombros curvaram novamente, cruzando as mãos diante dela mais uma vez, mas ambos sabiam que ela não poderia voltar atrás.

Pela primeira vez ele começou a entender como ela realmente se

sentia. Arianna manteve muito disso escondido dele, mas naquele breve momento tudo foi exposto. Ele começou a vê-la sob uma nova luz, e embora soubesse que havia algo ainda ocultado sob seu exterior primitivo, já vislumbrava verdadeiramente o orgulho e o coração dessa garota capturada e encurralada. Ele sentiu o despertar de uma nova emoção e ficou surpreso ao perceber que era simpatia, algo que nunca havia sentido antes e que *nunca* pensou em experimentar.

— Bem, de qualquer maneira, ela pensou mais do que aconteceu entre vocês. — Ela terminou suavemente.

Braith cerrou os punhos, lutando contra os sentimentos estranhos que se agitavam dentro dele, sentimentos que só o enfraqueceriam e que ele não podia se permitir experimentar. — Eu não me importo.— As palavras foram mais bruscas do que pretendia, mas ele não gostou da ideia de que a garota tivesse mencionado tal coisa para Arianna, e gostou menos ainda do fato de que isso o incomodou.

Porém também serviu para lembrá-lo do fato de que ele estava com fome. Havia algumas mulheres diferentes que costumava visitar quando a necessidade vinha mas ele descobriu que a ideia de se alimentar com elas não era atraente no momento. Especialmente não

quando tinha Arianna em pé na frente dele, parecendo incrivelmente inocente e marcante, e cheirando deliciosamente maravilhoso.

Suas veias vibravam com a fome e ele cerrou suas mãos em punhos ao lado do corpo. Ele se lembrou das palavras sobre ter que tirar qualquer coisa dela à força e se perguntou se ela ainda sentia o mesmo, ou se talvez, apenas talvez, pudesse permitir que ele se alimentasse dela. Não achava que era muito provável, não quando ela ainda olhava para ele com medo e desconfiança na maior parte do tempo. E não quando ela acreditava que ele jogava mulheres, e especialmente humanas, de lado como se elas não valessem nada. Porém, se ele fosse honesto consigo mesmo, geralmente fazia exatamente isso.

Braith tentou ser tão gentil com ela quanto possível, mas depois dos eventos de hoje percebeu que seria preciso muito para ganhar sua confiança se ele quisesse. E começava a entender que poderia querer. Queria sua confiança ainda mais do que o sangue que ele podia ouvir pulsando em suas veias, perfumando o ar repentinamente sufocante da sala. Se ele fosse pegar esse sangue, então teria que ter sua confiança.

Era estranho perceber isso; ele estava acostumado a conseguir o que queria e quando quisesse. Estava acostumado a mulheres se

atirando nele, não constantemente desafiando-o e refutando-o. E ela nem era uma mulher, ainda não. Ela era jovem e sabia muito pouco em sua curta vida. No entanto, possuía muita força de vontade, era vibrante e muito mais voluntariosa e sedutora do que qualquer mulher que ele já conheceu.

— Quantos anos você tem, Arianna?

Ela ficou surpresa por um momento e depois sua boca se curvou em um sorriso suave. — Muito mais jovem que você, tenho certeza. Mas tenho dezessete anos.

Embora ele a achasse mais velha, não ficou surpreso com a tenra idade.

— Quantos anos você tem?

— Muito mais velho. Novecentos e cinquenta e dois.

Seus olhos se arregalaram consideravelmente. — Uau.

Ele conseguiu um sorriso pálido. — Sim, nossa. Eu sou o mais velho dos meus irmãos.

A curiosidade iluminou seus traços. — Quantos irmãos você tem?

— Dois irmãos e duas irmãs. Isso não é conhecimento comum em seu mundo?

Ela balançou a cabeça. — Há pouca informação concreta sobre a família real. A maioria das coisas é principalmente apenas rumor e adivinhação. Não damos muita atenção às pessoas que nos tiraram muito, além de tentar sobreviver dia após dia .

— Entendo.

— Entende mesmo?

Ela encontrou seu olhar de frente, uma característica que ele admirava, apesar de sua teimosia e incapacidade de olhar além do que ele era, estava começando a irritá-lo muito. Ele decidiu deixar para lá por hora, continuar a brigar não levaria nenhum dos dois em lugar algum, a não ser deixá-los frustrados.

— Venha aqui, deixe-me dar uma olhada nas suas costelas.

Ela suspirou suavemente, e por um momento ele pensou que iria desafiá-lo, mas ela veio lentamente em sua direção e parou diante dele,

com as mãos dobradas na frente dela. Braith examinou-a com cuidado, admirando o fato de que ela não recuou quando ele pressionou contra suas costelas feridas.— Elas devem estar curadas em algumas semanas.

— Eu sei.

Suas mãos demoraram contra seus lados, segurando-a levemente por um momento. Se ele desse à ela um pouco de seu sangue, Arianna se curaria mais rápido, mas sabia que ela não aceitaria, e embora fosse atraído por ela mais do que qualquer outra pessoa, não estava pronto para criar o vínculo entre eles; que era o que o compartilhamento de seu sangue produziria. Ele nunca tinha compartilhado seu sangue com ninguém antes, não importando se fosse um humano ou não.

Seus olhos vieram lentamente em direção a ele, brilhantes à luz da sala. Suas sobrancelhas escuras se franziram nitidamente quando ela o estudou por um momento. Ele sentiu um enorme desejo de beijá-la, saber como ela seria contra ele e do que ela teria gosto.

Antes que ele soubesse o que estava fazendo, se moveu lentamente em direção à ela, pressionando a boca levemente contra a dela. Ela endureceu embaixo dele e seu coração balançou tão violentamente que

ele pôde ouvir o ritmo acelerado de sua pulsação correndo por suas veias. Excitação o rasgou e a fome apertou-o duro quando o delicioso aroma de seu sangue o atacou. Lutando para manter o controle de si mesmo, esforçou-se para evitar que os dentes se alongassem quando o desejo tentador de mordê-la e saboreá-la rasgou-o. Ele a assustaria se isso acontecesse, e não era isso que procurava fazer no momento.

Ele se afastou um pouco, esperando que ela o empurrasse, dizendo-lhe para parar ou deixá-la sozinha, mas Arianna não fez nenhuma dessas coisas enquanto o olhava com os olhos arregalados. Ela piscou rapidamente por um momento, a cabeça ligeiramente inclinada enquanto parecia estar tentando decidir o que exatamente ele pretendia. E contanto que ela não lhe dissesse para parar, ele sabia exatamente o que era que ele queria dela.

Braith procurou seus olhos cristalinos de safira antes de se abaixar e beijá-la novamente. Sua surpresa era palpável, ele podia sentir algum medo debaixo de tudo enquanto ela permanecia dura contra ele por mais um momento. Ele acreditava que o medo era mais do desconhecimento do que ele queria, do que do beijo real ou dele. Então, para sua surpresa e deleite, sua boca dura cedeu levemente e ele pôde

sentir o calor de sua respiração contra sua boca. Ele puxou-a para mais perto, tomando cuidado para não assustá-la enquanto lentamente aprofundava o beijo.

Ela era uma das coisas mais maravilhosas que ele já provara. Era doce e disposta, seu corpo quente contra o dele enquanto sucumbia ainda mais, pressionando-se mais perto dele. Ele não esperava isso dela, aguardou alguma resistência, uma briga mesmo, mas não havia nada disso. Na verdade, ela era muito mais ativa e muito melhor do que imaginou que seria. Parecia certo segurá-la, tocá-la. Sua mão entrelaçava em seu cabelo solto, tão macio quanto seda sob seus dedos.

Suas mãos enrolaram em torno de seus antebraços e ela ofegou suavemente enquanto ele passava a língua ao longo de seus lábios. Ele queria levantá-la e levá-la para fora desta sala, mas sabia que não poderia se mover muito rápido. E ainda tinham as costelas dela. Ele tinha que lembrar de suas costelas. Precisava lembrar que ela estava ferida, mesmo quando seu controle começou a se desfazer rapidamente.

Ele se afastou enquanto podia, antes que perdesse o controle total e a machucasse, ou a levasse a algo que ela não estava pronta para fazer.

Arianna respirava pesadamente com os olhos arregalados de espanto quando ele descansou a testa contra a dela. Ele tremia, quase agitado com o esforço que fazia para não tocá-la novamente. Tampouco beijá-la novamente.

Muito menos drenar o sangue maravilhosamente tentador dela.

— Eu não esperava isso. — Ela disse suavemente, sua voz trêmula, o aperto em seus braços intenso.

— Nem eu.

Ele afastou o cabelo do rosto de Arianna, embalando suas bochechas suavemente ao seu alcance. O que era essa garota para ele? Por que ela o afetava assim? O que diabos estava acontecendo aqui? As perguntas corriam rapidamente em sua mente, mas ele não podia responder a nenhuma delas. Não havia respostas ali. Ele não podia negar que ela era especial e que ele estava destinado a encontrá-la, porque ele sabia que ambas as coisas eram verdadeiras.

Ele, no entanto, duvidava que pudesse mantê-la segura neste mundo, ou até de si mesmo. Ele sabia que não poderia mantê-la feliz, o lugar dela não era aqui. Este não era nem o mundo dela, e ela nunca

estaria segura aqui. Se alguém suspeitasse que ele tinha qualquer sentimento por ela, eles a matariam. Escravos de sangue eram usados, drenados, torturados e jogados fora. Eles não eram estimados ou atendidos e certamente não eram mantidos vivos por longos períodos de tempo.

O que diabos ele ia fazer com ela?

Ela o olhou interrogativamente e seu medo e hesitação eram evidentes. Ele tentou ficar inexpressivo pois obviamente algo que viu em seu rosto a incomodou. — Príncipe?

— Braith.

Ela piscou e franziu a testa confusa. — Como? — Ela perguntou surpresa.

— Braith, meu nome é Braith. Você nunca disse. Eu quero que você use meu nome.

Sua boca se curvou em um pequeno sorriso, seus olhos se iluminaram com diversão. — Perdoe-me, Vossa Majestade. Não estou acostumada a estar perto da realeza.

Por um momento a raiva nublou a sua visão através de suas palavras, até que ele percebeu que ela estava brincando. Ele não tinha certeza se já foi provocado antes, nem estava inteiramente certo de que gostava, mas parecia fazê-la feliz. E ele tinha que admitir que gostava de vê-la feliz. — Entendo. Mas prefiro que você diga meu nome. — Ele disse abruptamente.

Sua atitude áspera não pareceu incomodá-la quando encolheu os ombros. A falta de medo que demonstrava era realmente incrível, ele nunca tinha experimentado isso antes. Até mesmo outros vampiros reais tinham medo e desconfiança ao redor dele. — Braith, por que você sempre usa esses óculos escuros?

Sua mão disparou para as lentes escuras. Na maioria das vezes nem se lembrava de que estava usando, eram como outra extensão de seu corpo. Ele deu de ombros, sem saber como responder, sem saber o quanto realmente queria revelar para ela agora. Essa situação já era estranha o suficiente e eles não precisavam que tudo isso se tornasse ainda pior.

Felizmente foi salvo de responder por uma batida suave na porta. Ele soltou Arianna e deu um pequeno passo antes de convidar

quem quer que fosse para entrar. A pequena morena que ele lembrava ter visto antes entrou lentamente no quarto. Braith se arrepiou, endireitando os ombros enquanto se preparava para qualquer reprimenda que fosse necessária à esta garota.

Arianna pousou a mão suavemente no braço dele. Braith a olhou surpreso com o efeito calmante que um gesto simples tinha sobre ele.

— Oi, Maggie. — Arianna disse suavemente, oferecendo um pequeno sorriso para a garota obviamente assustada.

Maggie acenou para ela, mas seu olhar permaneceu sobre a mão de Arianna em seu braço. Braith afastou-se lentamente de Arianna, não querendo ferir seus sentimentos, mas sabendo que tinham que agir com segurança. Ele precisava ter cuidado com ela.

— Disseram-me para subir. — Ela disse suavemente.

— Sim. — Braith respondeu friamente. — Sua amiga foi demitida. Permanentemente. — Os olhos castanhos da garota se arregalaram quando compreendeu as implicações daquelas palavras. — E o mesmo acontecerá com você se sair da linha de qualquer maneira. Você cuidará de suas costelas.

A garota parecia um pouco atordoada e mais do que um pouco confusa. —Claro, sim, Sua Alteza, é claro que vou. — Ela gaguejou.

— Bom.

Braith passou rapidamente pela mulher e agarrando sua bengala, saiu da sala com Keegan se arrastando atrás.



Aria colocou a uva na boca, mastigando a doce fruta ansiosamente enquanto pegava a bandeja de comida. Ela estava morrendo de fome por não ter comido ontem. Colocou mais frutas no prato, depois alguns pães e carne. Havia tanto, e tudo parecia tão bom que não sabia por onde começar. Ela colocou mais um punhado de uvas em sua boca enquanto se dirigia ao assento da janela e refletiu que já não lia há mais de uma semana. Sentia falta disso e estava ansiosa para continuar a história, mas queria esperar que Braith voltasse. Ela temia errar, interpretar errado ou simplesmente travar na leitura ao ler sozinha. Embora, ele tivesse dito que ela estava fazendo um bom progresso e que estava indo bem.

Verdade seja dita, ela simplesmente gostava de se curvar ao lado

dele e ouvir o profundo estrondo de sua voz enquanto ele lentamente. Ela olhou pela janela, lentamente rolando a fruta ao redor de sua boca enquanto pensava sobre as implicações dessa admissão. Que diabos era o problema com ela? Ter se tornado uma escrava de sangue a fez perder completamente a cabeça?

Ela estava realmente começando a ter sentimentos por um monstro? Sentimentos por uma das criaturas que odiava e que lutou contra por toda a sua vida? Isso era uma loucura, simplesmente insano. Não poderia ser possível, realmente não podia.

Mas ao que parecia, era isso o que estava acontecendo e ela já não entendia mais nada. Por todo esse tempo, esperou que ele se virasse contra ela. Inclusive teve certeza de que propositadamente colocou Lauren na posição para puni-la, mas ao final, nada disso foi verdade. E não só ele não sabia que Lauren estava machucando-a, mas uma vez que descobriu sobre isso, foi atencioso, cuidadoso e protetor, preocupado com sua segurança.

E então ele a beijou.

E aquele maldito beijo quase foi sua ruína. Ela pensou no beijo que

compartilhou com Max, o beijo que foi doce e gentil e que a deixou segura e aquecida. O beijo de Braith não foi de nenhuma forma parecida. Pelo contrário, a deixou abalada, rasgada, confusa, em chamas e ansiosa por mais. Ansiosa por *muito* mais. Ela queria que ele a abraçasse, beijasse e a tocasse para sempre. Mas isso não era possível, nada disso *nunca* seria possível.

Aria era uma escrava de sangue e deveria morrer eventualmente. O que ia acontecer com ela agora?

Mastigando um pedaço de queijo, observava a luz brincar nos jardins. Embora estivesse quase convicta de que esse não era o caso, ainda havia uma possibilidade de que ele pudesse estar brincando com ela e com suas emoções apenas para tornar seu colapso emocional ainda mais prazeroso no final. Mas se aquele beijo foi um sinal de qualquer coisa, com ele não seria propositadamente cruel ou mau para ela.

Arianna só não sabia exatamente o que ele era para ela e estava longe de ter certeza de alguma coisa nos dias de hoje. Algumas semanas atrás, teria ficado aterrorizada com essa percepção mas ficou surpresa por não estar apavorada agora, ainda que sentisse que era por causa dele. Era difícil ficar apavorada quando ele estava sempre cuidando

dela, protegendo-a.

Aria franziu a testa quando percebeu que nunca tinha sido realmente protegida antes. Sua família a amava e sempre tentara mantê-la a salvo, mas ela estava sozinha com muito mais frequência do que estivera sob suas asas desde que era criança. Em sua vida, as crianças não podiam ser protegidas, não uma vez que tivessem idade suficiente para ajudar o grupo. Cada mão era necessária para tentar alimentar às muitas bocas famintas e ajudar a manter todos seguros.

Fome era um conceito distante para ela no momento, enquanto mastigava mais um pouco de queijo e frutas, mas não era um conceito estranho para a sua família e amigos.

Sentindo a culpa corroer, por um momento não conseguiu engolir a comida quando ficou presa na garganta. Ela estava sonhando com algo que nunca poderia acontecer, uma vida que ela nunca teria, enquanto a sua família e amigos ainda estavam lutando por suas vidas a cada momento de cada dia duro.

Engolindo a comida, Arianna deixou cair o prato ainda cheio na bandeja, seu apetite agora já desaparecido. Embora tivesse recebido esse

breve momento, um alívio da fome, da morte e da luta que constituíram a maioria dos momentos de sua vida, ela sabia que isso não poderia durar. Isso *nunca* poderia durar. Seu mundo nunca permitiria que durasse, mesmo sonhando com tais coisas. Era uma criança tola por pensar nisso e por não perceber a futilidade de toda essa situação.

Aria tocou a capa de couro do livro, seus dedos se arrastaram lentamente sobre ele enquanto admirava a beleza simples da coisa. — Você precisa de mim para qualquer outra coisa?

Arianna levantou a cabeça. Com todos esses pensamentos, esqueceu que Maggie estava aqui trabalhando nos seus vestidos; alguns deles precisavam ser soltos quando ela engordou. — Oh não, obrigada de qualquer forma. Você gostaria de algo para comer?

Os olhos castanhos da garota se arregalaram um pouco e sua boca se curvou em um pequeno sorriso. Embora Maggie não tivesse comentado sobre os hematomas que marcavam a sua pele, Aria tinha visto o choque e desalento no olhar carinhoso da menina. Aria queria dizer-lhe que as contusões não eram de Braith, que ele não fizera isso com ela, mas as palavras pararam em sua garganta. Provavelmente era melhor se as pessoas começassem a acreditar que ele a estava

maltratando, embora a demissão de Lauren pudesse negar esse fato. Ela imaginou que boatos e fofocas já estavam voando e descobriu que não se importava.

— Não, obrigada, tenho outras coisas que devo atender.

— Oh. — Aria disse suavemente, sentindo uma pontada de culpa por ter tirado a garota de seu trabalho. — Desculpe, eu não queria te atrasar.

— Oh não, está tudo bem. — Assegurou Maggie. — Você é minha prioridade número um. O príncipe deixou isso bem claro.

— Entendo.

— Vejo você mais tarde.

— Sim, tudo bem.

Maggie já estava na porta, sua mão maçaneta mas ao invés de sair, virou-se para Aria. — O príncipe nunca teve um escravo de sangue antes, você sabia disso?

Aria sentiu seus olhos se arregalarem quando olhou para Maggie,

incrédula. Ela recordou seu encontro com a irmã de Braith. A mulher perguntou o que ele estava fazendo com ela e apesar de achar a pergunta estranha na época, imaginando se ela seria a primeira, não deu muito crédito à ideia. Essa revelação fez pouco para aliviar a confusão dentro dela. Na verdade, tornou tudo ainda pior. — Não, eu não sabia disso.

Maggie assentiu. — É verdade, ele nunca teve um.

Arianna franziu a testa, as sobrancelhas se unindo enquanto pensava sobre o que Maggie acabou de revelar. Ela não sabia o que fazer com as palavras ou o que elas poderiam implicar. Por que ele a escolheu dentre tantas pessoas? O que ele queria com ela afinal?

Antes que Aria pudesse fazer qualquer uma dessas perguntas Maggie saiu pela porta, deixando-a sozinha com seus pensamentos. Ela suspirou baixinho se acomodando no assento da janela, rasgada e dominada pela culpa. Toda essa situação que ambos estavam agora era uma bagunça terrível. Ela não sabia quais eram as regras para um escravo de sangue, mas imaginava que não deveria ser tratada tão gentilmente assim como tinha certeza de que não deveria viver por muito tempo.

Com essa percepção voltou seus pensamentos para Max. Ele estava lá fora em algum lugar, passando por Deus só sabia o que e, possivelmente, à beira de perder sua vida. O doce e gentil Max merecia coisas muito melhores do que o que provavelmente estava sofrendo agora. O mesmo doce e gentil Max que só estava aqui por causa dela. Aria sentou-se em silêncio, seus pensamentos revirando a situação. Max prometera tentar resgatá-la, mas ambos sabiam que chance disso acontecer era mínima, mas será que havia uma pequena possibilidade dela conseguir chegar até ele?

Seu olhar percorreu o belo apartamento e todas as suas coisas maravilhosas. Ela tinha sorte de estar aqui e por ter sido Braith a resgatá-la daquela outra criatura vil, mas não importava o quão sortuda fosse, quantas coisas bonitas ou quantidade de comida possuía agora ou mesmo o quão bravo ela faria Braith, Aria sabia que tinha que se libertar daqui. Precisava chegar até Max e juntos fugirem para um local seguro antes que fosse tarde demais. Porque não importava o quanto se sentia segura agora, isso não duraria. Não *poderia* durar.

Era só uma questão de tempo antes que tudo explodisse em sua volta, então ela precisava fazer alguma coisa antes que isso acontecesse.

Era preciso salvar seu amigo antes que ambos fossem condenados. Arianna suspirou baixinho e seu olhar deslizou lentamente de volta para a bandeja de comida. Se ela planejasse uma fuga, para libertá-los, precisaria de tanta comida, energia e força quanto pudesse, mas a ideia de uma fuga foi suficiente para fazer seu estômago revirar, não havia maneira de forçá-la a descer pela garganta agora. Estava muito assustada e perdida para tentar. Amanhã, começaria a cuidar melhor de si mesma, pois agora simplesmente queria se sentar em uma miséria silenciosa enquanto tentava formular algum tipo de plano para sair daqui.

A primeira coisa que tinha que fazer era localizar Max. Faria pouco bem se conseguisse se libertar, mas incapaz de encontrar seu amigo. Se saísse daqui, teria que saber onde ele estava para que chegar até ele rapidamente e com segurança. Seria difícil, sabia disso, mas estava certa de que seria capaz de fazê-lo.

Ou assim esperava.

Sua atenção foi atraída para a porta quando Braith retornou; seu lobo leal perto do seu lado. Ela soube imediatamente que algo não estava certo. Seus ombros estavam rígidos demais, a mandíbula

cerrada. Os olhos de Arianna se arregalaram e as mãos apertaram-se contra ela enquanto se preparava para o que quer que ele tivesse a dizer.

— Caleb estará aqui em breve. Eu preciso que você fique no meu quarto e fique lá até que eu te chame.

Aria engoliu em seco, mas conseguiu um breve aceno para ele. — Claro.

— Arianna. — Ela se virou para sua palavra suave. Seus dedos estavam brancos segurando a cabeça de sua bengala. — Quero dizer realmente para você não sair.

Seu temperamento eriçou-se ligeiramente, ela queria se rebelar contra o comando dele, mas foi capaz de manter a boca fechada enquanto balançava a cabeça novamente. Particularmente não queria ver seu irmão de novo; havia algo no homem que a assustava em um nível primitivo e instintivo.

Ela saiu silenciosamente da sala.

Capítulo Oito



Arianna odiava a coleira fina de ouro, mas aceitou o fato de que precisava usá-la pois do contrário não teria permissão para sair. E tudo o que ela queria era estar fora pois talvez essa fosse a única chance de talvez encontrar Max. Felizmente não precisou pedir a Braith para levá-la até a cidade; suspeitava que ele quisesse que as pessoas a vissem acorrentada à ele como qualquer outro escravo de sangue.

Arianna ignorou os olhares interrogativos enquanto Braith a conduzia pelas ruas que não havia notado na sua primeira caminhada até o palácio. Eram limpas, feitas de paralelepípedos e cobertas por prédios tão belos que ela tentava não abrir a boca enquanto seguiam rapidamente. Vampiros se moviam pela rua, muitos com seus escravos de sangue seguindo humildemente atrás. A coleira de ouro era a coisa mais brilhante sobre as pobres vítimas que se arrastavam atrás de seus senhores.

Aria tentou com dificuldade não olhar para os escravos de sangue, nem notar a miséria que irradiava deles, mas no momento em que estavam a algumas centenas de metros abaixo da estrada, já possuía lágrimas formando em seus olhos. Esses escravos estavam magros, espancados e marcados por hematomas e mordidas. Havia alguns que pareciam mais saudáveis do que outros, mas em todos existia o mesmo olhar sombrio que deixou Aria ainda mais abalada e confusa. Estes escravos eram pessoas do seu povo, e estavam sendo cruelmente usados e lentamente sangrados até a morte. Braith a poupou de tal destino, mas por muito pouco o seu destino foi diferente. Esse pensamento não aliviou a dor que a agarrava, apenas a aumentou. Ela teve a sorte de ser livrada de tal fatalidade, mas por quê? Ela não era melhor que qualquer um deles e não merecia ser poupada quando eles não tinham sido.

Braith agarrou seu cotovelo, puxando-a contra ele. — Não chore; não mostre simpatia, se você fizer isso, então devemos voltar. Você não tem permissão para demostrar tais emoções, entendeu? — Ele assobiou em seu ouvido.

Aria engoliu em seco e permaneceu com a cabeça baixa enquanto tentava afastar as lágrimas quentes que queimavam seus olhos. Como

ela não poderia demonstrar simpatia por essas pessoas coitadas e quebradas? Elas eram seu povo afinal, e sofriam injustamente. Braith soltou o seu braço e deu um rápido passo para longe dela enquanto se aproximavam da parte mais movimentada da cidade.

Vampiros e humanos se misturavam com as lojas e barracas, comerciantes vendiam suas mercadorias nas ruas, gritando para serem ouvidos acima da agitação do povo. Os olhos de Aria se lançaram sobre tudo, havia muito para absorver, e ela não podia fazer tudo de uma só vez. Ela nunca viu nada parecido em sua vida de deserto e cavernas. Nunca nem imaginou que tais coisas existissem.

— Incrível. — Ela disse suavemente.

Aria sentiu os olhos de Braith sobre ela, mas não o olhou novamente, havia muito para ver ao seu redor. A multidão se separou facilmente enquanto ele a conduzia pelas ruas movimentadas. Todos corriam para sair de seu caminho e de Keegan. Aria seguiu silenciosamente atrás, como a dócil e boa escrava de sangue que era, lançando seus olhos sobre tudo e todos, rapidamente procurando por Max, ou a mulher loira que o reivindicou em algum lugar entre esse mar de corpos.

Depois de passar pela multidão, Aria subitamente parou, horror rolando através dela e náusea subindo por seu estômago quando ficou cara a cara com o palco que desfilou no dia do leilão. Ela sentiu o puxão de sua coleira, mas seus pés não se moviam enquanto observava as novas vítimas na plataforma. O mesmo homem que a leiloou estava agora vomitando os elogios do menino que segurava.

— Mova-se! — Um empurrão agudo jogou-a para frente, tirando-a ligeiramente de seu equilíbrio. Ela se virou um pouco, apenas dando uma rápida olhada na mulher que a empurrou para fora do caminho. Aria não a reconheceu, mas era evidente que a mulher estava com pressa quando desapareceu rapidamente no meio do povo.

Aria conseguiu que seus pés se movessem novamente mas tropeçou para frente, de repente achando difícil respirar na rua lotada. Braith não estava longe pois fora parado por um homem mais velho de cabelos grisalhos e barriga saliente. Ele deveria ser um humano. O homem parecia intenso e seus olhos se estreitaram enquanto ele falava rápida e rapidamente. Aria foi esperta o suficiente para se atrasar, percebendo que não seria bem vinda nesta conversa.

O homem não reconheceu sua presença, mas ela viu seu olhar

cintilar na coleira dourada. Aria se virou, tentando não pensar no vínculo que a mantinha amarrada a Braith. Keegan era autorizado a vagar livre, enquanto ela estava amarrada. Raiva e ressentimento a envolveram, mas ela lutou contra as duas emoções. Era assim que deveria ser, essa era a única maneira que um escravo de sangue poderia ser levado a público. Ele não podia permitir que ela vagasse livre pois muitas perguntas seriam levantadas e ela estaria em perigo. Seria o fim da sua vida.

Aria se irritou contra a restrição, eriçou-se contra o fato de que esta era a sua vida pelo tempo fosse concedida a ela; pois não importava o que acontecesse, eventualmente ela teria que morrer. Um calafrio percorreu sua espinha. Quando chegou aqui após ser capturada, ela aceitava, esperava e orava pela sua morte. Mas agora esse não era o seu desejo.

Um puxão afiado em sua coleira a alertou para o fato de que Braith estava pronto para seguir em frente. Aria se virou para ele, congelando instantaneamente enquanto seus olhos se prendiam à mulher que havia reivindicado a Max. Ela estava a poucos metros de distância de Braith, estreitando-se nele e era tão bonita quanto Aria se lembrava com seus

longos cabelos loiros e volumosos. Aria teve o pensamento fugaz de que este era o tipo de mulher, ou vampiro, que Braith realmente desejava. Ela não sabia por que o pensamento surgiu, mas uma vez lá, não conseguia se livrar dele.

— Príncipe. — A mulher cumprimentou, um sorriso conhecedor curvando sua boca carnuda enquanto empurrava seu quadril contra ele.

Aria a olhou, lutando contra a vontade de encarar abertamente a mulher desagradável. A raiva e o ciúme ferveram através dela quando a mulher tocou de leve no braço de Braith. Havia uma familiaridade entre eles que deixou Aria abalada e atordoada. Uma intimidade que a deixou um pouco enjoada e mais do que um pouco desconcertada. Ela não gostava do pensamento de outras mulheres ao redor dele e não gostou do fato de que tal percepção a incomodasse tanto.

Embora Braith não se aproximasse da mulher, ela se pressionou contra ele de uma maneira tão evidente que quase fez Aria vomitar. Isso era tudo que ela pode aguentar, então se virou rapidamente, precisando de algo para distraí-la da terrível cena diante dela. Seu olhar varreu a multidão enquanto procurava ansiosamente por Max. Ela o viu quase instantaneamente, de pé entre a população com sua coleira dourada

presa a um poste de madeira. Um poste que tinha outros escravos de sangue ligados a ele.

Aria se assustou, seu coração pulou em seu peito. Uma onda de alívio, esperança e alegria explodiu em seu peito. A visão dele era uma das coisas mais maravilhosas que ela já havia encontrado. No momento em que seus olhos o encontraram, ele também a notou. Seus brilhantes olhos azuis se arregalaram consideravelmente e Max deu um passo em direção à ela, apenas para ser puxado pela coleira segurando-o no lugar. Lágrimas encheram seus olhos pois apesar dele parecer saudável, ainda havia um ar quebrado sobre ele que roubava sua respiração.

Sem pensar, ela estava se movendo, indo em direção à Max, precisando estar com seu amigo, ver e tocar e falar com o homem que significava muito para ela. Max a observava com seus olhos brilhando de excitação enquanto agarrava a coleira, pretendo rasgá-la, mas ambos sabiam que era impossível. Sua boca se abriu, prazer irradiava dele. Aria não pôde deixar de sorrir de volta para ele; seus dedos coçavam para tocá-lo, seu coração disparou de felicidade. Por um breve e brilhante momento, tudo estava certo e ela não conhecia o medo. Ela sabia apenas que precisava chegar ao seu amigo.

Aria sentiu um beliscão agudo e foi puxada de volta alguns centímetros. Ela se virou, prestes a desabafar sua frustração quando percebeu que Braith estava bem atrás dela. Ela foi trazida contra seu peito duro quando ele empurrou de volta mais um passo. Sua mandíbula estava rigidamente trancada, os ombros tensionados. Ele lentamente voltou sua atenção para Max. Aria podia sentir a raiva brotando através dele, mas não entendeu a intensidade disso. Ele envolveu sua mão firmemente em torno de sua coleira, puxando-a para mais perto dele, forçando-a contra seu corpo enquanto envolvia o cordão de ouro em torno de sua mão.

Aria olhou ansiosamente para Max, mas sabia que tinha cometido um erro. Braith estava enfurecido pois os nós dos seus dedos estavam brancos e ele se agarrava a sua corrente com força.

Embora ninguém ao redor deles parecesse ter notado seu encontro com Max, pois até mesmo a mulher que possuía Max estava distraída com algumas joias, era óbvio que Braith havia reparado. — Braith...

— Sua Alteza. — Ele rosnou.

Os olhos de Aria se arregalaram e a mágoa floresceu rapidamente em seu peito. Ela queria explicar, queria dizer-lhe algo, qualquer coisa que fizesse aquele olhar sumir do seu rosto e diminuir um pouco a fúria que ali fervia. Mas ela não achava que ele iria ouvi-la tampouco sabia como começar a explicar qualquer coisa entre essa multidão. Sem falar que não tinha certeza do que tinha que explicar, já que não sabia por que ele estava tão obviamente irritado com ela. Ela afinal não fez nada de errado.

Aria olhou impotente para Braith. A mulher apareceu ao seu lado novamente, afastando sua atenção de Aria. Eles falaram brevemente, mas Aria não ouviu uma palavra do que eles disseram. Apesar de seus melhores esforços para não fazê-lo, seu olhar deslizou lentamente de volta para Max. Seu coração pulou e lágrimas de desespero surgiram em seus olhos. Em seu olhar, ela podia ver o terrível desespero de sua situação, a horrível percepção de que estavam presos. E, no entanto, ela também podia ver uma fúria crescente disparando dentro de seu olhar enquanto sua atenção voltava lentamente para Braith. O verdadeiro ódio fervia dentro dos brilhantes olhos azuis de Max.

Aria ficou aterrorizada e pela primeira vez ela ficou

completamente amedrontada com toda essa bagunça. Desde que chegou esteve tentando se convencer de que tudo daria certo no final e que de alguma forma eles escapariam. Mas agora percebeu que provavelmente nada disso aconteceria. Eles ficariam presos e morreriam aqui, e não havia nada que qualquer um deles pudesse fazer para parar esses eventos.

Sentindo uma mão ao redor do braço, soube instantaneamente que era de Braith pois sua pele ficou viva e todo o corpo reagiu ao toque dele. Ela não conseguiu olhá-lo quando a odiada mulher passou por ela. Aria não ficaria surpresa em saber que ela e Braith haviam feito planos para se encontrar mais tarde. Aria sabia o que Braith era e o que precisava, e ele não estava pedindo nada à ela. Apesar de saber que deveria estar grata por isso, ficou surpresa ao perceber que não estava.

Ela odiava a sensação de mágoa e traição que a envolvia. Odiava tudo sobre este lugar horrível e dia horrendo. Nunca quis tanto a simplicidade de suas florestas e cavernas mais do que naquele momento. Ela levantou o olhar lentamente para Braith, mas ele não estava mais olhando-a, na verdade, parecia ter esquecido completamente sua existência, já que soltou seu braço e moveu-se

rapidamente pela multidão de volta ao palácio. Aria teve que lutar para acompanhá-lo enquanto ele caminhava propositalmente rápido para frente, quase arrastando-a para trás dele.

Ela olhou de volta para Max, lutando contra as lágrimas que queimavam em seus olhos. Ele estava observando-a atentamente com o rosto escuro de raiva.



Aria estava quase sem fôlego quando Braith a puxou para seus aposentos. Ele irradiava raiva, mas de alguma forma conseguiu fechar a porta silenciosamente.

— Braith...

— Sua Alteza. — Ele disse rispidamente.

Aria recuou com os olhos arregalados, sentindo-se como se tivesse acabado de ser esbofeteada. Ela entendia o porquê ela deveria chamá-lo assim em público, mas eles estavam sozinhos agora e não havia ninguém por perto para questioná-los. — O que? — Ela conseguiu dizer.

— Eu lhe disse para me chamar de Sua Alteza.

Aria ficou boquiaberta enquanto ele soltava a coleira e atravessava a sala. Ela estava bem ciente do fato de que ele não havia removido a corrente de ouro de seu pulso. Olhando para o longo e fino fio, imaginou se alguma vez sairia novamente. Temia que isso não acontecesse e, enquanto estivesse com ela, jamais seria capaz de libertar-se desse lugar horrível. Ele havia dito que a corrente estava ligada à ele e que por isso ele poderia encontrá-la em qualquer lugar, além de ser o único capaz de removê-la. Ela queria acreditar que isso não era verdade.

Tudo o que mais queria era se libertar. Aria agora sabia agora que estava completamente errada; Braith era tão frio e cruel quanto todo mundo por aqui. Ela dobrou a mão livre por cima da corrente de ouro, querendo rasgar a coisa ofensiva de sua pele. Ouvira rumores, histórias que, se um escravo tentasse libertar a corrente, cortaria sua pele, rasgando a carne. Seu sangue correria livremente, manchando o ouro. E essa era a razão pela qual a coleira era conhecida como a corrente sanguínea.

Mas, no momento, Aria não se importava.

O pânico e o terror a dominaram enquanto tentava se libertar. Ela não notou sua carne rasgada, não sentiu a dor, nem notou o sangue derramando livremente por seus dedos e pulso. Ela só queria libertar, sair dessa coisa, e principalmente, queria sua vida de volta. Aria não desejava ser mais uma cativa, uma *coisa* para alguém usar e abusar como bem entendesse.

As mãos de Braith a agarraram. Um grito estrangulado escapou e ela tentou arrancar as suas mãos mas ele segurou mais forte. Aria se sacudiu freneticamente em seus braços, raiva e frustração fervendo. Liberdade, tudo o que ela queria era liberdade. — Solte-me!

— Pare com isso!— Ele rosnou, puxando-a para ele. — Você está se machucando, Arianna.

— Você é quem está me machucando!— Ela gritou de volta, tentando escapar de seu abraço. — Eu prefiro estar morta ao invés de ficar presa assim! Por que você não me deixou morrer? Por que não me mata e acaba logo com isso?

Ele puxou a mão dela da coleira, empurrando-a para baixo e a prendeu lá. —Chega! — Ele gritou. — Você preferiria morrer do que ser

separada do seu amante?

Seus olhos se arregalaram e o choque a congelou quando ela ficou boquiaberta. — Como você se atreve! — Ela gritou. Ele soltou a mão dela, jogando-a com desgosto e deu um passo para trás. — Você não sabe nada de mim! Nada da minha vida! Nada de quem eu sou! Você senta neste palácio, onde não precisa levantar um dedo para que tudo seja entregue a você, e julga aqueles que se recusam a ser espancados e quebrados sob suas regras, seu tratamento pobre e sua morte! Você não tem o direito de me julgar!

Suas sobrancelhas escuras levantaram-se bruscamente, a mandíbula cerrada firmemente. — Não há muito de você para julgar.

Agindo com puro instinto e com o abandono despreocupado que seu pai frequentemente lhe advertira, a mão de Aria levantou-se com a agilidade e velocidade que permitiram sua sobrevivência nos últimos dezessete anos. E que provavelmente terminaria sua vida agora quando a conectou com o rosto de Braith em um tapa ecoante que permaneceu por um longo tempo no ar mortalmente silencioso. Aria ofegou, tentando recuperar o fôlego enquanto olhava para ele em choque ferido. A marca de sua mão sangrenta era perfeitamente evidente contra

a dura curva de sua bochecha.

Sua cabeça, que havia sido levemente empurrada para o lado pelo duro golpe, voltou-se lentamente para ela. Aria podia sentir o choque no seu corpo mas abaixo disso sentia a força da fúria que crescia dentro dele. Ela sabia que deveria ter medo e que provavelmente deveria pedir perdão, mas não o faria, e realmente não o fez.

Ele chegou perto, forçando seu corpo contra a parede, seu rosto a poucos centímetros do dela. Aria descobriu que não conseguia mais respirar, suas mãos tremiam. Ele apertou-a ainda mais forte, suas mãos descansando em ambos os lados da cabeça quando se inclinou, com seu nariz quase tocando o dela. — Não será você a quem irei matar, Arianna. — Ele rosnou. Sua respiração ofegou nela, mas seus joelhos cederam levemente quando a implicação de suas palavras fizeram sentido. — Eu vou manter você viva e fazer você assistir. Eu posso pegar o que quiser, *sempre* que quiser. Fui gentil com você até agora, mas não serei mais. *Ninguém* me desobedece, *ninguém* vai contra mim. Vou te mostrar que tipo de monstro eu posso realmente ser.

— Não. — Ela conseguiu sussurrar.

— Ah sim, e vou aproveitar. Na verdade, estou bastante ressecado no momento, faz um bom tempo desde que me alimentei. — Aria sacudia rapidamente a cabeça horrorizada enquanto ele se afastava, movendo-se rapidamente para a porta. Ela sabia para onde ele estava indo e sabia quem iria pegar. Ela tinha que pará-lo. Max não podia ser punido por ela ser uma idiota. Max não poderia ser punido por causa *dela*. De novo não.

— Espere! Não! Pare! Sua Alteza, por favor, não faça isso! Por favor! — Ela correu atrás dele, quase tropeçando na coleira ainda amarrada à ela. Aria segurou a mão dele, mas ele a sacudiu facilmente. — Não!— Ela engasgou. — Não faça isso! Braith, eu estou te implorando, por favor! — Seus pés se enroscaram dentro da coleira, empurrando-a dolorosamente para baixo, e fazendo com que o fio cortasse mais fundo em sua carne. — Ele é meu amigo, apenas meu amigo! Ele é meu amigo desde que éramos crianças! É como um irmão para mim! — Ela praticamente chorou, o desespero ameaçando sufocá-la enquanto as lágrimas entupiam sua garganta. — Eu nunca implorei a ninguém em minha vida; por favor estou te implorando, por favor não o machuque! Ele não fez nada errado! Desculpe! Perdoe-me! Eu farei o

que você quiser, quando quiser! Puna a mim! Castigue-me!

A força de seus soluços a sacudiu, tornando quase impossível para ela respirar devido a sua costela quebrada. Ela não conseguia se mexer; todo o seu corpo estava destruído pela agonia. Sangue continuava a derramar de suas feridas, formando uma poça debaixo do seu vestido e sendo absorvido pelo pano mas ela não se importava. Nada mais importava. Ela arruinou tudo; destruiu a vida de Max. Ela não o libertara e em vez disso, ela lhe dera uma sentença de morte. E pelo olhar no rosto de Braith, seria dolorosa.

Houve um longo momento de silêncio em que ela não conseguiu olhá-lo, sentindo-se morrer e esperando uma desgraça matá-la. E então, para sua surpresa, sentiu o toque mais suave e leve da sua vida. As mãos de Braith estavam em seu rosto, embalando suas bochechas quando ele levantou o seu rosto para o dele. Seus lábios estavam sobre ela, roçando suas bochechas, sua testa, sussurrando contra suas orelhas suavemente, tentado acalmá-la.

— Não. — Ele disse suavemente. Seus soluços a sacudiram, balançando-a mais forte quando um suave gemido escapou de seu peito. Ela não sabia por que estava chorando agora, nem de onde vinha

toda a fonte dessa desgraça, mas não conseguia mais conter o fluxo, seria como tentar conter um tsunami.

— Arianna, pare. Você está se machucando. Pare, Arianna. Está tudo bem.

Suas mãos estavam em seus cabelos, puxando-a contra seu corpo, enquanto ele se agarrava mais a ela.

Capítulo Nove



Aria se sentou em silêncio enquanto Braith enfaixava lentamente seu pulso. Seu toque era gentil, suas mãos aliviando sua pele ferida e dolorida. As lágrimas haviam finalmente diminuído, mas ela se sentia exausta, quebrada e completamente derrotada. Ele estava sendo gentil novamente, e ela não sabia o porquê. Nenhum deles falou na última hora. Ela não sabia por que ele voltou desistindo de ir atrás de Max, mas não se importava. Enquanto Max continuasse vivo, ela não se importava com o que acontecesse, prometeu a Braith qualquer coisa que ele quisesse; e cumpriria com sua palavra.

Ela não sabia se essa promessa foi o que o deteve e o trouxe de volta para ela, mas não ia arriscar que ele mudasse de ideia. Aria superestimou sua gentileza e compreensão, mas afinal, ela provocou-o lhe dando um tapa no rosto. Ela supôs que teve sorte por ele não a matar de imediato.

Braith terminou de enfaixá-la e a mão dele pousou levemente no pulso com curativo dela. Aria lentamente levantou a cabeça para encontrar seus olhos sombreados. — Por quê? — Ela perguntou suavemente.

—Por que o que?

Ela engoliu pesadamente, com medo de mandá-lo para outra crise de raiva, mas precisava fazer a pergunta. — Por que você me tirou do palco? E por que me escolheu quando nunca tinha escolhido um escravo de sangue antes?

Ele suspirou suavemente; suas mãos gentilmente apertaram as dela. Braith se levantou lentamente do chão e sentou na cama ao seu lado. — Eu vejo que as pessoas desse palácio andaram falando de mim.

Ela encolheu os ombros, mexendo ansiosamente as bandagens. — Eu acho que a maioria está curiosa.

— Assim como você.

— Assim como estou. — Ela concordou suavemente.

Ele permaneceu em silêncio por um longo momento, sua atenção

fixa na porta. — Eu nunca tive um escravo de sangue porque eu prefiro tomar meu sangue dos dispostos. Muitos do meu tipo gostam da força e do controle, eu não. Eu nunca gostei disso.

Ela virou-se lentamente em direção a ele, seus dedos imobilizando as ataduras enquanto estudava seu semblante duro. Seu sangue foi enxugado de seu rosto, mas ela ainda podia ver a boa impressão de seus dedos sobre ele. Um pouco de vergonha rastejou através dela, Aria não deveria ter batido nele, mas nunca foi conhecida por controlar seu temperamento. Isso quase custou a vida de Max.

— Há muitas pessoas dispostas por aí.

Ela sentiu os olhos dele deslizarem sobre ela, analisando-a. E Aria só podia imaginar como ela parecia. Seus olhos tinham que estar vermelhos; ela podia sentir o inchaço neles. Seu rosto deveria estar manchado e inchado também; o cabelo desalinhado e selvagem em volta do seu rosto. Pela primeira vez, estava preocupada com sua aparência. Não queria ser feia para ele, tampouco queria parecer uma criança indefesa. No entanto, sentia como se ele a visse dessa forma agora.

— Sim.

Ela assentiu, não gostando do estranho buraco que se formou em seu estômago quando ele confirmou o que ela já sabia. O que diabos estava errado com ela? Apenas uma hora atrás, ela estava batendo nele e agora estava chateada com o pensamento dele com suas muitas mulheres. Aria estava perdendo a cabeça porque finalmente tinha perdido o controle e ficou surpresa ao perceber que não se importava. Não mais.

— Então por que eu? Por que você me escolheu?

Ele suspirou suavemente, passando a mão pelos cabelos que antes já estavam desalinhados e agora estavam ligeiramente em pé. Ele se levantou, caminhando até a janela antes de voltar para o outro lado da sala. Braith parecia um animal enjaulado enquanto andava impaciente de um lado para o outro. — Porque eu te vi naquele palco. — Aria franziu a testa, atordoada por sua resposta, sem saber como responder a isso. O que diabos isso significava? É claro que ele a tinha visto no palco, assim como todo mundo que estava presente naquele dia.

— Eu não entendo.

— Não, claro que não. — Ele disse suavemente e parando diante

dela, ajoelhou-se segurando suas mãos. — Eu te trouxe aqui porque pela primeira vez em quase cem anos eu pude ver algo. E esse algo foi *você*, Aria.

Ela franziu o cenho e seus dedos tremeram quando o olhou, ainda confusa. Seus olhos examinaram seu rosto duro, pousando nos óculos grossos. Sua mente relampejou para a bengala e para Keegan, que estava sempre presente ao lado de Braith.

— Você é cego! — Ela disse, chocada com essa revelação, e com o fato de que não tinha percebido isso até agora. Mas ele não podia ser cego. Como poderia ter lhe ensinado a ler então? E como se ela sempre sentia o olhar dele sobre ela, inclusive a sua conexão com Max hoje mais cedo se era cego?

— Eu continuo sem entender.

Ele balançou a cabeça, virando-se ligeiramente para olhar pela janela. — Eu também não entendo. — Ele disse suavemente. — Mas, por alguma razão, eu consegui ver você naquele palco e, quando o choque de realmente ver algo novamente se dissipou, percebi que também podia ver as coisas ao seu redor.

— Então sua visão está voltando?

— Não.— Ele se virou para ela. — Eu só vejo as coisas quando estou com você ou quando você está por perto. Quando eu deixar este quarto e já não estiver mais em sua presença, eu voltarei a ser cego novamente.

Os olhos de Aria se arregalaram e seu coração pulou descontroladamente em seu peito. Ela não sabia o que fazer com essa confissão, não sabia o que queria dizer, o que significava. Seus dedos estavam tremendo assim como seus lábios quando ela se inclinou para frente e gentilmente acariciou a borda dura de seus óculos. Ele não se afastou e nem a impediu quando os dedos dela envolveram lentamente o aro. Ela mordeu o lábio, muito excitada enquanto gentilmente tirava os óculos.

Seus olhos estavam fechados, mas ela pode ver as leves cicatrizes brancas que delineavam ao redor. Fazia cem anos, tempo de sobra para um vampiro curar, mas aquelas cicatrizes ainda estavam lá, ainda estragando a perfeição de sua beleza masculina. Seus dedos acariciaram levemente as marcas e Aria sentia seu coração cheio de compaixão. O que quer que tenha causado isso, deve ter sido horrível por ter

conseguido deixar esse tipo de dano duradouro. Algo horrível e doloroso.

— Deixe-me ver, Braith. — Ela pediu suavemente, de repente precisando ver seus olhos mais do que já precisou de alguma coisa antes.

Seus olhos permaneceram fechados por um momento a mais antes que seus cílios longos e escuros se erguessem. A surpresa cintilou mas ela se encontrou congelada, imóvel ao alcance daquele olhar sólido e feroz. Seus olhos eram impressionantes. Eles eram um cinza brilhante e estonteante que roubou sua respiração e a deixou imóvel na cama. Em torno da íris havia uma faixa azul brilhante que se destacava. Eles se dilataram quando a luz os atingiu, uma vez que se concentraram *nela*.

Aria só podia olhar para aqueles olhos, compreendendo lentamente de que eram as coisas mais lindas que já viu ainda que fossem danificadas. E embora seu olhar estivesse concentrado nela, parecia estranhamente desconcertante e ligeiramente atordoado. No entanto, eles examinaram seu rosto, examinando-a lentamente enquanto ela passava os dedos levemente sobre as cicatrizes suaves que os rodeavam.

— Lindos. — Ela disse suavemente e viu o breve choque que rolou através dele, mas não se importou. Eles eram lindos, e ela não conseguia parar de tocá-los; não conseguia parar de tocar a *ele*. — O que aconteceu?

— Uma explosão.

— A guerra? — Ela perguntou suavemente. Ele balançou a cabeça em resposta, mas não respondeu e ela sentiu que ele não queria falar a respeito. Ela não ia pressioná-lo também. Não importava como tudo isso aconteceu, simplesmente importava que ela estivesse aqui agora, com ele.

— Eu sinto muito.

— Faz muito tempo que eu me adaptei à essa perda. Na verdade, até você.

Aria parou de observar seu olhar ferido e se concentrou totalmente no homem diante dela. — O que significa isso? — Ela perguntou suavemente.

Suas mãos rodeavam as dela, apertando suavemente os dedos feridos. — Eu não sei o que significa, Arianna. Eu simplesmente não sei.

Só sei que não pude te deixar ir, uma vez que te vi. E particularmente não deixaria você ir para Richard Ellis. É tudo o que sei, gostaria de ter mais respostas, mas não sei.

Ela assentiu, mordendo o lábio inferior. Suas mãos apertaram brevemente seu rosto duro e ela se inclinou ligeiramente para frente, pressionando os lábios levemente contra a testa dele. Aria desejou poder fazer muito mais, talvez curar as feridas infligidas nele há muito tempo, mas não era possível. Ela não podia desfazer o que lhe foi feito tão cruelmente tempos atrás, muito antes dela nascer.

— Braith. — Ela suspirou, tão completamente perdida e confusa por tudo que estava acontecendo com ela. Com eles.

Ela recuou um pouco, surpresa ao sentir as lágrimas queimando seus olhos novamente. Aria não achava que poderia ter mais lágrimas, mas pelo visto, tinha.

— Arianna, você deve me ouvir. Eu não quero te machucar, realmente não quero, mas existem regras para ser um escravo de sangue, e existem regras sobre o relacionamento de um mestre e seu escravo.

— Eu sei que minha vida não será longa. — Ela disse suavemente. — Sei disso há anos. Eu já vi mais mortes do que pessoas vivas com três vezes a minha idade, e eu as evitei muitas e muitas vezes. Entendo as regras Braith; e sei que não há nada que você possa fazer ...

— Mas existe, ou poderia haver. Só preciso que você faça o que eu digo, Arianna. Existiram outros vampiros que mantiveram escravos por alguns anos, ainda mais. Mas você deve se comportar, *deve* ficar quieta e principalmente, longe de seu amante...

— Max é apenas meu amigo! — Ela interrompeu bruscamente; irritada com o fato de que ele insistia em algo que não era verdade. — Eu já te disse e era sério. Nós estamos juntos desde que éramos bebês; ele é o melhor amigo do meu irmão. Se não fosse por mim, e por minha imprudência e descuido, Max não estaria aqui. Não posso deixá-lo sofrer por minha causa! Não posso deixá-lo sofrer porque eu sou uma tola que nunca ouve ordens...

Aria se interrompeu, alargando o olhar ao perceber o que acabara de revelar a ele ou quase lhe revelara.

— Ordens? — Ele perguntou suavemente.

Ela balançou a cabeça, não querendo discutir isso agora. Simplesmente não podia. — Ele é meu amigo e vai morrer por minha causa. Eu não posso... não posso suportar. — Ela sufocou-se. — Tudo o que ele queria era me salvar, por Daniel.

— Daniel?

Aria assentiu, dando um sorriso trêmulo. — Meu irmão.

O rosto de Braith estava duro, seus olhos investigando enquanto a encarava. — Entendo.

— Max poderia ter fugido, Braith. Eu fui salvar o filho de Mary, mas Max poderia ter fugido! Ele tinha como escapar e fugir para a floresta mas agora está aqui porque pensou que poderia me salvar de tudo isso. Max é otimista até o fim.

— E você não é?

Ela conseguiu um sorriso pálido quando se recostou ligeiramente. —Eu sempre fui cem por cento pragmática. Como eu disse, tenho visto muito na minha curta vida e pouquíssimas coisas foram boas. Max *é* bom, e eu odeio o fato de que sua bondade será destruída por

minha causa. Eu não queria te machucar, só queria ver meu amigo, saber que ele estava seguro e que não estava morto. Pelo menos ainda não de qualquer maneira.

Braith suspirou quando se recostou. — Você não me machucou.

Arianna assentiu com a cabeça, as mãos se afastando lentamente do rosto duro dele. — Claro que não te machuquei. Eu não deveria ter dito nem quis dizer isso. — Ela não podia machucá-lo, tinha sido tola em pensar que talvez essa fosse a razão pela qual ele estava tão zangado. Ela precisava lembrar que, embora seus sentimentos por ele pudessem estar mudando, os sentimentos dele por ela não estavam. — Eu não queria fazer o que fiz hoje. É só que quando eu vi Max, ele me lembrou muito de casa, e eu senti tanto a falta dele que tudo em que consegui pensar foi chegar até ele. Tudo o que consegui pensar foi em liberdade, em meus bosques, em caçar e correr livre. *Liberdade* Braith, eu amava minha liberdade, me deliciava com isso. E sinto muito se o que fiz hoje possa ter causado a nós dois problemas, mas eu não pude me conter porque por um breve momento eu estava na floresta novamente. Eu podia sentir o cheiro dela, seu sabor, senti-la ao meu redor e foi maravilhoso.

Aria parou, dominada por uma sensação esmagadora de saudade de novo. Braith ficou em silêncio, a boca entreaberta enquanto a observava e então seus dedos estavam em seus cabelos e ele a puxava contra ele. Aria engasgou baixinho, mas logo seus lábios estavam sobre os dela, sua boca reivindicando a dela com um desespero que a deixou aturdida e sem fôlego.

No começo, Aria ficou tão surpresa que ficou imóvel contra ele, incapaz de responder à intensidade e à necessidade que sentia irradiar dele. Mas então seu choque foi enterrado sob a torrente de emoções que surgiram. Ela tremia, abalada pela necessidade que a preenchia e o desespero que a dominava. Ela precisava disso, precisava *dele*. E parecia tão certo, tão perfeitamente, maravilhosamente, certo! Algo dentro dela parecia estar se curando, consertando, tornando-se inteiro. Sempre havia algo faltando em sua vida, algo que ela estava procurando e esperando, mas nunca soube o que era. Até agora.

E agora ela sabia que era *ele*.

Ele era a sua parte perdida, era o que ela estava buscando, procurando. Ele era o que a tornara tão imprudente o tempo todo, porque sem ele, ela esteve sempre tão perdida e vazia que nunca parava

para pensar nas consequências de suas ações. E embora soubesse que haveria consequências para essas ações, não se importava porque isso era o *certo*. De fato, mesmo que ele fosse algo que ela sempre odiou e combateu, Aria tinha quase certeza de que esta poderia ser a primeira coisa certa que *já* fez.

Braith ergueu seu corpo sobre o dela enquanto a segurava pela cintura e a levantava facilmente. Aria engasgou baixinho quando ele a depositou no centro da cama antes de descer por cima dela. O coração de Aria martelou, excitação e pânico atravessaram-na em medidas iguais. Tudo parecia tão maravilhoso, novo e emocionante, mas também estava se movendo rápido demais, já que o peso de seu corpo a pressionava mais fundo no colchão, e suas mãos fortes começaram a deslizar seu vestido fino até as coxas.

Aria se libertou da deliciosa pressão de sua boca quando o medo assumiu completamente. Ela não conseguia respirar, nem conseguia controlar seu corpo e emoções tumultuosas. — Espere, Braith, espere! — Ela conseguiu ofegar.

Ele congelou contra ela, suas mãos pararam instantaneamente em sua coxa. Aria tremeu com essa percepção; este foi o toque mais íntimo

que ela já experimentou. Um tremor correu pelo seu corpo enquanto o desejo enviava seu coração disparando novamente. Ela nunca se sentiu tão dilacerada e perdida antes, nunca sentiu um desejo tão avassalador misturado com um medo tão pulsante do desconhecido. Tudo estava correndo muito rápido, ela não conseguia pensar, e precisava desesperadamente de um momento para pelo menos tentar descobrir o que estava acontecendo.

As mãos de Braith estavam em seu rosto, virando-o para ele. Ela piscou, tentando se concentrar nos olhos lindos e carinhosos que se aglomeram diante dela. — Arianna, você está bem?

Ela conseguiu assentir; até conseguiu um sorriso pálido. — Eu estou apenas… eu não sei… É muito rápido. Tudo está muito rápido.

Suas sobrancelhas franziram nitidamente por um momento, seus olhos examinaram lentamente seu rosto. Então, para o horror de Aria, uma percepção crescente pareceu vir sobre ele. Sua testa suavizou e seus olhos eram muito mais compreensivos quando voltaram para ela. — Arianna, você é virgem?

Seu rosto inundou de cor e seus olhos dispararam rapidamente

para longe dele. Ela não podia encontrar o olhar dele novamente, estava muito mortificada.

— Por que você não me contou?

Ela mordeu o lábio inferior, sacudindo a cabeça enquanto lutava para afastar o ardor feroz do rosto.

— Você deveria ter me dito, eu teria ido mais devagar, teria...

— Pare. — Ela sussurrou, muito envergonhada para ouvir mais.

Ele suspirou suavemente e inclinou a cabeça, pressionando a testa contra a dela por um momento. Seus dedos entrelaçaram lentamente em seu cabelo, acariciando-o levemente. — Ok. — Disse ele, pressionando um beijo suave no nariz. Ele rolou para o lado, puxando-a firmemente contra ele, seu braço envolvendo sua cintura enquanto a abraçava. Aria ficou aturdida com a facilidade com que ele a embalou, e com o fato de que ele aceitara sua rejeição tão calmamente enquanto a segurava gentilmente entre seus braços.

— Eu não entendo nada disso. — Ela sussurrou.

Ele ficou em silêncio por um longo momento, afastando levemente

o cabelo do rosto dela. — Nem eu, mas você deve manter isto para si mesma, Arianna. Ninguém mais pode saber da minha visão.

Ela rolou para encará-lo e sua mão embalou seu rosto enquanto ele a observava. — Nem mesmo a sua família?

— Eles veem a minha cegueira como uma fraqueza, e há muitas pessoas que querem me manter fraco. Se eles perceberem que tenho minha visão de volta e que é por sua causa, eles vão te matar para me manter enfraquecido. Eles não vão querer saber o motivo pelo qual eu só posso ver quando estou próximo a você, e não vão se importar. Você não pode deixar ninguém saber.

Ela mordeu o lábio enquanto assentia. — Eu não vou. — Ela prometeu.

Ele sorriu para ela, pressionando beijos suaves em suas bochechas. Aria estava espantada, atordoada com a ternura que ele lhe mostrou, mesmo depois de que ele teve algo que queria desesperadamente tão facilmente negado. Braith era um vampiro e ainda assim ela sabia agora que, embora pudesse ser volátil, ele não era um monstro. Ele nunca seria, não com ela de qualquer maneira. Ela

sabia disso instintivamente, profundamente e com cada fibra de seu ser.

— O que você vai fazer comigo? — Ela perguntou suavemente.

Seu sorriso foi rápido e impressionante e seus olhos brilhavam intensamente. — Tudo o que você quer que eu faça. — Aria não pôde deixar de sorrir de volta para ele enquanto traçava levemente os duros sulcos de sua mandíbula. — Eu sei que você quer a sua liberdade, Arianna, e entendo isso, mas não posso dá-la a você. Vou mantê-la protegida pelo maior tempo possível, pois embora eu seja um príncipe, há pessoas com mais poder do que eu. Pode demorar um pouco, mas vou resolver isso de alguma forma. Não vou deixar que eles te matem.

Aria assentiu, aquecida pelas palavras, mas não confortada por elas. Haveria pouco que qualquer um deles poderia fazer se fosse decidido que ela era uma ameaça que precisava ser eliminada.

— Você parece exausta.

— Eu estou.— Ela admitiu.

—Durma, podemos conversar depois.

Mas ela não queria dormir, queria apenas deitar aqui e senti-lo

contra ela. Desejava ficar aqui e aproveitar a maravilha simples de sua situação estranha e tênue. Mas embora lutasse contra, o sono foi rápido e profundo quando a reclamou.

Capítulo Dez



Braith observou a luz tocar o cabelo vibrante de Arianna. Sua cabeça estava curvada e as pernas puxadas para baixo dela no assento da janela ao qual estava sentada. Ela havia mudado de Ivanhoe e agora tinha Ratos e Homens à sua frente. Seus instintos eram rápidos e afinados, ela realmente conseguiu dar um tapa nele depois de tudo, mas ainda não notou sua chegada. Estava enredada com o romance fino, com os olhos arregalados enquanto lia a página.

Ela poderia não ser a mulher mais bonita, mas era de longe a mais estonteante e atraente. Ele sentiu uma onda de emoção enquanto a observava; uma a qual nunca sentiu antes, e que não poderia nomear agora. Na verdade, quanto mais permanecia olhando-a, mais percebia que, para ele, ela era a mulher mais linda que já tinha visto. Que ela sempre seria.

Ela finalmente pareceu perceber que ele estava lá quando levantou

a cabeça, piscando surpresa. Então, um pequeno sorriso apareceu em seu rosto, iluminando suas feições delicadas e animando seus olhos safira. Ela balançou os pés para baixo, colocando o livro ao seu lado enquanto se levantava. Seu pulso e dedos ainda estavam enfaixados; o algodão branco contrastava com o tom suave de sua pele.

Ela estava de dar água na boca, sedutora sem querer ser, bonita sem sequer tentar. E ela era dele. O sentimento possessivo que surgia nele era forte, intenso e esmagador. Era verdade, ele sabia disso. Ela era dele, e ele faria tudo ao seu alcance para mantê-la segura e protegida.

— Olá. — Ela disse suavemente, seu olhar se afastando rapidamente enquanto suas bochechas inundavam ligeiramente de cor. Ele a deixou dormindo, sem vontade de acordá-la depois dos acontecimentos de ontem, quando partiu esta manhã. Agora sua inocência e incerteza estavam estampados em sua expressão.

— Arianna. — Ele cumprimentou, sorrindo enquanto colocava sua bengala ao lado da porta. Era maravilhoso poder ver mais uma vez, mas a melhor coisa era poder ver a *ela*. Keegan entrou lentamente no quarto e se acomodou aos seus pés. Braith não perdeu o fato de que até o lobo parecia apaixonado por ela.

— Você comeu?

Ela assentiu e seu sorriso foi pálido e trêmulo quando seu olhar se lançou para a bandeja de comida. Suas sobrancelhas escuras se juntaram e uma expressão tumultuosa cruzou seu rosto. Então, sua expressão clareou e ela encontrou seu olhar novamente. Ele podia ver os pensamentos fugazes que cruzavam seu rosto expressivo, sentir as questões que permaneciam logo abaixo da superfície. Ele ficou surpreso quando ela segurou a língua. Foi a primeira vez que aconteceu desde que a conheceu, ele percebeu.

— Arianna?

Ela sorriu brilhantemente para ele, mas foi um sorriso que não alcançou seus olhos. — Este livro é muito bom. — Ela disse suavemente.

Ele olhou para o romance descansando no banco, soltando um suspiro quando tirou o casaco. Ele podia adivinhar o que a incomodava, mas se ela não queria falar sobre isso, então ele não iria forçá-la a fazê-lo. Não era algo que realmente quisesse discutir de qualquer maneira. Ele não ia pressioná-la, não a forçaria a fazer nada que ela não quisesse, mas ele ainda precisava se alimentar. Mesmo que pudesse ter

outras mulheres, ele acreditava que estaria tomando sangue indesejável agora, já que era o sangue dela pelo qual ele ansiava. Braith ainda tinha que saciar sua fome, caso contrário poderia machucá-la sem a intenção de fazê-lo. — É um dos meus favoritos.

Ela observou-o enquanto ele se movia silenciosamente na sua direção. Estava ansioso para tocá-la novamente, para senti-la mais uma vez. A cabeça de Arianna inclinou para trás enquanto ela o olhava, sua boca se separando um pouco e sua respiração ficando mais rápida. Ele podia ouvir o aumento da batida de seu coração e a pulsação acelerando rapidamente através de suas veias. Ele sorriu para ela, feliz por saber que a afetava tanto quanto ela o afetava.

Braith acariciou seu rosto, sua mão entrelaçando em seu cabelo espesso. Seus olhos brilhavam ao vê-lo. Ela realmente era a coisa mais maravilhosa que ele já tinha visto. Ele se inclinou sobre ela, pressionando um beijo suave em seus lábios carnudos. Sua respiração doce a deixou em um suspiro suave que ele pegou quando a puxou para mais perto do seu corpo. Seu braço rodeava sua cintura e assim ele a ergueu contra ele, segurando-a com força enquanto ela colocava os braços ao redor de seu pescoço.

Arianna se fundiu contra ele, aninhando-se facilmente, perfeitamente. Ele ficou surpreso com o quão incrível ela era contra ele, como tudo isso parecia certo. Como na terra ele chegou a isso? Que *ele* dentre todos os vampiros, conseguiu se encontrar nessa situação, enredado pelo fascínio de um humano. Mas se viu sem importar-se, perdido na sensação de sua boca e corpo contra o dele.

Ele estava tão perdido que não ouviu a batida na porta até que fosse tarde demais. Foi o rosnado baixo de Keegan que o alertou para a nova presença, o lobo nunca gostou de Caleb. Braith congelou, suas mãos pararam Arianna quando ele se afastou um pouco dela. Ela o olhou em choque enquanto o calor queimava através de seu rosto. Embora Braith não pudesse ver seu irmão, ele podia sentir a força de seu olhar em suas costas.

— Não me deixe interromper, irmão. — Disse Caleb suavemente, fechando a porta atrás dele. — Você sabe que eu não me importo.

Medo e choque atravessaram os olhos de Arianna, seu olhar disparou em direção a Caleb, mas Braith a manteve imóvel, mantendo-a protegida do escrutínio de seu irmão. Um escrutínio que ele sabia ser cruel, especulativo e muito mais malicioso do que Braith queira que ela

fosse exposta. Ele a segurou por um momento a mais antes de deslizar seus pés lentamente de volta ao chão. Como ele não tinha percebido a aproximação de Caleb? Geralmente sentia seu irmão no momento em que ele chegava no corredor. Caleb carregava uma onda de crueldade, raiva e depravação com ele que era difícil de perder.

— Você precisa ir para o meu quarto. — Ele disse a Arianna suavemente.

— Por todos os meios, continue. — Caleb falou levemente. — Eu vou esperar. Vou até gostar de assistir. — O horror floresceu no olhar de Arianna, e ela tentou novamente olhar para Caleb, mas Braith segurou a parte de trás de seu crânio, mantendo-a protegida do olhar dele. — Arianna. — Braith rosnou. Seus olhos voltaram para ele, seus lábios, ainda inchados pelo beijo, começaram a tremer. Ele podia sentir seu medo, sua repulsa. Desejou poder tirar isso dela, protegê-la disso, mas não podia. Era tarde demais, Caleb estava entre eles agora. E Caleb era um dos filhos da puta mais desagradáveis que Braith já conheceu.

E ele não o queria em nenhum lugar perto de Arianna. — Vai.

Ela hesitou por um momento antes de assentir rapidamente. Ele a

soltou, dando um passo para trás enquanto ela endireitava os ombros e endirecia o queixo. Arianna se afastou dele, mantendo o queixo erguido enquanto atravessava a sala, sem olhar para Caleb enquanto se movia.

— Espere! — Braith se eriçou, dando um passo à frente enquanto Caleb gritava a ordem rude. Ele não queria que ninguém a ordenasse, muito menos seu irmãozinho. Arianna parou, seu olhar se voltou lentamente para Caleb. Ela não vacilou, não hesitou quando manteve os ombros orgulhosamente para trás e sua mandíbula enrijeceu com força. Caleb levantou uma sobrancelha e diversão varreu seu rosto, mas Braith viu a imoralidade no olhar de seu irmão enquanto examinava agudamente Arianna.

— Ela não é realmente seu tipo Braith, não que você possa ver isso, mas ela realmente não é. Eu, por outro lado, sempre gostei de uma ruiva. Eu realmente acho que você deveria me dar uma chance com ela.

Horror brilhou no rosto de Arianna e seu olhar disparou freneticamente em direção a Braith. Ele odiava o fato dela estar sendo exposta a isso, odiava seu irmão por fazer isso com ela, mas não podia pará-lo, não sem revelar muito, e então sua vida seria perdida. — Eu não compartilho.

Caleb encolheu os ombros distraidamente, cruzando os braços sobre o peito enquanto seu olhar lentamente passava Arianna da cabeça aos pés novamente.

— Não mais, — Caleb ronronou. — as coisas eram diferentes há apenas um mês.

— Vá! — Braith gritou para ela, lutando contra o desejo de socar seu irmão no rosto. Diversão cintilou nas belas feições de Caleb, mas ele não tentou impedir Arianna de novo quando ela saiu correndo da sala. Embora ela escondesse bem, Braith podia sentir sua confusão, medo e horror. Braith manteve sua atenção em seu irmão, lutando para manter sua fúria sob controle e seu rosto impassível. Ele não tinha certeza se conseguiu, enquanto Caleb estava olhando para ele interrogativamente. Um olhar que ele não percebeu que Braith podia ver agora.

— O que você está fazendo aqui, Caleb?— Ele perguntou quando ouviu o clique suave da porta se fechando atrás de Arianna. Embora sua visão escurecesse sem ela ao seu lado, ele ainda era capaz de distinguir seu irmão vagamente. Caleb deu de ombros enquanto se movia pela sala, acomodando-se vagarosamente em um dos sofás. Braith se arrepiou, mas não demonstrou reação à atitude arrogante de seu irmão.

— Pai está realizando um banquete hoje à noite.

— Por que?

Caleb se acomodou mais no sofá enquanto esticava suas longas pernas diante dele. — Jericho voltou. — Braith endureceu, Keegan se aproximou dele, roçando suas pernas. — E você sabe o que significa o irmãozinho ter voltado?

— A guerra será retomada. — Braith respondeu suavemente, olhando para a porta fechada. Ele não queria que Arianna soubesse disso, ainda não.

— Sim. — Caleb concordou. — Eu me pergunto o que ele descobriu.

Braith não respondeu; não havia sentido em tentar adivinhar o que Jericho tinha descoberto durante o tempo em que passou longe, até que o próprio os informasse sobre tudo. Ele não concordou com Jericho ser enviado para tentar se integrar com os rebeldes em primeiro lugar. Jericó era jovem, imprudente, e era perigoso mandar um príncipe para o território inimigo. Mas ele insistiu em ir, querendo fazer algo por sua causa, querendo provar que ele era algo mais do que o filho mais

novo. E o pai deles estava muito feliz em mandá-lo, ansioso para ver o que Jericho poderia aprender sobre a facção rebelde, e não se importando se ele perdesse o seu caçula. Ele tinha dois outros filhos depois de tudo.

Mas Jericho era o único membro de sua família com quem Braith já estivera remotamente próximo, e ele não queria correr o risco de perder seu irmão. Seus protestos de que, se Jericó fosse capturado, pudesse ser usado como uma arma contra eles caiu em ouvidos surdos de seu irmão e pai. Seu pai não iria resgatar Jericho se algo desse errado, um ponto que ele deixou bem claro.

E agora Jericho estava de volta, então isso significava que ele havia descoberto uma maneira de derrubar a facção rebelde, uma maneira de destruir seus inimigos. Braith não tinha certeza se queria ouvir o que era.



Braith estava nos aposentos do pai, com a mão dobrada sobre a cabeça da bengala. Keegan sentou-se silenciosamente ao lado dele. Fazia muito

tempo desde que Braith estivera na área privada de seu pai. Ele não podia vê-los agora, mas sabia, ao longo dos anos, que seu pai adquirira mais coisas, acumulando sua fortuna dentro dessas paredes privadas. Ele tinha seus sentidos aguçados e conseguia ouvir o estofamento extra no eco sombrio que ecoava pelas paredes fechadas.

— Seu irmão voltou.

— Então assim me disseram.

Braith não precisava ver o pai para saber que ele era grande, imponente e sombrio. Ele também era sádico. Foi assim que ele conseguiu manter o controle de sua raça por mais de quatrocentos anos, quando muitos governantes não conseguiram mantê-lo por mais de cem. Seu pai governava com mão de ferro, ninguém saía da linha, quem desobedecia era morto. Na verdade não apenas mortos, mas torturados e destruídos das formas mais brutais e terríveis possíveis, como forma de dissuadir os outros que poderiam tentar derrubar o rei. Ele governava pelo medo. Como o grande vitorioso da guerra, os vampiros o respeitavam e obedeciam.

Braith achava que deveria respeitá-lo também, ele era seu pai, e

conseguiu onde muitos haviam falhado, mas Braith não sentia nada pelo homem, a não ser um intenso desagrado. Seu pai foi cruel com o mundo fora deste palácio, mas era ainda mais cruel com o mundo dentro dele. Os espancamentos tinham sido uma regra obrigatória ao crescer, sendo que Braith, o primeiro filho nascido, havia recebido a força bruta da maioria deles, e Jericho, o menino mais novo, também foi fortemente focado. Caleb conseguiu escapar praticamente intocado. Caleb também tinha um jeito cruel sobre ele que seu pai reconhecia e admirava.

Na época em que Jericho nasceu, Braith estava quase crescido e quase intocável, e seu pai havia ansiosamente voltado sua atenção para um novo alvo. Era por isso que Braith sempre se sentira mais perto de Jericho, sempre cuidou de seu irmão mais novo sem permitir que o enviassem direto para a cova dos leões. Seu pai estava mais do que ansioso para jogar Jericho lá, facilmente disposto a jogá-lo de lado.

Braith ficou surpreso quando seu pai não o destruiu depois da perda de sua visão; tinha sido apenas o fato dele ter se adaptado tão bem a cegueira que o salvou. Ele ainda podia lutar tão bem quanto quando era capaz de ver seus atacantes, inclusive ainda era tão implacável quanto era nessa época. Porém Braith não era como seu pai e Caleb; ele

não era cruel pelo prazer de ser apenas cruel e vil. Era simplesmente um assassino quando necessário, e nada mais. Ele não era como seu pai, tampouco como Caleb; não gostava de crueldade e de ferir as pessoas, especialmente as crianças.

— Ele tem algumas informações interessantes para nós.

— Ele está aqui agora?

— Sim, eu chamei ele e Caleb aqui.

— Este não é um anúncio de comemoração para o banquete então?

— O banquete não é uma celebração.

Braith manteve o rosto impassível; ele não queria que seu pai visse que sua curiosidade espreitava. Ele se virou ao som da porta se abrindo, ouvindo os passos rápidos que ecoavam pelo corredor. Reconheceu o ritmo de Caleb na liderança, mas atrás dele estavam os passos mais leves e calmos de Jericho. Embora ele quisesse sorrir em saudação, não o fez. Caleb passou por ele, mas Jericho parou, sua mão apertando o braço de Braith. Braith aceitou sua mão estendida, apertando-a com força dentro da sua.

Quando Jericho partiu, sua mão tinha sido de um menino, sem calos ou cicatrizes. Não era a mesma agora. Era maior, mais firme, mais forte e marcada por múltiplas cicatrizes e calos.

— Você cresceu. — Disse Braith suavemente.

Braith quase podia sentir seu sorriso, a luz que Jericho irradiava. Ele sempre foi o mais fácil de todos, o menos afetado pelo mundo deles, e parecia que ainda era o mesmo. Mas, abaixo de tudo, Braith podia sentir uma tensão e a maturidade em seu irmão que não estava lá quando ele partiu há seis anos. Eles seguraram as mãos um do outro por um longo momento e ele tentou avaliar o homem ante dele, mas havia muito mais camadas em Jericho agora. Braith tinha a sensação de que havia muitas coisas das quais não sabia mais sobre seu irmão mais novo e que talvez nunca soubesse.

— Eu finalmente atingi a maturidade.

Braith riu baixinho, mas não havia humor nisso. Sempre houve uma piada entre eles que Jericho nunca iria crescer, que ele teria setecentos e ainda agiria como um adolescente de dezessete anos. Braith sempre pensou que seria verdade, mas agora percebia o quanto estavam

errados. O que quer que tenha acontecido com Jericho nos últimos seis anos, o mudou profundamente. Braith ficou surpreendentemente entristecido com essa percepção. Ele tinha perdido a camaradagem fácil de seu irmão nos últimos anos e percebeu agora que não estaria recebendo-a de volta.

— Eu percebi.

Jericho apertou a mão dele novamente antes de liberá-lo.

— Diga a seus irmãos o que você me contou. — Ordenou o pai deles.

Jericho deu alguns passos para longe de Braith. — Depois de um ano morando na floresta, lutando entre os rebeldes, escondendo minha verdadeira natureza, e lutando para ganhar sua confiança, eu finalmente consegui romper o círculo e participar desse grupo tão fechado.

— Como? — Caleb perguntou.

— Salvei a vida de uma criança que por acaso era primo do grupo que lidera a facção rebelde. Os pais da criança começaram a confiar em

mim, aceitaram-me, mas ainda levou um ano para o pai me levar ao encontro com o primo. Eu estava vendado para esta jornada, e foi no meio da floresta, mas eu conheci o homem que lidera os rebeldes. O nome dele é David, não sei o sobrenome dele, a maioria dos rebeldes os abandonou, mas eu o reconheci imediatamente.

— E você sabe onde ele mora? — Caleb perguntou ansiosamente, a sede de sangue evidente em sua voz.

— Não, ninguém fora da família sabe onde David mora.

— Então, o que tem de bom nisso tudo? — Caleb assobiou. —Um homem chamado David lidera esses imbecis. Seis anos e isso é tudo o que você inventou?

— Chega! — Seu pai disse rispidamente. — Deixe seu irmão continuar.

— Como eu estava dizendo, — Jericho rosnou; seu aborrecimento por ter sido cortado e degradado era mais do que aparente. Uma vez, Jericho teria rido da impaciência e atitude de Caleb; ele não fez isso agora. — eu conheci David, e embora não saiba onde ele viva, *conheço* a sua família. Eles podem manter seus aposentos em segredo, mas todos

trabalham juntos, especialmente David e seu filho mais velho. Eu só conheci o filho mais velho no começo, mas há três anos o filho mais novo de David se envolveu mais, assim como a filha dele. Embora eles tentassem manter a garota fora da maioria dos combates, ela é bem treinada para isso, e é uma caçadora muito habilidosa. Ela frequentemente fazia viagens de coleta de alimentos e ajudava no planejamento e na execução de ataques.

Braith sentiu um nó apertado começando a se formar em seu estômago. Arianna estava caçando comida quando foi capturada, ela havia admitido isso. E Max, ela disse que Max tinha sido capturado por causa dela, que ele poderia ter corrido, mas em vez disso se sacrificou na esperança de ser capaz de libertá-la do cativeiro. Havia apenas dois motivos pelos quais um homem faria isso: por amor à mulher ou por amor ao seu líder. Ele tinha assumido que Max queria salvá-la porque eles eram amigos, que ele a amava e porque era amigo do irmão dela. Percebeu agora que podia estar errado, que Max pode ter vindo atrás dela porque sabia quem ela era e quem era seu pai. Porque ele percebeu a ameaça que seria para a causa deles se um dos filhos de seu líder fosse capturado e mantido pelo inimigo.

Em que diabos de bagunça ele se meteu

— Ok, então a garota é uma bárbara rude e deseja ser um homem.

— Cala a boca, Caleb. — Jericho rosnou. Braith podia sentir o choque de Caleb, e ele supunha que teria sentido o mesmo se já não estivesse completamente atordoado e aterrorizado com o que mais Jericho poderia revelar.

— A moça também está em nosso poder agora, ou pelo menos ela estava. Houve um ataque a um acampamento externo algumas semanas atrás e escravos de sangue foram levados. Quem exatamente foi levado ninguém sabia ao certo, eram apenas rumores, mas uma criança alegou que uma menina o tinha salvado, uma que se parecia muito com a filha de David. Ninguém sabia com certeza, até a semana passada.

— E o que aconteceu na semana passada?— Braith perguntou suavemente.

— A filha de David não retornou como previsto, assim como nenhum dos seus tenentes mais classificados. Foi confirmado que a menina havia sido levada. Não está confirmado se ela está viva como escrava de sangue ou não. É por isso que eu arrisquei estragar meu

disfarce para voltar aqui agora.

— Que bem traz esta informação? — Caleb perguntou, mas a raiva se foi de sua voz.

— Humanos tendem a ser muito apegados aos seus filhos. Se a filha de David está viva e sendo mantida como escrava de sangue, então podemos usá-la contra ele. Ele não vai gostar do pensamento da sua filha sendo usada de tal maneira e será imprudente. Se ela estiver morta, então teremos que desenterrar uma escrava de sangue que se pareça com ela, e tentar usar essa garota contra ele. De qualquer forma, temos uma forte influência sobre os rebeldes agora. — Disse Jericho suavemente.

— Eu quero que todos os escravos de sangue das últimas semanas sejam chamados esta noite. Jericho irá inspecionar todos. — Seu pai disse suavemente.

As mãos de Braith estavam apertadas ao redor da cabeça de sua bengala. Sentindo sua agitação, Keegan se levantou e começou a andar ansiosamente. — Talvez seja a sua escrava de sangue, Braith. — Caleb disse levemente.

— Talvez. — Ele conseguiu concordar.

— Você pegou uma escrava de sangue? — Jericho perguntou com o choque evidente em sua voz.

— Sim. Braith finalmente afundou nos níveis de depravação que o resto de nós desfrutamos todos esses anos. Ele fez bem para um homem cego; ela é uma coisinha linda, se você gostar de ruivas. O que eu gosto.

Braith endureceu, quase arrancando a cabeça de sua bengala enquanto esperava pela resposta de Jericho. Se a filha de David fosse ruiva, todos saberiam em breve e correriam para o seu quarto para chegar a Arianna. Eles a usariam, e a torturariam, para só então a matar. Ele não sabia como iria impedi-los de fazê-lo, mas teria que tentar.

Jericho deu uma risada suave. — Não, felizmente para a mais nova adição de Braith, a filha de David não é ruiva.

Braith deu um suspiro de alívio, mas a tensão não diminuiu em seu peito. Ainda sentia algo sobre tudo isso, algo que não estava certo. Ele queria desesperadamente retornar a Arianna e interrogá-la, mas tinha a sensação de que, independentemente do que tivesse ocorrido entre eles, ela ainda não lhe contaria sobre sua família. Especialmente se esse David

fosse mesmo o pai dela. E ele também sabia que não podia culpá-la por isso, sua família provavelmente era muito mais próxima do que a dele, os humanos tendiam a se apegar aos seus entes queridos. Vampiros não.

Mas, se David era o pai dela, por que Jericho mentiria sobre a cor do cabelo dela? Talvez ele não considerasse as tranças escuras dela vermelhas, mas Braith duvidaria disso. Ou talvez ele nunca tivesse visto a garota, mas por que mentir sobre isso? O que ele tinha a ganhar vindo aqui e mentindo sobre isso? A não ser que Jericho quisesse escapar da floresta e essa era a desculpa para voltar ao estilo de vida luxuoso que deixou para trás.

Nenhuma dessas coisas parecia certa, e ele não conseguia entender esse quebra-cabeça, ainda não. Só sabia que precisava voltar para Arianna e mantê-la longe de Jericho. Ela não poderia ir àquele banquete esta noite.

— Bem, se ela não é ruiva, então deixarei minha escrava de sangue para trás hoje à noite. Eu preferiria me misturar entre a multidão sozinho.

— Já está cansado do seu prazer? — Caleb provocou. —

Engraçado, mas não pareceu assim quando eu tropecei em você mais cedo.

— Uma mudança é sempre boa. — Braith respondeu timidamente.

— Assim seja. — Respondeu o pai. — Eu ainda quero que Jericho veja a garota, por via das dúvidas.

— É claro. — Murmurou Braith em consentimento, tentando manter a calma. — Sempre que você quiser, Jericho. Eu vou me juntar ao resto de vocês mais tarde.

Braith saiu rapidamente da sala, Keegan seguindo ao seu lado enquanto tentava não correr de volta para Arianna.

Capítulo Onze



Aria ficou em silêncio quando Maggie colocou o lindo vestido sobre a cabeça e começou a apertar as cordas que subiam pelas costas. Aria olhou para o material verde cintilante, atordoada pela cor impressionante que fluía graciosamente para o chão. Havia apenas duas coisas que ela não gostava no vestido: seu corte baixo revelava muito mais de seu decote do que ela gostava, e as cordas estavam mesmo interrompendo o seu fôlego apertando suas costelas. Costelas ainda sensíveis de sua surra.

— Está muito apertado? — Maggie perguntou suavemente.

— Só um pouco. — Ela admitiu.

— Eu posso soltá-lo, mas tem que ficar apertado para que ele fique em pé. Este é o vestido que o príncipe escolheu, mas talvez você possa usar outro se ele souber que está doloroso para você.

Aria engoliu em seco, fechando os olhos enquanto balançava a cabeça. Ela tinha que ficar com esse vestido; ninguém podia pensar que Braith estava tendo algum tipo de simpatia por ela. Se este era o vestido que ele escolheu, ela usaria. Provavelmente já havia perguntas sobre eles; ela não podia permitir que mais nada fosse questionado.

— Não, vai ficar tudo bem e o príncipe não vai me permitir mudá-lo se este for o que ele escolheu.

— Tenho certeza que ele vai, ele provavelmente não estava pensando quando escolheu. Os homens não entendem de cordas de vestidos e de apertos, afinal.

— Vai ficar tudo bem. — Aria murmurou. Maggie suspirou irritada, mas voltou a apertar as cordas novamente. Aria fechou os olhos, tentando manter o rosto impassível enquanto Maggie tentava ser tão gentil quanto podia. — Os escravos de sangue costumam frequentar os banquetes? — Aria perguntou, mais para se distrair do que por qualquer senso de curiosidade.

Maggie deu de ombros distraidamente, mas parecia ligeiramente perturbada. — Normalmente não, e não quando é uma grande

celebração.

— O que eles estão celebrando? — Aria perguntou. Ela não tinha visto Braith novamente depois que ele a mandou para seu quarto, mas Maggie apareceu pouco depois. Ela explicou que Braith a enviara e que Aria deveria se vestir para poder participar da festa hoje à noite.

— O retorno do príncipe mais novo.

— Retorno de onde? — Aria perguntou surpresa. Ela nem sabia que ele não estava aqui, Braith nunca mencionou isso.

— Ninguém sabe, mas ele está fora há seis anos.

— Estranho. — Aria sussurrou, remoendo as palavras de Maggie.

— Sim, isso tem sido especulado e sussurrado por anos. — Disse Maggie ansiosamente. — Alguns dizem que ele saiu para lutar na guerra na frente ocidental, e outros dizem que ele partiu pelo amor de uma mulher que seu pai não aprovava. Claro, ninguém quer acreditar nisso.

— Por que não? — Aria perguntou suavemente.

Maggie ficou em silêncio por um momento; o olhar dela disparou rapidamente antes que ela se aproximasse de Aria. — O jovem príncipe é muito bonito. Ninguém queria pensar nele com outra mulher. Todos esperavam prendê-lo.

— Oh. — Disse Aria. — Entendo. — Mas ela não etendeu. Não conseguia imaginar como alguém poderia ser mais bonito do que Braith, e ela também não queria pensar sobre as mulheres daqui correndo tentando prender um príncipe por si mesmas. Especialmente quando ela mesma sabia que ele nunca poderia ser dela.

Aria fechou os olhos quando suas costelas começaram a gritar em protesto. Ela estava tão decidida a tentar ignorar a dor que não ouviu o príncipe chegar até ouvir o seu grunhido de comando. — Nos deixe.

Os olhos de Aria se abriram, seu coração saltou loucamente quando ela viu ele de pé na porta. Estava impressionante, magnífico e parecia muito zangado e tenso agora. Aria endireitou-se lentamente enquanto Maggie olhava descontroladamente entre eles. Maggie não parecia querer deixar Aria sozinha, mas quando Braith gritou para ela sair de novo, ela saiu rapidamente do quarto.

Um ligeiro tremor começou a abrir caminho por Aria, ela nunca tinha visto Braith assim. Havia um estranho cruzamento entre raiva e medo agarrado a ele que a deixava sem fôlego. — O que está errado?— Ela sussurrou.

— Se eu vou mantê-la segura, então preciso saber mais sobre você. Você me entende, Arianna? Não pode haver segredos.

Seus olhos se arregalaram, seu olhar disparou atrás dele. Ela podia ver muito pouco do quarto além dele, enquanto seus ombros pareciam abranger todo o batente da porta.

— Eu não entendo Braith, sobre o que é isso? O que aconteceu?

— Meu irmão mais novo voltou.

— Eu ouvi. — Ela disse suavemente. Ele se moveu lentamente para frente, seu corpo rígido tenso, sua mandíbula cerrada ferozmente. — Ele está ok? Está tudo bem? Ele está seguro, não está? — Ela perguntou, incerta sobre o que estava acontecendo.

— Ele está bem, Arianna, mas ele voltou em busca de alguém.

Os olhos de Aria se arregalaram, seu coração disparou e saltou

loucamente dentro de suas costelas. Ela só podia supor por quem ele tinha voltado, e imaginou que era *ela* quem ele provavelmente estava procurando. Mas como isso era possível? Como ele saberia quem ela era? Até sua captura, tirando Braith, o único vampiro que ela encontrou estava morto.

— Eu não entendo.

— Você não entende?

Aria sacudiu a cabeça, tentando não parecer apavorada, mas sabia que estava falhando. Então, um lampejo de movimento nas costas chamou sua atenção. Seus olhos se arregalaram e o terror percorreu-a quando a adrenalina bateu em suas veias. Ela só podia ficar boquiaberta em horror silencioso enquanto o homem atrás de Braith avançava devagar. Ela não entendia e nem a sua mente compreendia o que seus olhos estavam vendo. Era impossível. O que ela estava vendo era completamente impossível!

Ela deu outro passo para trás, o irresistível desejo de fugir consumindo-a. Ela não sabia o que dizer ou o que fazer. Estava presa e encurralada dentro desses quartos com dois vampiros, um dos quais ela

estava com muito medo de estar se apaixonando, e o outro um homem em que ela havia confiado a sua vida. Ela tinha certeza de que ele tinha vindo aqui para acabar com isso. Estava tentando respirar, mas o vestido e seu pânico estavam tornando a tarefa simples excepcionalmente difícil agora.

E então, ela cedeu a seus impulsos instintivos. A forte maldição de Braith a seguiu enquanto Aria corria pela porta do quarto dele, voando por cima de sua cama em direção à porta da biblioteca. Ela não olhou para trás, não hesitou em sua descuidada corrida para frente, tampouco parou para pensar para onde poderia estar indo. Ela só sabia que não estava usando a coleira, então havia uma chance incrivelmente pequena dela poder escapar se simplesmente conseguisse despistá-los.

Ela fugiu pela biblioteca. Ela não se enganou que poderia realmente escapar. Parte da razão pela qual eles haviam perdido a guerra foi porque os vampiros eram extremamente rápidos, excepcionalmente fortes e *muito* difíceis de matar. Mas tinha ao menos que tentar, Aria não estava caindo sem uma luta; simplesmente queria ficar viva nem que fosse por mais alguns minutos.

Ela jogou as coisas atrás dela enquanto corria; uma cadeira aqui,

uma mesa no final, numa tentativa de afastá-los da perseguição. Não estava completamente certa de que eles ainda estavam atrás dela ou que não tinham ido por outro caminho, até que ouviu um grunhido reconfortante de dor atrás dela.

Ela agarrou a porta da biblioteca, batendo-a enquanto saltava para frente. Pelo canto do olho, pegou um borrão correndo para ela. Aria se abaixou, disparando para o lado quando o borrão mergulhou. Um pequeno suspiro escapou quando uma mão passou por suas costas, mas ela mergulhou para frente, mal conseguindo escapar de seu alcance. Não foi Braith que saltou para ela, pois ela conhecia seu toque em qualquer lugar, mas seu irmão, o *traidor*. Ela se levantou, suspendendo o obstáculo irritante de seu vestido enquanto saltava sobre um dos sofás, pulando sobre as costas dele em um movimento fácil e gracioso.

Houve um grunhido frustrado atrás dela, mas ela ignorou-o enquanto avançava. A porta estava bem ali, a poucos metros de distância. Pela primeira vez desde que a perseguição começou, a verdadeira esperança floresceu em seu peito, a excitação percorreu-a. Ela conseguiu evitar dois vampiros mais velhos em um espaço fechado, então com certeza poderia se libertar e escapar desse pesadelo sem fim.

Seus dedos se arrastaram sobre a maçaneta da porta e ela trabalhou rapidamente nas fechaduras que estavam travadas. Fechaduras que raramente estavam acionadas, como ela havia aprendido antes, quando Caleb entrou no quarto com eles. Portas trancadas, ela percebeu, que o *irmão* de Braith tinha posto em prática. A porta estava quase um centímetro aberta quando uma mão bateu forte contra ela, batendo-a com um estrondo retumbante que ecoou por toda a sala, mas fez pouco para abafar a quebra de seu coração. Ela puxou inutilmente a maçaneta por mais alguns instantes, sentindo-se uma tola e uma idiota desamparada quando a frustração, o desespero e a raiva a encheram.

Ela queria gritar por ajuda, mas não haveria ninguém para ajudá-la. Ninguém para salvá-la, ela estava presa e agora foi *descoberta*. Não havia como escapar desse fato. Não com Jack aqui agora.

Exceto que o nome dele não era Jack, era? Não, era Jericho, e ele não era um de seus aliados, mas um membro da maldita família *real*. E ele tinha vindo aqui para eliminá-la, entregá-la e usá-la como uma arma contra sua própria família.

Bem, a piada estava com ele, não é? Porque não importava o que eles fizessem com ela, a família dela não viria aqui. Seria uma missão

suicida, eles sabiam disso, e havia muito mais vidas de outras pessoas em risco do que apenas a dela. Aria estava disposta a aceitar esse fato, mas só queria que não tivesse chegado a isso.

O sentimento de traição era agudo. Ela sempre gostou de Jack, confiou nele, gostava de passar tempo com ele aprendendo muitas coisas e, em troca, lhe ensinou alguns truques. Seu pai gostava do homem, confiava nele e o colocou em sua confiança. E o tempo todo Jack, não, *Jericho*, planejava traí-lo. Ela estava tremendo. Seu corpo tremia com a raiva que irradiava dela.

Uma mão envolveu sua cintura, apertando-a contra um corpo duro que ela reconheceu instantaneamente como sendo o de Braith. Ela permaneceu rígida e insensível ao seu alcance. Ela não tentou se enganar, eles se aproximaram. Ela acreditava que ele poderia se importar com ela, mas a lealdade dele sempre seria para sua família e sua espécie. Ele não podia protegê-la disso, mesmo se *quisesse* e ela não tinha certeza de que ele faria.

Braith a afastou da porta, girando-a para encarar Jack.

Maggie estava certa, ele era bonito, embora ela não o achasse tão

bonito quanto Braith. Ele era tão alto quanto Braith, com uma constituição ligeiramente mais magra e mais flexível. Seu cabelo, iluminado pelo tempo ao sol, não era tão escuro quanto o de Braith, mas tinha traços mais claros de marrom e dourado destacando-o. Seus olhos eram cinza aço, penetrantes e severos quando seu olhar se fixou no dela. Ela olhou ferozmente de volta para ele, a raiva ondulando por ela quando levantou o queixo desafiadoramente.

— Eu entendo que vocês dois se conhecem. — Braith falou, sua voz baixa em seu ouvido. Ela fechou a mandíbula, resistindo à vontade de balançar os pés para trás e chutá-lo na canela. Mas irritá-lo agora faria pouco bem a ela. — É ela quem você está procurando? — Ele exigiu duramente.

Aria permaneceu imóvel ao seu alcance, as mãos apertadas enquanto encarava Jack / Jericho, seu novo maior inimigo. Seus olhos permaneceram nela, estreitando-se levemente enquanto a absorvia. — Um de vocês me responda!— Braith rosnou, sacudindo-a ligeiramente em suas mãos.

— Ponha-me no chão! — Ela retrucou. Seu aperto simplesmente ficou mais forte. Raiva e frustração ferveram através dela, tudo dentro

dela pareceu explodir de uma só vez. Ela queria gritar, chutar, arranhar e enlouquecer, mas não fez nenhuma dessas coisas. Aria não lhes daria a satisfação de vê-la quebrada. Ela cruzou os braços sobre o peito enquanto olhava por Jack, e para os jardins.

Parecendo perceber que ela não ia se dobrar, Braith a colocou lentamente no chão, mas não a soltou. Ele manteve o braço em volta da cintura dela.

— Minha família não virá por mim. — Aria disse suavemente. — Não importa o que aconteça, o que for feito para mim, eles *não* virão por mim. Eles não podem.

Braith assobiou baixinho, seus dedos agarraram seu estômago. Ele puxou-a mais apertado contra ele, pressionando seu corpo contra o dela. Os olhos de Jack se arregalaram um pouco quando ele examinou ela e Braith.

— Droga, Arianna! Você deveria ter me contado! — Braith rosnou.

Ela estremeceu, desejando poder se consolar em seus braços, como antes, mas sabia que não haveria consolo a ser encontrado desta vez. Dizer a ele não teria mudado nada disso; só teria negado a ela os poucos

momentos de felicidade que encontrara com ele. E seja como for, ela não abandonaria esses momentos por nada, nem mesmo para evitar isso. Ele não podia protegê-la agora; não podia impedir sua família de machucá-la, nem uma vez seu irmão revelou quem ela realmente era. Ela nem fingiu se enganar, seria impossível.

Aria fechou os olhos, lutando contra o banho quente de lágrimas em seus olhos. — Eu não posso deixar você entregá-la, Jericho. — Os olhos de Aria se abriram em choque, a mão de Braith roçou brevemente em seu estômago, acariciando-a suavemente. Ela estava tremendo ao seu alcance, incerta quanto ao que ele estava dizendo. Ele a soltou lentamente, empurrando-a para trás, prendendo-a contra a porta. — Eu não posso deixar você dizer a eles.

Os olhos de Jack se arregalaram, o choque irradiou dele enquanto seu olhar disparava descontroladamente sobre eles novamente. — O que você está dizendo? — Ele perguntou suavemente.

— Eu estou dizendo que você não vai sair desse quarto até descobrirmos o que fazer. Mas será algo que não vai envolver você levando-a, não vai envolver você dizendo quem ela é.

Aria descansou os dedos levemente nas costas de Braith, atordoada demais para se mover por um momento. Lentamente, hesitante, ela olhou ao redor de suas costas para olhar para Jack. — Braith...

—Você pode ter crescido agora, mas eu ainda posso te derrubar. — Braith rosnou. Aria engasgou baixinho e a boca de Jack se abriu ligeiramente quando suas sobrancelhas escuras dispararam em sua linha do cabelo.

— Braith. — Ela sussurrou. Seus dedos enrolaram na camisa que ele usava, ainda impressionada com o fato de que ele estava disposto a protegê-la.

— Ela não pode ficar aqui, Braith. — Jack disse suavemente.

— Você não entregará ela para eles! — Ele rosnou, dando um pequeno passo à frente.

Aria puxou sua camisa, tentando puxá-lo de volta. Seu corpo estremeceu de raiva, seus músculos vibravam com ele. Ela não queria morrer, não queria ser entregue para ser torturada e usada contra a sua família, mas também não queria ver dois irmãos brigando por causa

dela. Aria não desejava ver Braith ferido por sua causa.

— Eu nunca pretendi fazer isso. — Jack disse à ele.

Tanto Aria quanto Braith se assustaram ante suas palavras. — Como? — Braith perguntou.

Jack balançou de volta em seus calcanhares. — Aparentemente, temos muito a discutir, mas você pode ter certeza de que não estou aqui para entregar Aria ao nosso pai.

— Então, você está aqui para fazer o que?— Aria sussurrou.

Jack se virou para ela com os olhos duros. — Para levar você para casa.

A boca de Aria caiu, seus dedos se apertaram nas roupas de Braith enquanto ela tremia contra ele, atordoada e emocionada com as palavras de Jack. Casa! Estar em casa, na sua floresta, com seus amigos e sua *família* ! Ser livre, correr solta, de volta ao mundo que ela conhecia e amava tanto. Estar entre os animais e as árvores, respirar ar fresco e não ter que ser controlada ao fazer isso. Era tudo tão maravilhoso, e ela queria tanto que quase podia sentir o gosto.

E então ela sentiu Braith quando ele se virou ligeiramente para ela. Aria sentiu o calor de seu olhar por trás dos óculos, o choque que o segurou quando inclinou a cabeça para trás. Ela sabia que não podia esconder a esperança de seu olhar, mas havia uma nova sensação de desejo girando rapidamente dentro dela. Ela teria sua liberdade, mas não teria a *ele*. Aria se agarrou mais a ele, incapaz de deixa-lo ir, incapaz de parar a feroz onda de terror que a atravessava.

O que havia de errado com ela? Deveria estar abraçando a ideia de fugir, deveria estar na metade do caminho com Jack agora e não aqui sentindo-se abalada, confusa e com uma dor surpreendentemente feroz na região de seu coração. A cabeça dela caiu contra o peito dele, mal podendo respirar através da dor chocante que a inundava. Ela mal o conhecia, mas a ideia de se separar dele era quase insuportável. Braith permaneceu imóvel por um momento antes de sua mão enlaçar-se lentamente em seu cabelo e embalá-la gentilmente contra ele.

— Sim. — Disse Braith suavemente. — Aparentemente nós *temos* muito o que discutir.

Capítulo Doze



Braith não se afastou da porta, nem a deixou se afastar dele. Ele não ia deixá-la em qualquer lugar perto de Jericho, ou Jericho em qualquer lugar perto da porta, até que ele realmente sentisse que podia confiar em seu irmão; o que poderia nunca acontecer.

— O que aconteceu aqui? — Jericho perguntou suavemente.

— Eu posso lhe fazer a mesma pergunta. — Retrucou Braith bruscamente.

Os olhos cinzentos de Jericho brilharam de alegria por um momento antes de se tornarem sérios e duros mais uma vez. Braith estava certo, seu irmão amadurecera. O comportamento de Jericho sempre foi despreocupado e animado. Mas isso não acontecia agora; na verdade, ele parecia muito perplexo e mais do que um pouco chateado. Jericho estava mais magro no rosto e em sua constituição,

provavelmente por não ter acesso a sustento sempre que quisesse. No entanto, embora fosse magro, ainda possuía rígidos músculos no seu corpo inteiro que antes não estavam lá. Uma cicatriz irregular marcava sua bochecha, mas estava fresca e com o tempo provavelmente desapareceria. Assim como, em outros cinquenta anos, ele não seria capaz de ver as cicatrizes em torno de seus olhos. Foi apenas pela quantidade severa de dano que tinha sido feito em seus olhos que fez com que as cicatrizes permanecessem por tanto tempo. E ainda era incerto se ele recuperaria totalmente sua visão quando não estivesse na presença de Arianna.

— O que você está fazendo Braith? Se eles descobrirem, vão matá-la. Pai pode até matar *você*.

Arianna se irritou com isso, seus dedos apertaram sua camisa, sua mandíbula cerrou mais forte.

— E você planeja o que, apenas sair daqui com ela? Você acredita que Pai permitiria isso? E se alguém a tivesse reivindicado, então o que Jericho, você iria matá-lo para libertá-la?

— Eu tenho um plano.

— E isso não arrisca a vida dela? — Braith rosnou.

Jericho se mexeu ligeiramente, seu olhar se dirigiu para Arianna. — Sempre há risco em tudo que fazemos. No entanto, sentimos que o risco superava em muito o perigo, se isso significasse fazer com que Aria voltasse.

— Você me seguiu até aqui depois que Caleb disse que ela era ruiva. Você ia me matar?

Jericho se mexeu desconfortavelmente. — Não. Fui enviado aqui para avaliar a situação, para descobrir se Aria ainda estava viva e se poderia tirá-la em segurança sem comprometer nossas vidas.

— E se você não pudesse?

— Então eu iria embora.

Braith ficou ligeiramente chocado com essa afirmação. Fazia pouco sentido e ele não acreditava inteiramente nisso. — Eles te enviaram aqui só para você sair se não pudesse fazer nada?

— Jack subiu em nossas fileiras; meu pai pensa muito bem dele, e não arriscaria perdê-lo. Especialmente se ele achar que pode confiar

nele. — Disse Arianna em voz baixa, com o olhar ainda cansado ao inspecionar o irmão.

— É assim, *Jack* ? — Braith perguntou bruscamente.

Jericho encolheu os ombros quando enfiou a mão no bolso do casaco. — Eu não poderia dar a eles meu nome verdadeiro, poderia? Eles podem não saber muito sobre a família real, ou pelo menos muitos deles não sabem, mas eu não daria a chance de um deles possivelmente reconhecer meu nome. E Jack é menos pretensioso, não acha? — Ele tirou algo do bolso do casaco e deu um passo em direção à eles. — Seu pai queria que eu desse a você isso.

Braith se moveu, bloqueando-a com seu corpo quando Jericho se aproximou deles. Ele pegou a coisa da mão de Jericho, rosnando para seu irmão quando deu mais um passo para perto dela. Em um ponto no tempo Jericho tinha sido a única pessoa em quem ele confiava, mas não era assim agora. Não quando a vida de Aria estava em jogo. Ele realmente não queria ter que matar seu irmão, mas faria o que fosse necessário para mantê-la segura. Os olhos de Jericho se arregalaram um pouco, mas ele se afastou rapidamente deles.

Arianna estendeu a mão, aceitando o pequeno pingente de prata que Braith lhe deu. Sua boca se abriu enquanto ela olhava para baixo, as lágrimas nadando em seus olhos. — Ele deu isso para você? — Ela sussurrou.

— Sim, para você saber que pode confiar em mim, que estou dizendo a verdade. Seu pai sabe o que eu sou desde que nos conhecemos, ele confia em mim, Aria, e eu preciso que você confie em mim também.

Seus dedos tremiam um pouco enquanto ela acariciava a cabeça de cavalo de prata. Seus olhos subiram lentamente até os de Braith e uma única lágrima escorregou. — Era da minha mãe, ele nunca daria para alguém em quem não confiasse.

Braith enxugou a lágrima de sua bochecha e suas mãos envolveram as dela quando ele voltou sua atenção para seu irmão. — E ele pode confiar em você?— Ele perguntou suavemente.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim, Braith, muitas coisas sobre as quais você nunca teve conhecimento. — Jericho disse suavemente.

— Eu posso ver isso, mas ele pode confiar em você; *eu* posso confiar em você?

Jericho assentiu lentamente. — Se você quer sua segurança tanto quanto seu pai e eu, o que acredito que sim, você pode confiar em mim.

Braith o estudou atentamente, não de todo convencido por suas palavras.

— O que deveria acontecer se você não pudesse tirá-la, ou a si mesmo, daqui com segurança?

Jericho se inclinou para trás, cruzando as mãos atrás dele, com os olhos tristes e sérios. — Se eu fosse incapaz de nos levar a segurança, eu deveria partir, para que David pudesse vir aqui.

— Como? — Arianna perguntou bruscamente, sua cabeça agarrando-se às palavras de Jericho.

Jericho ficou em silêncio por um momento, e então seus ombros caíram levemente enquanto passava a mão pelos cabelos. — Ele não queria arriscar perder a nós dois. Se eu não pudesse te libertar, então eu voltaria para a floresta e ele iria se oferecer em troca, no seu lugar.

A respiração de Arianna sibilou e suas mãos se apertaram ao redor do colar. — Isso é loucura! Por que ele faria tal coisa!?

— Porque ele te ama, porque você é a filha dele. Porque ele preferiria dar a própria vida a pensar em você como uma escrava de sangue.

Arianna sacudiu a cabeça rapidamente. — Não, ele não pode fazer isso! Existem milhares de outras vidas que dependem dele, que contam com ele, que *precisam* dele. A minha não é nada comparada a isso. *Nada*! Ele sabe que não deve fazer algo tão tolo!

Jericho apenas a estudou em silêncio. Braith foi incapaz de envolver sua mente em torno das palavras que Jericho acabou de pronunciar. Um pai que daria a vida por seu filho era uma loucura inaudita, insondável. Ele olhou para o semblante de Arianna, notando a forma teimosa de sua mandíbula, e o fogo em seus olhos brilhantes. Havia uma veia de força e coragem que corria através dela que era ao mesmo tempo admirável e ligeiramente assustadora. Ela era descuidada, imprudente, um perigo para si mesma, e precisava ser protegida da crueldade do mundo. Dar a vida por ela não parecia tão louco, nem inacreditavelmente forçado. Foi uma constatação estranha,

uma que ele nunca havia experimentado antes e que nunca esperou acontecer.

Por ela, ele poderia fazer qualquer coisa. Até enxergar.

Essa verdade o atingiu tão drasticamente que bateu em suas entranhas quando as mãos dele se apertaram ao redor das dela. Ele sentiu que essa era a razão pelo qual conseguia ver quando estava perto dela. Algo dentro dele de alguma forma reconheceu o espírito de Aria como pertencente a ele, e viu quem ela era. E então, porque ele precisava ver desesperadamente o rosto por trás do espírito brilhante, seus olhos finalmente trabalharam o suficiente para mostrá-la no palco. E ele *sempre* seria capaz de enxergá-la; sempre seria capaz de encontrá-la.

— Ele sabe disso. — Jericho disse suavemente. — Mas não se importa, não quando se trata de você. Se eu não conseguisse te salvar, eu deveria tentar buscar Max, e depois me retirar para a floresta. Max ainda está vivo?

— Sim. — Sussurrou Arianna, com a voz ligeiramente embargada pelo choque.

— Katrina tem ele. — Disse Braith suavemente.

Jericho assentiu. — Ela pode ser difícil, mas tenho certeza de que vou conseguir chegar até ele. Seu pai não terá que vir por você.

— Ele ia se sacrificar por Max também? — Ela suspirou.

Jericho sacudiu a cabeça. — Não, seu pai cuida de Max porque ele é um membro importante na rebelião, mas ele não viria atrás dele. Você é sua filha Aria, ele te ama e você é muito mais importante para a rebelião do que Max é.

Arianna sacudiu a cabeça, piscando surpresa para ele. — Não, eu não sou! — Ela protestou. — Max é um lutador forte, ele convoca as pessoas para a causa e conhece a floresta tão bem quanto eu!

— Ninguém conhece essas florestas tão bem quanto você. — Murmurou Jericho, olhando rapidamente para Braith, que permaneceu imóvel enquanto tentava absorver tudo.

Arianna sacudiu a cabeça. — Nada disso ainda faz sentido. — Ela sussurrou.

— Como a filha de seu pai, um homem que os rebeldes obviamente admiram e seguem, você seria capaz de reunir os rebeldes para lutar

ainda mais do que Max. — Explicou Braith suavemente.

Arianna mordeu o lábio inferior e o seu olhar se lançou rapidamente para ele. — Eu não quero isso; não queria nada disso.

Ela parecia tão perdida, assustada e ferida. Ele nunca a tinha visto assim. Mesmo suja e enlameada, ela demonstrou um ar de desafio que era admirável. —Eu sei, mas tudo isso tem que ser resolvido.

Ela se virou para Jericho. — Meu pai tinha que saber que seria uma missão suicida, que eles não me libertariam, não importando o que acontecesse. — O olhar de Jericho disparou para Braith.

— Era uma chance que ele estava disposto a aceitar, se isso significasse que ele tinha a possibilidade de salvar sua vida. Daniel é capaz de tomar conta dos rebeldes dentro dos campos, enquanto William e eu poderíamos assumir o controle dos rebeldes do lado de fora, se seu pai tivesse que vir aqui.

Os olhos de Arianna se arregalaram, sua boca caiu enquanto toda a cor drenava da face dela. —William? — Ela engasgou. — Você trouxe *William* aqui para perto? O que você estava *pensando* Jack? O que meu *pai* estava pensando?

— Ele vai ficar bem. — Disse Jericho suavemente.

— Bem! — Ela gaguejou, soltando Braith enquanto dava um passo irritado para frente. — Você está tentando matá-lo?

— Aria…

— Você não me chame de Aria! — Ela replicou, de repente, atacando Jericho. Braith ficou tão chocado com o ataque repentino que não entrou em ação imediata para tentar detê-la. Ela estava na frente de Jericho cutucando-o com força no peito enquanto ele se afastava. Seu comportamento quebrado se foi, ela irradiava fúria agora. — O que diabos vocês *dois* estavam pensando?

Jericho agarrou seu dedo, mantendo-o dentro de seu aperto quando tentou afastá-lo. Aria soltou um grunhido áspero de frustração, em seguida o chutou o mais forte que pode na canela. Jericho deu um salto para trás quando Aria olhou feio para ele. — Droga, Aria! — Ele gritou para ela.

— Você tem sorte de eu estar usando esse vestido estúpido e não conseguir elevar mais o meu pé! — Ela retrucou.

Jericho olhou ferozmente para ela e ela devolveu o olhar com todo o coração. Braith deu um passo à frente, agarrando o braço de Jericho. Ele não achava que seu irmão fosse machucá-la; na verdade, Jericho parecia genuinamente gostar e admirar Arianna. Parecia haver uma conexão quase fraternal entre eles, mas Braith não gostava que ele a tocasse. Não gostava da ideia de *qualquer* outro homem tocá-la, mesmo que fosse seu irmão. Jericho a olhou por um momento a mais antes de soltar a sua mão. Arianna parecia como se fosse chutá-lo novamente, mas se conteve.

— Agora. — Disse Braith friamente. — Quem diabos é William?

Arianna cruzou os braços sobre o peito e seus olhos se estreitaram perigosamente.

— Seu irmão. — Respondeu Jericho.

O lábio de Arianna se curvou para ele, parecendo completamente enojada e enfurecida. — Meu irmão *gêmeo*. — Enfatizou ela.

Braith não entendeu completamente por que isso parecia incomodá-la tanto. — Ok. — Ele disse suavemente.

Arianna finalmente voltou sua atenção para Braith e o desespero em seus olhos o surpreendeu. — William e eu somos inseparáveis, raramente estamos separados. A única razão pela qual ele não estava na caça comigo naquele dia foi porque ele foi ferido em um ataque dois dias antes. Ele é meu irmão gêmeo, é outra extensão minha e somos quase exatamente iguais.

— Eles são ambos impetuosos e imprudentes, isso sim. — Jericho explicou mais quando Braith ainda não entendeu completamente o que ela estava dizendo. — Eu pessoalmente culpo o cabelo.

— Você é um idiota! — Ela retrucou, girando em seu calcanhar e se afastando. — Meu pai e você são dois idiotas! William não vai ficar longe. — Ela caminhou rapidamente até a porta da biblioteca, onde parou e ficou insegura. Seus braços estavam em volta do seu corpo e ela parecia rasgada, perdida.

— E foi por este motivo que seu pai o trouxe. — Ela virou-se para as palavras de Jericho. — Pelo menos aqui seu pai pode ficar de olho nele, mantendo guardas para que ele não possa se libertar e fazer algo que possa nos matar. Se tivesse deixado William para trás, ele não seria capaz de ficar de olho nele.

O olhar de Arianna cintilou, e então ela mordeu o lábio inferior e assentiu devagar. — Você está certo. — Ela sussurrou. E então se moveu novamente, voltando para Braith, deslizando a mão na dele. Aria o olhou por um momento, seus olhos analisando seu rosto. — O que nós faremos?

Ele não tinha uma resposta para ela. — Agora, nós fazemos um plano para tirá-la daqui. — Disse Jericho suavemente.

Horror encheu os olhos de Arianna e Braith sentiu uma dor aguda no peito, todo o seu ser recuando diante da ideia. Ele sabia que ela precisava sair até chegar a algum lugar seguro, só não tinha certeza de que conseguiria deixá-la ir.



Aria assistiu aturdida, ainda sem se mover da janela desde que Jack e Braith saíram para assistir ao banquete. Eles eram necessários lá e precisavam ir, e nenhum deles a queria em qualquer lugar perto dos outros. Braith não achava que Max seria trazido para a inspeção, mas não estava disposto a arriscar. Ninguém sabia como Max ia reagir

quando visse que Jack era da família real; e eles não precisavam da presença dela para complicar ainda mais as coisas.

O único problema era que eles não haviam resolvido nada antes de partirem, e agora ela se sentia perdida, confusa, dividida entre a família e um homem que estava começando a perceber que amava. Aria não sabia quando começou a amá-lo mas supôs que tinha sido na noite que ele a confortou depois do ataque de Lauren mas o sentimento foi cimentado pela visão de seus lindos olhos feridos.

Mas o que isso significava? Onde isso a deixava? E todos os outros?

Se ela ficasse aqui, perderia sua família, amigos e sua liberdade para sempre. Ela também teria que morrer, provavelmente mais cedo ou mais tarde. Se saísse, voltaria para seus entes queridos, de volta à vida que tanto amava, mas deixaria um grande pedaço de si mesma para trás. Um pedaço que ela não achava que encontraria de novo, na verdade, tinha certeza de que não.

Aria pensou que essa deveria ser uma escolha fácil, sua casa, sua vida e sua família, ou uma vida em um lugar que não entendia, que era cruel e assustador. Mas não estava nem perto de ser fácil. Não quando

isso significava que ela nunca mais veria Braith, nem o tocaria ou o seguraria novamente. Esse pensamento a deixou fria, vazia, dividida entre a liberdade e uma vida curta e doce.

Ela queria chorar, mas descobriu que as lágrimas não viriam. Seus olhos estavam secos e vazios como um deserto. Aria ficou sentada por horas, incapaz de se mexer enquanto os sons doces da música subiam suavemente do andar de baixo. O sol já se pusera há algum tempo; já era tarde quando Braith retornou. Ela não tinha percebido que adormeceu até sentir os braços dele envolvendo-a. Ele levantou-a gentilmente do assento da janela, embalando-a levemente contra o peito dele.

— Braith? — Ela sussurrou, embora soubesse que era. Ela o conheceria em qualquer lugar.

— Volte a dormir, amor.

Aria se enrolou mais contra o peito dele, saboreando sua força e cheiro. Seus dedos enroscaram-se dentro de seu casaco, empurrando os botões de sua camisa para descansar a palma da mão contra o peito duro e a pele levemente mais fria. Ela suspirou satisfeita quando sua mão

entrou em contato com a pele, acariciando-o levemente. Era um momento maravilhosamente seguro que ela nunca quis que terminasse.

Braith a colocou levemente em sua cama, pressionando um beijo suave contra sua testa antes de se afastar lentamente. Ela observou através dos olhos meio fechados quando ele desapareceu no banheiro, tirando o casaco e jogando-o de lado. Ele desapareceu de vista, mas ela continuou ouvindo-o enquanto ele se movia, lutando contra a profunda atração do sono que queria reivindicá-la.

Ele estava de volta antes que ela percebesse, a mão dele em seu ombro. —Você quer que eu tire o seu vestido? — Ele perguntou suavemente.

Sua boca ficou seca e seu coração pulou descontroladamente em seu peito enquanto o medo e a excitação rasgavam através dela. Foi só então que percebeu que Maggie não havia retornado, ele deve ter dito a ela para ficar longe durante a noite. O sono foi oficialmente esquecido diante da sua pergunta. Ela queria que ele tirasse o vestido? O alívio em suas costelas seria maravilhoso, mas a intimidade era aterrorizante.

Aria engoliu em seco, antes de assentir lentamente. Ela usava uma

túnica sob o vestido que a cobria tanto quanto as camisolas, e realmente queria que as malditas cordas se soltassem. E verdade seja dita, também desejava que ele continuasse a tocá-la. Suas mãos eram gentis enquanto desatava os laços, permitindo que ela respirasse com facilidade pela primeira vez em horas. Ela soltou um suspiro de alívio.

— Por que você usou essa coisa pressionando as suas costelas? — Ele perguntou suavemente.

— Porque você o escolheu. — Ela lembrou a ele.

Braith a olhou um momento, seus olhos brilhando no escuro da sala. — Eu não sabia que ficaria assim, simplesmente gostei da cor. Pensei que ficaria bonito em você. Você poderia ter dito não.

Aria deitou-se na cama por um momento, respirando lentamente para dentro e para fora, desfrutando encher seus pulmões de ar. — Maggie sugeriu isso, mas não achei que ficaria bem se eu fosse contra o vestido que você escolheu para mim.

Ele amaldiçoou suavemente quando se recostou, a mão pousando levemente em seu braço. Ele não estava mais olhando para ela, mas sim para o escuro. Ela sabia que ele estava se perguntando se seria melhor

para ela fugir e o pensamento a aterrorizou. Braith virou-se lentamente, sua mão acariciando seu braço por um momento antes de levantá-la facilmente a seus pés. Aria olhou para ele surpresa e sua boca abriu-se levemente. A boca carnuda dele se curvou em um sorriso firme quando ele deslizou o vestido para baixo, deixando-o reunir-se a seus pés no chão. Seu rosto queimava com o calor e ela se afastou dele quando saiu do material.

Somente então ela realmente notou que as pernas dele estavam nuas, assim como o peito. Braith usava apenas shorts. Seus olhos se arregalaram, sua boca ficou seca e seu coração bateu com excitação mal contida enquanto ela olhava sem fôlego para ele. — Arianna?

Ela o olhou por baixo dos cílios, lutando para controlar seu constrangimento, mas falhando miseravelmente. — Meus amigos me chamam de Aria. — Disse ela, por falta de mais nada a dizer ou fazer.

Sua mão era gentil enquanto acariciava sua bochecha, inclinando seu rosto para que ela tivesse que olhá-lo. — Somos um pouco mais que amigos, você não acha? — Ele perguntou suavemente.

Seus olhos se arregalaram, seu coração pulou em sua

garganta. Não havia mais palavras nela, não havia nada que ela pudesse dizer sobre isso, porque era verdade. Eles eram mais que amigos, e naquele momento ela teria feito qualquer coisa que ele quisesse. Aria se aproximou dele, apoiando as mãos no seu peito nu, maravilhada com a ampla e bem musculosa extensão enquanto seus dedos se arrastavam ligeiramente sobre ele. Ele estava imóvel sob o toque dela, deixando-a explorá-lo como bem entendesse e ela desejava tocar nele todo, mas suas mãos congelaram nas duras cristas do abdômen esculpido.

Sua mão acariciou sua bochecha e Braith a puxou para frente, beijando sua testa suavemente enquanto a segurava levemente contra ele. — Você é linda, Arianna.

Ela piscou surpresa, de boca aberta. Ninguém jamais disse isso a ela, e, embora soubesse que não era verdade, não conseguia parar a emoção do prazer que corria por suas palavras. Parecia que ele queria dizer isso. — Não sou, Braith, mas obrigada...

— Sim, Arianna, para mim, você é a mulher mais linda do mundo.

Lágrimas queimavam em seus olhos e ela procurou seu olhar, mas tudo que viu foi a honestidade e a necessidade irradiando de volta para

ela. Seus dedos se curvaram contra sua pele e o amor floresceu rapidamente através de seu peito. Ela não podia lutar contra a onda de emoção que estava tomando conta de si. A necessidade em seus olhos, ela percebeu, era mais do que sexual, porém, havia uma fome ardente em seu olhar que a intrigava. Mas sabia o que era, o que ele tão desesperadamente precisava e queria dela.

O que ela poderia dar a ele, a fim de ajudar a aliviar a fome.

— Você se alimentou esta noite, Braith? — Seus olhos tremeram levemente, sua mão convulsionou ligeiramente em sua bochecha. Ela agarrou a mão dele, apertando-a contra a bochecha. — E por que não? — Ela perguntou suavemente.

Ele balançou a cabeça, os olhos se fechando por um breve momento. — Eu não posso me alimentar com a mesma frequência de antes. — Respondeu ele.

Ela franziu o cenho, confusa por suas palavras até que a percepção daquilo a inundou. — Porque se você fizesse, eles se perguntariam o que você estava fazendo comigo. — Ela disse suavemente. — Para o que eu serviria se você estivesse se alimentando de todos os outros.

Ele não disse nada, apenas olhou para além dela na parede dos fundos. Sua mandíbula cerrou mais forte e a mão tremeu em sua bochecha antes de enrolar lentamente em seu cabelo. — É mais do que isso, Arianna. — Disse ele suavemente.

Ela inclinou a cabeça para trás, bebendo a visão dele. Ele era magnífico, perfeito e, por enquanto, naquele momento, eram somente eles mesmos. Não havia escravo de sangue e mestre, não havia Jack e Max, nem a floresta e a família dela existiam. Eram só eles, e não precisavam se preocupar ou temer qualquer outra coisa, não aqui.

— Então o que é?

Ele se inclinou para perto dela, a boca a poucos centímetros da sua e os olhos fixos nos dela. Sua mão se enredou levemente no cabelo dela, puxando a cabeça ligeiramente para o lado. Sua outra mão percorreu levemente sua pulsação acelerada e sentiu a veia pulando. Seu dedo permaneceu sobre ela, seus olhos dilatados a quase pequenos pontos enquanto a fome escorria dele. — Seu sangue é o único sangue que eu quero desde que pus os olhos em você. Nada mais poderia me satisfazer completamente.

Um soluço ficou preso em sua garganta. Ela só podia olhá-lo com admiração quando ele se inclinou para beijar sua garganta. Seus lábios eram suaves, gentis, amorosos, mas abaixo deles ela podia sentir a pressão dura de suas presas. Ele tentou mantê-las longe dela, tentou não deixá-la saber que estavam lá, mas ela sabia, e ainda mais do que isso, tudo nela estava excitada com o pensamento delas. Seu sangue bombeava com mais força e arrepios estouraram em sua pele. Suas mãos se curvaram contra seus duros músculos enquanto ele soltava beijos suaves ao longo de seu pescoço, sua bochecha, antes de roçar suavemente contra seus lábios.

Os joelhos de Aria tremeram, seu corpo todo tremia contra ele, mal conseguindo ficar de pé enquanto sua língua tocava levemente seus lábios. Ela engasgou mas sua boca se abriu ansiosamente para a invasão de sua língua. O braço dele segurou sua cintura enquanto a levantava, mantendo-a apertada contra ele. Aria colocou os braços ao redor de seu pescoço, agarrando-se enquanto ele a deitava na cama, nivelando-se lentamente por cima dela.

O peso do corpo de Braith era maravilhoso, *tudo* nele era maravilhoso. Ela queria que este momento nunca terminasse, que nada

disso parasse. Ela desejou poder congelar o tempo, simplesmente deitar aqui, com ele, e aproveitar a maravilha deste momento. Ela desejou que eles nunca tivessem que encarar o mundo, ou qualquer uma das coisas horríveis que o cercavam, nunca mais. Embora os pensamentos do mundo real tentassem se intrometer, ela os afastou. Não importa o que acontecesse, ela ia aproveitar esta noite. Eles teriam ao menos um momento de pura felicidade e paz.

Seu beijo se tornou mais urgente, desesperado. Ela podia sentir a fome que ele irradiava, a necessidade. Sua cabeça estava girando; seu corpo completamente fora de controle enquanto se agarrava a ele, usando-o como uma âncora para um mundo que era tão enlouquecido quanto um tornado. Suas mãos acariciaram-na suavemente, movendo-se sobre ela em um sussurro de uma carícia que a fez tremer em todos os lugares. Seus lábios estavam em seu pescoço, seus dentes esfolando sua garganta, mas ele não mordeu.

E não iria, ela percebeu, a menos que ela também lhe desse permissão.

Aria tremia, perto das lágrimas quando virou a cabeça, enterrando o rosto no pescoço forte dele. Ela o beijou suavemente, agarrando-se a

seus braços enquanto tentava se estabilizar, tentando manter-se firme apesar de saber que era impossível. — Está tudo bem. — Ela sussurrou. — Eu permito. Isso é o certo.

Ele não pareceu ouvi-la a princípio, já que não parou de beijar sua orelha. Então seus braços se fecharam com força, os músculos tensos se destacaram enquanto ele congelava. Braith não se moveu por um longo momento, e então se afastou um pouco dela. Ela acariciou seu rosto, empurrando seus cabelos escuros para o lado enquanto traçava as cicatrizes circulando seus olhos. — Arianna?

Seus dedos se moveram sobre as maçãs do rosto, depois para a curva dura de sua boca carnuda. Trilhou seus lábios, mas ele recuou um pouco quando ela tocou os longos dentes abaixo deles. — Não. — Ela disse suavemente, recusando-se a deixá-lo se afastar dela. Sua testa franziu em confusão, mas ele não tentou se afastar mais. Ela ficou chocada ao perceber que a sensação de correr os dedos sobre os dentes pontiagudos era tentadora e maravilhosa. Não estava nem um pouco assustada com isso, como pensava que ficaria. Em vez disso, queria mais dele. Muito mais. — Está tudo bem. — Ela disse novamente, com os dedos em seus dentes. — Você está com fome e eu posso aliviar isso. Eu

quero isto, Braith.

— Arianna. — Sua voz era um gemido cheio de dor baixa quando ele baixou a cabeça em seu ombro. Seus ombros tremiam embaixo dela; a tensão nele era quase palpável. — Você não sabe o que está pedindo.

— Sim, sei, eu peço por você. — Sua agitação aumentou; suas mãos já não a acariciavam tanto enquanto ele congelava, a mão segurando a parte de trás de sua cabeça. Seu coração inchou de amor, com necessidade. Ele estava lutando tanto contra si mesmo, se contendo porque estava com medo de machucá-la, quando ela estava oferecendo prontamente a única coisa da qual ele mais precisava. — Eu permito.

Ela segurou a parte de trás de sua cabeça, gentilmente virando-a em direção ao seu pescoço. Seus músculos tremeram quando ele pressionou suas longas presas contra sua pulsação acelerada. — É seu, Braith. *Eu sou* sua. Pegue. Leve *me*. Eu quero ser aquela que satisfaz você, não elas. Nenhuma outra.

Ele gemeu alto, e então seus braços se agarraram firmemente ao redor dela. Aria sentiu o estalo nele, o ponto onde ele perdeu o controle

e sua fome e desejo assumiram. Braith recuou um pouco antes de atacar. Arianna engasgou, seus dedos cravaram fortemente em suas costas enquanto seus dentes perfuravam através de sua pele e golpeavam profundamente em sua veia. Por um momento o mundo inteiro ficou embaçado, ela não conseguiu pensar em nada e não viu nada além dele. Ele estava em toda parte, sobre ela, nela, tirando uma parte dela quando ele mordeu mais fundo, seus dentes afundando completamente.

E então, lentamente, eles se tornaram entidades separadas novamente. Ela podia ver sua fome, sua sede, sua necessidade enquanto a consumia, bebendo mais do que já tinha bebido de alguém antes. E de alguma forma, embora ele não dissesse isso, ela sabia que isso era verdade, pois seus pensamentos pareciam misturar-se nas bordas de sua consciência. Ele nunca havia bebido assim antes. Nunca engoliu e consumiu essa quantidade e queria mais do que poderia ser possível. Ele queria tudo dela, nunca conseguiria o suficiente, nem *nunca* se fartaria dela. E ela não queria que ele parasse.

Braith empurrou-a mais duro no colchão enquanto a mordia bruscamente. Ela ouviu cartilagem estalar, *sua* cartilagem, mas ela não

se importou. Não doeu; ela não sentia nada acima da ganância de ter o seu sangue sugado avidamente. Ela sabia que deveria estar com medo e que isso estava indo muito além de seu controle, ou do dele, mas ela não estava. Contanto que ela estivesse em seus braços, sabia que nunca mais ficaria com medo. Se ele a matasse agora, ela não conheceria um momento de medo, mesmo que pudesse sentir o sangue sendo engolido ansiosamente por ele.

Aria podia sentir o líquido escorrendo pelo seu pescoço, manchar o colchão e sua túnica, mas ela ainda assim não sentia uma centelha de medo. Em vez disso, seu coração se encheu de amor, e seu corpo ferveu e inchou até que transbordasse dela.

Não foi até que ele rosnou baixo, e mordeu ainda mais forte, que percebeu que as palavras que *eu amo você* estavam derramando dela em um refrão monótono que ela não podia parar até que uma onda de escuridão a invadisse. Ela entrava e saía da consciência, lembranças agradáveis surgindo para engoli-la, antes de se afastarem lentamente de novo. Os sonhos iam e vinham, as sombras giravam em sua mente. Braith estava segurando-a, embalando-a, sussurrando para ela não deixá-lo, mas ela queria que ele soubesse que ela nunca iria deixá-lo, e

lhe disse isso repetidamente.

Ele ofereceu-lhe algo que estava em seu pulso. Mas ela o afastou, dizendo-lhe que tinha tudo o que queria agora, pois já tinha a ele, mas Braith levou o pulso dele em sua boca e a fez engolir o que estava nele. Era doce, e tinha gosto dele, e embora ela não quisesse a princípio, se viu tomando mais e mais, agarrando-se a ele enquanto consumia o que lhe era oferecido.

Ela pensou tê-lo ouvido sussurrando eu te amo enquanto bebia avidamente, até que vagarosamente voltava para uma profunda felicidade que sabia que nunca poderia ser rompida.

Capítulo Treze



— Aria! Aria! Arianna! — Ela gemeu baixinho enquanto tentava se afastar das mãos incessantes que a agitavam, mas elas se agarravam a ela, recusando-se a soltar-se quando a sacudiram novamente. Desta vez mais forte. — *Arianna*!

Ela bateu nas mãos, tentando se libertar, mas estava tão cansada e elas simplesmente não a deixaram ir. — Pare! — Ela protestou.

— Levante-se Aria, você tem que se levantar! — Era a urgência da voz que finalmente atravessou a névoa de felicidade e exaustão que se agarrava ao seu corpo e mente. Ela abriu um olho, franzindo o rosto embaçado diante dela. Era muito esforço para se concentrar no rosto, em vez disso, seu olho se fechou e ela se aconchegou mais profundamente na deliciosa cama embaixo dela. A voz praguejou alto novamente e antes que ela soubesse o que estava acontecendo, foi levantada da cama e atirada por cima do ombro de alguém. Ela balbuciou em descrença

quando foi girada em círculo e depois jogada na cama mais uma vez.

— Levante-se, Aria ou eu vou jogá-la na banheira.

Ela piscou surpresa, tentando clarear sua visão embaçada. Eventualmente, seus olhos começaram a se concentrar e ela franziu a testa em surpresa e descrença quando Jack entrou em foco. Ela ficou boquiaberta de horror, saltando de pé na cama enquanto puxava o edredom contra o peito. — Jack!

Ela estava completamente desorientada, fora de ordem e perdida. Estava na cama de Braith, não estava? Mas onde diabos estava Braith e o que diabos Jack estava fazendo aqui? —Onde está Braith?

Jack se afastou dela, procurando por algo, mas ela não sabia o que era até que uma pilha de roupas caiu no seu colo. Ela olhou para as calças e camisa de algodão em descrença. Elas eram semelhantes às roupas que usava na floresta, exceto que eram pretas como breu em vez de verdes ou marrons. — Ele foi chamado para uma reunião do conselho com nosso pai. Vista-se. Temos que ir rapidamente, antes que ele volte.

— Espere! O quê? — Ela arquejou.

— Nós temos que ir, Aria! Agora! —Ele retrucou impaciente. — Vista-se antes que ele volte.

O horror inundou-a. Ir? Agora? Deixar Braith? Não, não, ela não podia. Não depois da noite passada; ela *nunca* poderia deixá-lo depois da noite passada. — Não Jack, não, eu não posso.

— Aria…

—Não, você não entende Jack. Eu não posso ir, simplesmente não posso.

Ele agarrou suas bochechas, empurrando seu rosto no dela. — *Você* não entende, Aria. Esta é a nossa única chance de escapar, se você não sair agora, então ficará aqui, e seu pai virá por você e ele *vai* morrer. Agora levante-se e vista-se.

Ela olhou boquiaberta para Jack, depois para as roupas e voltou para Jack. Sua mente girou, seu coração vibrando rapidamente. Ela não podia deixar Braith, não podia. Ela o amava! E embora não estivesse completamente certa, ela pensou que ele poderia ter dito que também a amava na noite passada. Mas tudo estava tão nebuloso, tão distorcido e confuso, e foi tão maravilhoso que ela mal podia conter sua excitação

por causa disso. Até que o horror dessa situação, aqui e agora, voltou a aparecer a frente.

— Aria...

— Não Jack, não. Eu quero ficar. Não posso deixá-lo, não quero.

Os olhos de Jack se arregalaram de surpresa, as manchas azuis neles eram mais claramente visíveis quando ele a olhou boquiaberto. — Jack, por favor...

— Você não pode ficar aqui Aria, eu não posso deixar isso acontecer. Apesar de tudo, seu pai virá atrás de você.

— Não! — Ela agarrou as mãos de Jack. — Isso não vai acontecer se você disser a ele que eu estou morta Jack, que eu morri.

— Mas e Max...

— Diga a Max a mesma coisa.

A mandíbula de Jack enrijeceu, suas narinas se alargaram. Ele olhava para Aria como se não a reconhecesse, como se não tivesse a menor ideia de quem ela era. E verdade seja dita, ela realmente não

sabia quem era também. Tudo o que sabia era que seu coração estava com Braith e ela não podia deixá-lo.

— Max está aqui, Aria. Ele sabe que você está viva. Está vigiando agora mesmo. — Seus olhos se arregalaram e seu olhar disparou rapidamente ao redor do quarto enquanto procurava por Max, mas ela não o viu em qualquer lugar. Desapontamento a encheu; ela queria ver seu amigo de novo, pelo menos mais uma vez. Queria ter certeza de que ele estava bem, mas ela não podia sair.

— Então diga a eles que estou feliz, Jack, porque eu estou. Eu ... eu ... — Ela parou, seus dedos agarraram o cobertor. Aria deu um suspiro suave antes de se voltar para o irmão de Braith. — Eu o amo, Jack.

Os olhos de Jack se arregalaram, ele se sentou quando sua boca abriu em horror. — Aria...

Ela agarrou a mão dele enquanto se inclinava para frente. Estava desesperada para ele entender, ouvir e acreditar no que ela estava dizendo. Ela sabia o que Jack era agora, mas ficou surpresa ao perceber que ainda confiava nele; que ainda acreditava nele, e ele era o único que poderia ajudá-la agora. — Eu sei que não faz sentido, mas eu o amo e

quero ficar com ele.

O olhar de Jack ficou piedoso. — Aria…

— Por favor, Jack, eu...

Ele agarrou seu rosto, suas mãos embalando levemente suas bochechas. —Ele tem uma noiva Aria.

Suas palavras cessaram, crepitaram e morreram. Horror a chocou e ela não conseguiu respirar, não podia se mover. Só pôde ficar sentada olhando para ele, de boca aberta. Seu coração já não batia mais quando algo dentro dela se coagulou e morreu. — Não, não é possível, ele ... não.

— *Sim*, Aria. Eles estão prometidos há mais de um ano. Eles vão se casar em seis meses.

Ela não conseguia respirar; estava sufocando no ar que precisava desesperadamente que entrasse em seus pulmões. Sons estranhos vinham dela e nenhum deles pareciam ser humanos. Ela não se sentia mais humana como seu coração retalhado, seu peito contraído, e um gemido de dor morreu dentro dela. Jack a segurou enquanto ela se balançava para frente, incapaz de compreender completamente suas

palavras, incapaz de funcionar através da dor agonizante que a consumia.

— Sinto muito Aria, sinto muito, mas você não pode ficar aqui. Ela matará você assim que o casamento terminar e ele não poderá salvá-la. Ele é meu irmão, mas nunca ficará contra o meu pai. É a maldição do primogênito; ser aquele criado para um dia governar o reino e fazer como esperado. Agora, você precisa se recompor, temos que sair daqui.

Ele a puxou para fora da cama, depositando-a em suas pernas trêmulas. —Não me faça ter que vestir você, Aria.

Ela balançou a cabeça entorpecida, as lágrimas escorreram pelo seu rosto enquanto agarrava as roupas que ele empurrou para ela. Aria só conseguia olhá-lo entorpecida e quebrada para ele. Odiava a terrível pena em seus olhos, odiava o fato de que ela parecia tão fraca e patética agora.

— Temos que ir, vista-se.

Jack se virou. Suas mãos tremiam quando ela puxou a túnica sobre sua cabeça. Ela ainda usava as roupas de baixo de ontem, mas estava tremendo tanto que sabia que nunca seria capaz de tirá-las. Ele estava

noivo? Ele estava *noivo*! Eram as únicas palavras que passavam por sua cabeça, a única coisa em que ela conseguia se concentrar. Ele estava noivo e ele nunca havia dito a ela. Ele dormiu ao lado dela, abraçou-a, beijou-a e se *alimentou* dela. Ele a usou e, durante todo o tempo, soube que tinha uma noiva. Ela nunca sonhou com um futuro para eles, mas nunca esperou essa traição. Se ele tivesse dito, ela nunca teria permitido que as coisas chegassem tão longe, nunca teria permitido que ele a tocasse e a abraçasse. E com certeza *absoluta* não teria permitido que ele se alimentasse dela.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto, ela não conseguia fechar os botões. Jack estava de volta diante dela, seus olhos tristes, a simpatia neles quase mais do que ela podia suportar. — Você deixou que ele se alimentasse de você. — Aria piscou quando ele abotoou a blusa rapidamente. Ela não estava envergonhada de que Jack estivesse vendo muito dela, nada mais poderia perturbá-la neste momento. Ele agarrou seus ombros, sacudindo-a suavemente. — Aria, você precisa me ouvir, e precisa se concentrar em mim por um momento, é importante.

Ela conseguiu um aceno de cabeça e mal conseguiu isso. — Ele se alimentou de você. — Não foi uma pergunta. Na verdade, era bastante

óbvio que Braith se alimentou dela quando suas roupas estavam manchadas de sangue, assim como a cama, e ela ainda podia senti-lo contra o pescoço. Ela estremeceu ligeiramente quando Jack roçou o sangue em seu pescoço, esfregando-se contra as feridas doloridas em cima dela. — Ele deu a você algum sangue dele?

— Como? — Ela perguntou surpresa.

Jack estava ficando frustrado com ela. — *Pense* Aria! Isso é importante! Você se alimentou dele? — Ele perguntou claramente.

Aria piscou enquanto tentava recordar a noite, mas sua mente e seu corpo se afastaram das lembranças dolorosas. Era demais. Ela não conseguia pensar nisso. Tudo tinha sido uma mentira. Uma mentira cruel e brutal que ela pensou ter significado muito mais, quando na verdade não significou absolutamente nada para ele. Ela não era nada além de uma escrava de sangue depois de tudo. Ela não sabia por que ele havia esperado tanto tempo para se alimentar dela, e não queria pensar sobre isso. Não havia como descobrir o que ele estava pensando, fazendo ou o porquê. Aria não era cruel e manipuladora como ele, nunca entenderia porque Braith fez isso com ela. Não importava. Nada mais tinha importância. Pela primeira vez em sua vida, ela tinha sido

uma idiota permitindo que suas defesas caíssem e assim conseguiu o que sempre esperou em troca. Nada.

— Aria! — Jack rosnou.

Ela piscou para focá-lo, balançando a cabeça ligeiramente. —Não, eu ... Não. O que importa afinal?

— Importa muito! Você tem certeza?

Ela mordeu o lábio inferior. Houve sonhos, tantos sonhos maravilhosos de paz e amor e segurança. Houve até um sonho sobre algo doce e maravilhoso, mas tudo isso não passou de sonhos. Eles não poderiam ter sido mais do que isso, ele estava comprometido, afinal, e nunca teria dito a ela que a amava. Porque o coração dele já pertencia a outra pessoa. Sonhos, nada além de estranhos sonhos *destruídos* .

— Não. — Ela sussurrou. — Não, eu não fiz.

Jack soltou um suspiro de alívio e assentiu. — Bom, muito bom. Precisamos ir.

Ela não respondeu quando ele segurou seu braço, puxando-a através da biblioteca, pela sala de estar, e depois para o quarto que ela

usou na primeira vez na chegada. Max estava de pé junto a uma porta aberta que ela nunca viu antes e que aparentava ter aparecido magicamente na parede ao lado da cama em que ela dormiu. Os olhos de Max se arregalaram quando ele avistou Aria. Por um momento, a visão de seu amigo foi o suficiente para fazê-la esquecer sua dor. Um suave grito de felicidade escapou quando ela correu para frente, atirando-se em seus braços abertos. Ele havia perdido peso, seu rosto estava magro, seus olhos eram muito mais sábios e tristes, mas seus braços ainda eram quentes e seguros enquanto a envolviam firmemente.

— Mais tarde, mais tarde. — Jack estava empurrando-os para a porta aberta, em direção a um túnel escuro.

— O que é isso? — Aria engasgou.

— Túneis de segurança, todos os apartamentos os possuem. Eles saem do palácio. Temos que ir rápido embora; eles nos matarão se nos encontrarem e, pessoalmente, não sinto vontade de ser pego e marcado como um traidor. Não é uma morte agradável. — Informou Jack.

Aria imaginou que provavelmente não fosse. Ela manteve a mão apertada em Max, tomando força em seu toque quente. Estava lutando

para não chorar enquanto eles fugiam pelos túneis escuros com Jack liderando o caminho. Ela mal podia ver através da escuridão, mas Jack se movia com velocidade e segurança infalíveis. Aria não olhou para trás até que eles chegaram ao fim do túnel, e então ela parou, só por um momento. Jurou que nunca olharia para trás depois disso, nunca pensaria em nada que tivesse acontecido dentro daquelas paredes odiadas novamente. Embora quisesse desesperadamente que tudo isso fosse verdade, sabia que estava mentindo para si mesma.

Ela olhou para o túnel escuro por um longo momento. Seu coração estava quebrado; seu peito doía com a força da agonia que a consumia. Estava deixando aquele palácio e aquele mundo para trás, nunca mais voltaria à ele, mas sabia que isso a perseguiria pelo resto de sua vida. Ela nunca escaparia do que havia acontecido dentro daquelas paredes, nunca estaria livre da agonia infligida a ela. Embora não quisesse que fosse verdade, sabia que era. Aria também sabia que nunca mais seria a mesma; que a mulher que saía desse túnel era muito diferente da garota que entrou no palácio pela primeira vez como prisioneira.

Max pegou sua mão, puxando-a para frente, arrancando-a de seus pensamentos melancólicos. Ela se virou, lutando contra as lágrimas de

mágoa e raiva que queimavam seus olhos. Ela nunca mais olharia para trás; especialmente agora que possuía novamente sua liberdade e logo teria sua família.

Eles mergulharam no maravilhoso santuário de seus amados bosques, obscurecendo-se facilmente com a floresta circundante.



Braith estava tremendo; a raiva o consumia, fervendo em seu sangue, fazendo com que sua escuridão eterna revelasse um tom feroz de vermelho. Ela se foi. Ele sabia disso no momento em que pisou de volta em seu apartamento. Sentiu a ausência dela quando estava no andar de baixo, mas só depois que ele voltou é que a falta da sua luz e beleza confirmaram seu medo.

Keegan choramingou baixinho, afastando-se lentamente da perna de Braith, escapulindo para o entulho quebrado que cobria o quarto. Dizer que ele perdeu a paciência seria um eufemismo; ele estava furioso, possesso consigo mesmo, furioso com Jericho e com ela. Ele sabia que seu irmão mais novo estava por trás disso, não havia mais ninguém que

pudesse tirá-la desses aposentos sem ser visto. Não havia mais ninguém que soubesse quando Braith não estaria presente, e onde o túnel dentro de seu apartamento estava localizado.

— Sua Alteza. — Ele se virou lentamente ao som da voz vacilante. Suas mãos apertaram firmemente a cabeça de sua bengala, acessório que precisaria agora que havia destruído o quarto. Havia obstáculos que não existiam antes, e ela não estava mais presente para iluminar seu caminho. — Não há sinal deles fora dos muros do palácio.

— Claro que não há. — Ele rosnou. Jericho era esperto e rápido e já estaria muito longe agora. Usando sua bengala, Braith manobrou seu caminho através dos destroços quebrados de sua mobília. Sua demonstração de temperamento e destruição poderia ser atribuída ao fato de seu irmão ter roubado seu escravo de sangue; todos da sua espécie entenderiam a traição, a ferida em seu orgulho e a negação de seu brinquedo. Mas quando ele parou na porta do seu quarto, sabia que era muito mais do que isso.

O cheiro do sangue dela o assaltou, queimando em suas narinas, flamejando através de seu corpo e causando uma fome dolorosa que o ameaçava explodir. Ela tinha sido tão maravilhosa, tão livre e generosa

a noite passada e muito deliciosamente satisfatória. Seu sangue era delicioso, encheu e alimentou-o de uma forma que ele nunca antes se sentiu tão nutrido ou preenchido. Mas ainda mais potente que o sangue dela, foram suas palavras. Palavras sussurradas de amor repetidas vez após vez enquanto ela se agarrava a ele. Palavras que ele nunca ouviu antes, mas que adorou e acreditou. Assim como ele acreditou no voto dela de nunca deixá-lo, de ficar com ele sempre.

Mentiras, tudo tinha sido mentira, e ele foi um idiota por acreditar nelas. Ele segurou a cabeça da bengala com mais força, lutando contra a vontade de derrubar a parede. Queria arrancar o membro do seu irmão e desejava sacudi-la, agarrá-la, fazê-la dizer por que ela lhe ofereceu seu sangue, por que lhe disse que o amava e depois o deixou na manhã seguinte.

Era a traição que o deixara mais irritado, a traição que o fazia querer caçá-los e destruí-los. E ele podia encontrá-la muito facilmente.

Ele poderia rastreá-la através de seus preciosos bosques, agarrá-la, arrastá-la de volta para cá e trancá-la em um quarto pelo resto de sua vida miserável. Ele poderia fazê-la pagar caro por sua traição, fazer seu irmão pagar. Ele poderia fazer das suas vidas um inferno se assim

escolhesse. Ele poderia destruí-los, arruiná-los completamente. Arianna pode não saber que ele poderia encontrá-la quando quisesse, mas seu irmão deveria saber. Jericho deveria saber que Braith o faria pagar por sua perfídia, que iria atrás deles e que faria Jericó pagar por ajudá-la e fazê-la pagar por suas mentiras.

— O outro escravo de sangue? — Ele rosnou, voltando-se para o servo.

Ele podia ouvir o homem se mexendo nervosamente; sentindo o medo saindo dele. — Se foi também, Sua Majestade.

A raiva o inundou mais uma vez; ele não conseguiu se impedir de quebrar sua bengala na parede. O impacto atingiu sua mão, a vara quebrou, enviando pedaços de destroços quebrados voando. Ele não tinha certeza se foi Keegan, ou o criado que gritou em resposta. Braith ficou parado por um momento, tremendo de raiva, mal conseguindo manter sua fúria sob controle.

— Traga-me uma nova bengala. — Ele rosnou.

O criado se afastou, com os pés desordenados sobre os escombros. Braith permaneceu por algum tempo, tentando recuperar o

controle de si mesmo e de suas emoções balançando descontroladamente. Passou muito tempo antes de se sentir calmo o suficiente para se mover novamente sem rasgar algo em pedaços. Demorou ainda mais antes que ele pudesse pegar uma nova bengala do criado, sem medo de matar o inocente.

— Vamos atrás deles, vamos fazê-los pagar. — Braith se virou ao som da voz de Caleb. Era engraçado que ontem Jericho tivesse sido seu favorito, e que agora ele o desprezasse ainda mais do que Caleb. — Já há homens se reunindo para caçá-los.

Braith ficou em silêncio por um momento, ele poderia caçá-la, poderia encontrá-la em questão de horas, mas não quis fazer isso. Ele não queria aquela cadela traidora em sua vida, *nunca* mais queria vê-la novamente. Ele preferia seu mundo de negrume à visão de seu rosto desleal e hediondo. Ela queria tanto a sua liberdade que mentira e manipulara, pois, no que lhe dizia respeito, ela poderia tê-la. Ela poderia ficar com fome e frio e ter tudo o que ela tanto queria.

Ele não queria mais nada com ela e não iria ficar em seu caminho.

— Jericho foi rotulado de traidor.

— Ele é. — Disse Braith suavemente.

— Há uma grande recompensa por sua cabeça; não deve demorar muito até que uma das massas famintas o entregue. Tenho certeza de que os outros dois escravos estarão em sua vizinhança, o que pode significar certamente que ele os entregará tão rapidamente quanto se voltou contra nós quando o encontrarmos.

Braith assentiu, envolvendo as duas mãos ao redor da cabeça de sua nova bengala. — Se ele for encontrado, quero que ele seja trazido para mim. Eu quero todos eles trazidos diretamente para mim.

— Claro. — Caleb murmurou.

Braith se reclinou, fechando os olhos enquanto tentava não pensar na profundidade de sua traição. Ele não os caçaria, não iria para a floresta depois que as duas pessoas em quem ele confiava o traíram. Mas se eles fossem capturados e trazidos de volta para cá, ele seria o único a ter certeza que Jericho fosse destruído, e seria o único a entregá-la a Caleb, um dos vampiros mais cruéis que ele conhecia. E então ele se sentaria e apreciaria os sons de seus gritos enquanto Caleb fazia o que fazia de melhor.

Até então, se empanturraria com tanto sangue quanto fosse necessário para ajudá-lo a esquecer essa terrível bagunça.

Ele se moveu em direção a Caleb, finalmente começando a entender a crueldade e o ódio de seu irmão quando essas emoções começaram a se coagular por suas entranhas, movendo-se através de seu peito e enterrando sob sua força esmagadora. Ele nunca havia experimentado essas emoções profundas antes, mas apreciava o ódio e a sede de sangue, pois eram as únicas coisas que enterravam sua traição e dor.

— Limpe essa bagunça. — Ele rosnou para o servo.

Keegan choramingou baixinho enquanto caminhava lentamente atrás de Braith, seguindo-o até as masmorras. O lobo nunca esteve aqui nesse local e fazia anos que o próprio Braith esteve aqui embaixo, principalmente porque desprezava aquilo. Mas agora se encontrava desejando, necessitando com uma ferocidade que o deixava abalado. Ele bateu as portas das masmorras abertas e o cheiro de humanos e medo o assaltou. Esses eram os escravos de sangue da família real, pelo menos até serem drenados e descartados para dar lugar a outros.

Ele se moveu rapidamente, parando apenas brevemente para pegar três mulheres atrás das grades. Ele não sabia como elas eram, mas o cheiro do sangue delas não era tão repulsivo quanto alguns dos outros. — Mande limpá-las e trazê-las para mim. — Ele ordenou aos guardas.

Braith poderia não ter Arianna agora, mas com certeza satisfaria sua fome e tentaria aliviar um pouco de sua fúria. Foi divertido, uma garota magra e suja conseguiu fazer em um mês o que seu pai não conseguiu fazer em novecentos anos.

Transformá-lo em um monstro frio e sedento de sangue.



Fim...Por enquanto.

Esperamos que tenha gostado desta aventura sobrenatural!

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro.
Não se esqueça de comprar nossos autores favoritos, se estiver dentro de suas possibilidades financeiras.
E publicado no seu idioma. Sem eles, não poderíamos desfrutar de todas essas histórias maravilhosas.

Não distribua nossas traduções abertamente na internet, respeite nosso trabalho voluntário.